

05
31
103
27

16.

429
29346

PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

(CRONICAS DOS CAMPOS DE BATALHA)

POR

ALMADA NEGREIROS

COM UMA PREFEÇÃO

DO

Dr. Bernardino MACHADO

PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUEZA



LIVRARIA GARNIER FRÈRES

EDITORA

PARIS, RIO DE JANEIRO, LISBOA

Clichés do "Monde Illustré".

COMPRA

R.173375

H.G.
29346

ALMADA NEGREIROS

Correspondente de guerra do "Seculo"

PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

I

A INICIAÇÃO DOS "SERRANOS"⁽¹⁾

(CRONICAS DOS CAMPOS DE BATALHA)

COM UMA PREFEÇÃO

DO

Dr. Bernardino MACHADO

PRESIDENTE DA RÉPÚBLICA PORTUGUEZA

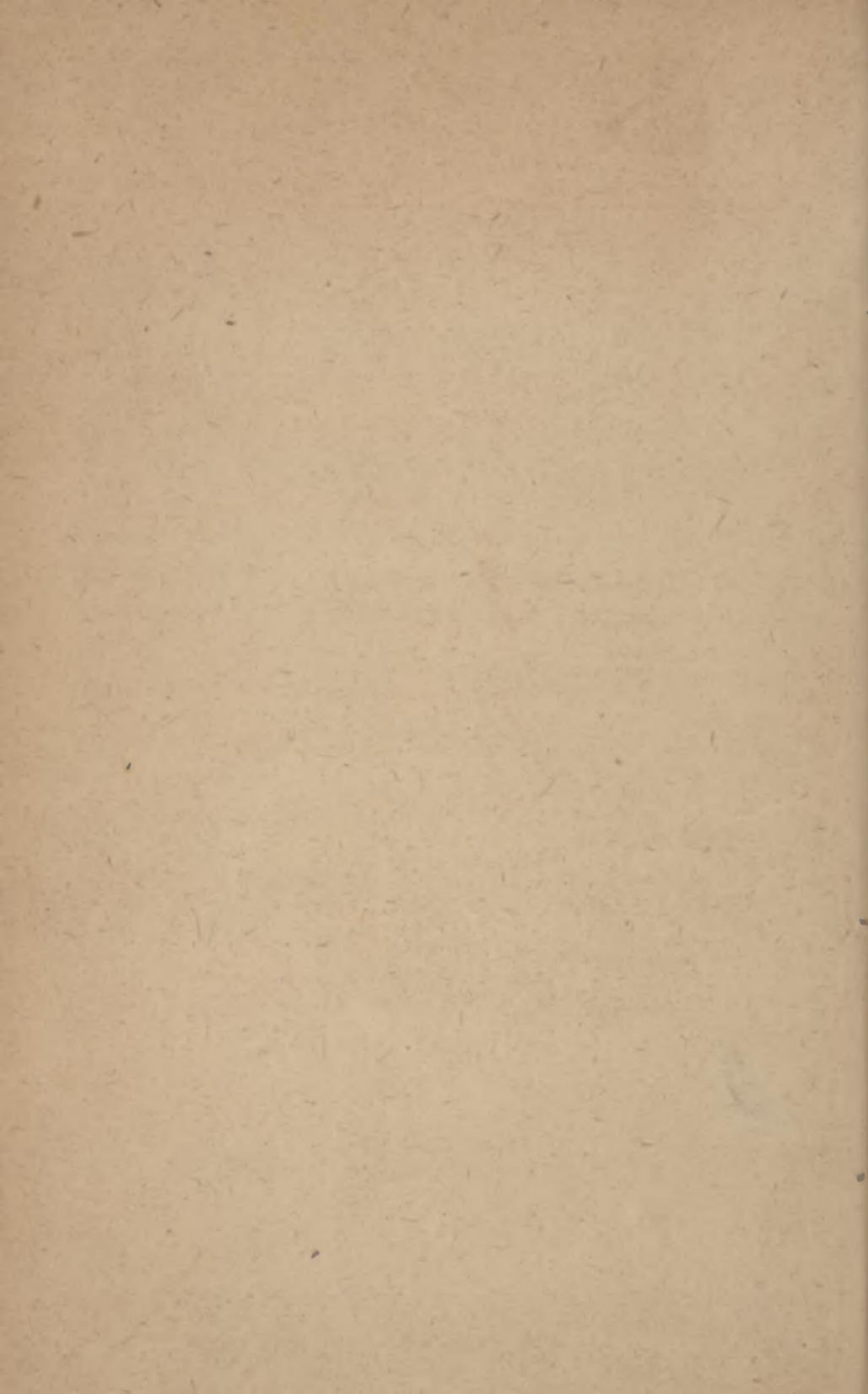
*

LIVRARIA GARNIER FRÈRES

EDITORA

PARIS, RIO DE JANEIRO, LISBOA

1. "Serrano" é o nome generico pelo qual os "tommies" e os "poilus" designam os soldados do Corpo Espedicionario Portuguez que combatem em Franca.



NOTA DO EDITOR

As crônicas que séguem foram escritas ao som dos canhões. São sinceras reproduções de factos historicos. São a primeira emanação da atmosfera das batalhas em que os portuguezes tomaram parte. São tambem um documento eloquente do valor militar da raça portugueza, mais uma vez posta á prova.

Todos os capitulos d'este livro, publicados, em grande parte, no jornal "O Seculo", de Lisboa, foram revistos e autorizados pelas censuras portugueza e ingleza na frente Occidental.

N. D. E.

OBRAS DO MESMO AUTOR :

Em Portuguez

Historia Etnografica da Ilha de S.-Tomó (1892)	1 vol.
Equatoriaes (1896)	1 vol.
Senhor, pão! a proposito do Centenario da India (1897)	1 vol.
A Teia dos Cardeaes (1909). (Ainda não dada a lume)	1 vol.

Em Francez

La colonne commémorative (padron) de Diogo Cão (1900)	1 vol.
L'île de San-Thomé (1901)	1 vol.
La main-d'œuvre en Afrique (1901)	1 vol.
L'Angola (1905)	1 vol.
Le Mozambique (1904)	1 vol.
L'agriculture dans les Colonies Portugaises (1905)	1 vol.
L'Épopée Portugaise (1906)	1 vol.
Les Colonies Portugaises. Études documentaires (1907)	1 vol.
L'organisation judiciaire aux Colonies (1908)	1 vol.
L'instruction dans les Colonies Portugaises (1909)	1 vol.
Le cacao portugais et la main-d'œuvre indigène (1910)	1 vol.
Les organismes politiques indigènes (1911)	1 vol.

Em preparação (em francez)

Politique coloniale internationale (já impresso)	1 vol.
Le capital aux colonies	1 vol.
La flore du Mozambique (Monocotylédonées)	1 vol.
Le fonctionnarisme dans les colonies latines	2 vol.

(Em portuguez)

Portugal na grande guerra : A refréga diaria	1 vol.
--	--------

PREFAÇÃO

Quando em 7 de agosto de 1914 fiz, com o apoio unanime do Parlamento, a declaração solene de que Portugal, custasse o que custasse, estaria ao lado da Grã-Bretanha para, solidariamente com ella, dar á causa civilisadora que nos une, a defeza a que somos mutuamente abrigados pelas indissoluveis tratadas da nossa aliança historica, fi-la com a mais absoluta fé na grandeza da alma nacional. E o que essa confiança tinha de fundada, demonstram-na hoje admiravelmente os nossos estrénuos soldados.

A briosa coparticipação das forças portuguezas na formidavel lucta actual não é senão o logico

prosequimento da obra emancipadora que iniciamos nobilitantemente em 5 de outubro de 1910 pela proclamação da Republica. Defendemos no campo internacional a mesma politica sagrada de liberdade e justiça que reivindicámos com altivez no dominio do nosso governo domestico.

Sá a decadencia das velhas instituições pôde diminuir e velar as glorias imorredoiras do grande Portugal de outrora. E é esse grande Portugal que, redimido pelo esforço heroica do seu povo, resurge agora perante todo o mundo, tomando o logar de honra que lhe pertence na vanguarda das nações livres.

Lisboa, 24 de agosto de 1917.

BERNARDINO MACHADO.

PARTE I

**A CAMINHO DO SÉCTOR PORTUGUEZ
NA FRENTE BRITANICA**

PARTE I
NA FRENTE BRITANICA

CAPITULO I
A CAMINHO
DO SECTOR PORTUGUEZ

A cordealidade ingleza.
Tribulações d'um cronista de guerra...
sem farda.

Em principios de 1917, perguntava-me, em Paris, o comandante d'uma das nossas brigadas que acabavam de chegar á frente occidental :

— « Quando tenciona visitar as nossas tropas? »

— « Quando este horrivel inverno findar »
— respondi eu.

E a « primavera da vitoria » raiando, ainda que tarde, impuz-me logo o cumprimento d'esta promessa gratissima.

Estou, pois, nas linhas de combate da Grã-Bretanha, entre as quaes estão incrustadas, como em moldura preciosa, as tropas lusitanas que para aqui trouxeram, com a alma ardente da grande Patria, todas as grandes virtudes ancestraes da raça.

— Não se pode, por ora, atingir o sector portuguez em formação, sem uma demorada passagem no quartel-general inglez. Os « britânicos » são « hospedes marciaes » da França. Nós somos « hospedes » dos inglezes que combatem em França. Só quando, em breve, nos instalarmos definitivamente nos campos de batalha, poderemos receber, como em nossa caza, os nossos compatriotas, os amigos, os aliados, e até... os nentros — se ainda os houver....

Mas não se imagina que esplendida escola de preparação d'um jornalista é esta das triucheiras inglezas e apenas se suspeitará que nós, portuguezes, somos aqui acolhidos da maneira a mais afetuosa.

O correspondente de guerra que aqui chega

está, pode dizer-se, em sua caza, logo que ingressa na « Casa da imprensa aliada », dirigida superiormente pelo simpatico Major L., que usa um dos maiores nomes da Inglaterra. Somos recebidos, na « gare », como... embaixadores; — destinam-nos quarto, cama e meza, como a... castelões em viligiatura; esmeram-se em requintes d'amabilidade carinhosa que são apenas modalidades da simpatia que nos dedicam. Longe, pois, de lastimar este compasso d'espera, bemdigo-o, porque ele me está facultando o conhecimento perfeito da organização do exercito de Douglas Haig e a mais exata compreensão do caracter inglez — misto inconfundivel de fidalguia e de simplicidade.

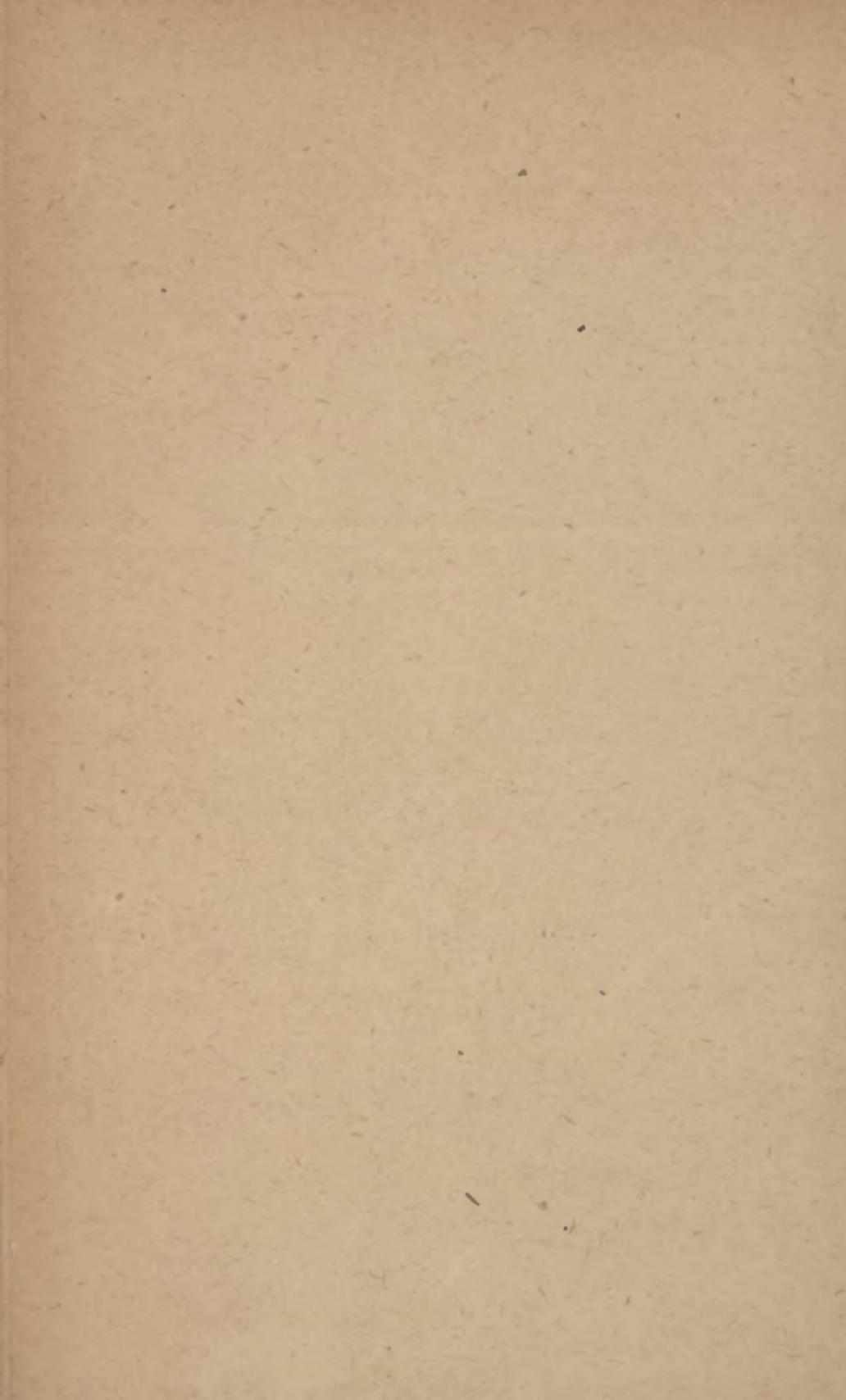
Uma unica surpresa me foi reservada n'este delicioso quartel-general do ... jornalismo aliado : O meu jaquetão democratico e o meu chapéu mole, amachucado nos solavancos do comboio, são recebidos, por toda a parte, com as mais evidentes, as mais constantes e as mais decididas provas de... hostilidade. O jornalista

de guerra deve andar fardado. Faz parte das colunas... do diario da guerra. E' a unidade espiritual do conflito, que é preciso confundir com a massa geral dos exercitos, para que a força material disciplinada se não insurja contra as audacias fantasiosas e indiscretas da... pena. Na « Allied Press » reconheço, pois, com difficuldade, alguns camaradas, de Paris e Londres, que envergam garbosamente os mais brilhantes uniformes guerreiros. E invejo-os, por vezes, na quietude profissional que assim disfrutam, porque, n'esta casa hospitaleira, há, por ora, um unico civil incorrigivel : o correspondente de guerra do « Seculo ». Isento de todo o serviço militar, há 50 anos, está, porém, agora ameaçado da pena deliciosa do uso d'um... uniforme. Oh! as metamorphoses inesperadas da guerra, que constituem, no dizer de Bonaparte, o seu unico encanto e toda a esperanza dos seus resultados! O mais immutavel dos paisanos quinquagenarios será, amanhã, sandado militarmente por heroes autenticos, occulto sob um rico « accoutrement » d'ocasião!....

Este introito, escrito á pressa, é indispensavel ás minhas notas de frequentador de campos de batalha. Ele esplica e justifica a curva interessante do meu itinerario. Ele confirmará as peripécias da minha viagem inicial, que bem merecem, como epigrafe, a antitesse do velho rifão do habito e do mouge.

— Porque a actividade castrense é, ao que parece, incompativel com o cosmopolitismo desprestigiado da farpéla civil. E, agora mais do .que nunca, eu aprecio a fecunda lição d'estas velhas palavras consagradas : *Qui nescit dissimulare nescit regnare....*

Na frente anglo-portugueza, Maio de 1917.



CAPITULO II

NA RÉTAGUARDA DO EXERCITO BRITANICO

Utilisação sistemática dos prisioneiros

Os inglezes imprimem a todos os gestos e a todas as ações não só o espirito harmonico, mas o metodo absoluto. Quando, depois de « *démarches* » prolongadas, admitem um correspondente de guerra junto das fileiras dos seus exercitos, recebem-no pela maneira elegante que indiquei e interrogam-no gentilmente :

— « Qual é o programa da sua visita? »

Esta pergunta... diplomatica só logrará comprometer os profanos, isto é, os que, antes de conviverem com os inglezes, se esqueceram de estudar-lhes a psicologia original. Eu sou um velho admirador e um discipulo... « *manqué* »

do genio inglez. — Vim para aqui sem programma.... Tinha e tenho a certeza de que o programma que me será imposto garantirá o successo da minha empreza jornalística, que, sem ele, se arriscaria a falir...

O illustre dirigente da « Caza da Imprensa » insiste, porém :

— « Que deseja vêr mais especialmente e mais depressa? »

— « O que o sr. comandante desejar que eu veja. »

A minha obstinação premeditada vence a sua delicadeza atavica. E' a minha primeira vitoria. Deixo-me levar para o desconhecido, porque é a primeira vez que visito o « front » inglez. Parto, n'um resistente automovel do estado-maior, conduzido por um « chauffeur » militar adestrado. O meu piloto é um d'esses moços officiaes que aliam a uma bondade infinita conhecimentos especiaes do terreno e das operações.

A primeira impressão que me assalta é a do

extraordinario, do continuo movimento de vehiculos e de tropas nas estradas deterioradas ou devastadas. O soldado « territorial » — terrivel de audacia defensiva, justamente porque não *combate* — guarda as bifurcações dos caminhos, as pontes e os viadutos com furiosa dedicacão. Sou o unico transeunte civil d'estes inumeros caminhos, que são como que as arterias palpitantes do coração da guerra.

O automovel é detido, a cada instante, para verificacão dos « passes ». E' urgente o meu « camoufflage » — o meu disfarce de... civil — para poder passar despercebido por estas vias marciaes. Nos intervalos repetidos da verificacão dos documentos, examino a paizagem desoladora e as pessôas que nos rodeiam. O joven official que me acompanha parece dedicar-se ao estudo da minha mobilidade fisionomica de debutante.

Intercepto-lhe o olhar perscrutador, e elle continua a entreter-me o espirito sequioso com curiosas descrições dos costumes da guerra e com o impressionante quadro topografico do teatro estrategico. A minha atencão vae agora

para um grande acampamento onde milhares de inglezes, das colonias e da metropole, se exercitam no tiro ao alvo. Noto que cultivam simultaneamente a arte do « divino Aquiles » e os prazeres desportivos.

Ao lado das improvisadas instalações militares, preparam-se tambem para a guerra com os jogos athleticos.

— « E tomam banho todos os dias » — diz-me o official inglez. « Onde não há piscinas naturaes » — acrescenta — « constroem rapidamente casas de banho, sem conforto moderno »...

Os proprios « boches » cativos usufruem, nas suas « cages » humildes, a delicia do banho, na estação canicular. Uma das consequencias da grande luta, que acusa já um enorme desfalque demografico, será a transformação salutar do homem fisico, gerador perfeito do homem moral. As raças d'amanhã bão de ter, com a saude estabilisadora do espirito — isto é, com a paz — a segurança da harmonia equilibrada dos seus organismos progressivos, pela saude do corpo.

« *Mens sana in corpore sano...* »

Ao longo d'estes caminhos movimentados, destacam-se, amindando, grupos de prisioneiros, alemães e austriacos, empregados a reparal-os. Resgatam assim — « *concordiae fraude* » — o mal de que são, talvez, diretamente responsaveis. A' passagem do automovel, afastam-se, sem precipitação, no ultimo instante. Temo, por vezes, que um d'estes « boches » d'uma ligeira delibere suicidar-se, lançando-se sob as rodas do carro e impedindo-o de me levar ao « front ». Passâmos sem entrave. A' nossa direita estende-se agora, a perder de vista, uma imensa campina, levemente ondulada e salpicada, aqui e ali, de grandes manchas retangulares a que o sol comunica cintilações multicolores. São campos de batalha, recentemente arroteados pelos inglezes. Novas « charruas de trincheira » nivelaram a custo o terreno maninho, que recebeu adubo e foi logo amanhado. A terra esburacada pelos « boches » começa já a refflorir e a frutificar. O esforço britânico n'este sentido desperta tal interesse, que o representante de

um grande jornal de Paris veio ao quartel general estudar estes processos de cultura dos terrenos reconquistados.

Um outro facto me impressiona :

Os sargentos alemães que comandam os cantoneiros « boches » nas estradas, sandam, sorridentes, o official inglez.

Este explica :

« — Reconhecem que os tratámos bem, isto é, muito melhor do que os tratavam na Alemanha. Todos estes homens — e aponta para os soldados alemães, curvados sobre os buracos da estrada, onde lançam e conchegam o cascalho e o saibro — estão mesmo contentissimos por terem sido... capturados.... »

« — E, moralmente, o que valem ? »

« — Pouca coisa, ou coisa alguma. São automatados de fazer bem e mal : São simples maquinas animaes.... Eis tudo... ».

Puz-me a olhar um novo grupo de trabalhadores alemães, que remendavam, com farrapos de piçarra, a longa manta de retalhos da estrada.

E o capitão inglez comentou ainda :

« — Eram hontem maquinas horriveis de matar e de arrazar. São hoje maquinas de reparar e de construir. E, como maquinas que são, procedem sem consciencia, sem a minima noção do dever ou da responsabilidade — maquinalmente... »

CAPITULO III

Os tumulos das trincheiras e a heroicidade feminil.

Eu já tive a idéa de propôr que os « kaisers », prisioneiros, sejam expostos, depois da guerra, em gaiolas de ferro, nas praças publicas dos diferentes paizes. Venho lembrar aos aliados a conveniencia de conservarem, taes como estão, os campos de batalha onde se comprazeu a ferocidade « boche ». Serão outros tantos lugares de piedade e de devoção, onde os povos irão ajoelhar, contritos, e onde irão horrorisar-se, aprendendo a odiar a guerra. Serão os futuros templos do pacifismo. A mocidade das escolas deve ser obrigada a esta peregrinação annual.

Eni visitar os campos de batalha do Vale

do Ancre, essa imensa necropole-augusta d'heroismo franco-inglez. Vim de lá amaldiçoando mais os homens vis que impuzeram ao mundo uma tal carnificina. A humanidade foi ultrajada. Precisa resgatar-se. Só a exhibição permanente do mal perpetrado lhe poderá servir d'escarmento. Eu não quero agora indagar se a guerra é um estado natural insuprimivel. Sei que é um produto da selvageria. Sei que a civilisação a deve evitar, o mais possivel, suavizando-lhe os processos deprimentes.

O que esta guerra tem de mais repelente é a maneira como é feita e imposta pelos alemães. E' uma guerra de cobardia, de traição e de infamia. A guerra antiga — a que inspirou os poemas de Homero — tinha, pelo menos, mais nobreza. A trincheira é a reminiscencia do troglodita. O gaz asfixiante é o triunfo do mal civilisado. A Alemanha, conquistando o privilegio de invenção do novo sistema de matar a distancia... e sem armas, inscreveu já nos ciclos da Historia o seu horrivel « brevet », que é um estigma e um oprobrio. Trata-se da maior ignominia de todos os tempõs. Não basta esprobral-a.

E' preciso guardar-lhe as provas reaes, para que elas nos abalem a consciencia ofendida e nos obriguem á pratica do bem, á confraternidade dos povos, á paz duradoura.

Já notaram que a trincheira tem a forma de um tumulo, e que o conjunto das trincheiras é a vala-comum em zig-zag?

O campo de batalha é um grande cemiterio, como os outros preparado de antemão. Melhor do que nos outros, a morte aí se céva, porque lhe abriram o antro colossal onde ela... espreita. Os montões de cadaveres dos soldados são facilmente occultos á luz do sol que os apodrece. Basta fazer esboroar os rebordos da trincheira. E' preciso passar por cima d'esses corpos mutilados, para continuar a furia de exterminio, mais além.

D'aqui até á orla do horisonte, o terreno, como um mar revoltto, parece arfar sobre os peitos dos heroes. De perto, veem-se as imensas crateras produzidas pelas minas. Um « camouflet », isto é, uma mina ingleza que foi ao en-

contra d'uma mina alemã, produziu a da « Boisselle », oblonga, funda de 20 metros, com um raio de mais de 50.

E' o sepulcro real, digno d'um Faraó. O terreno ondula, triturado, esburacado, pulverizado. Destroços, escombros, ruínas. Marcha-se a custo sobre as cristas dos monticulos, saltando d'uns para os outros, com risco de fazer explodir, por percussão, os projeteis abandonados. Nos corregos do terreno que os ciclopes abalaram, revolveram, trituraram, jazem restos profanados de destroços humanos. Farrapos de fardetas, pedaços de papel, flutuam ao vento, d'um lado para o outro, n'uma dança macabra de espiritos máus. Mãos piedosas de soldados amanharam um paralelogramo do terreno; cercaram-n'o com uma estacaria baixa; e aí foram enterrar, sem o ritual das confissões, os que hontem caíram a seus pés — os que hontem sentiam e amavam como eles. E' um cemiterio, povoado de cruces, com inscrições dilacerantes. Os obuzes alemães veem, de vez em quando, revolvêr as cinzas dos heroes que ali estão.

Descobrimo-nos, insensivelmente, á passa-

gem por cada cemiterio. N'esta longa mansão de silencio e de opressão não ha viv'alma. Nunca o céu foi, como agora, « a tampa do caixão da terra ».

O sol vela a face de nuveus. Não ha aves, nem arvores, nem outro som que não seja o dos nossos passos atravez do carneiro infindavel. Eis uma cruz isolada, com um numero. Indica um general? Um soldado? Não se sabe. Depois da guerra se exumarão os restos d'estes bravos, que a morte equalitaria ali confunde. Um cheiro aere de putrefação e de poeira incomodanos. Avançamos, mais rapidamente. E' o cadaver d'um cão da Cruz Vermelha, que caira no seu posto. A refrega devia ter sido rudissima, ali. Ha espingardas partidas ao meio, capacetes amolgados, baionetas torcidas, botas, cinturões, projeteis, e tudo em tal confusão, em tal « pêle-mêle », que nos dá a mais suggestiva, a mais dolorosa impressão do duelo tremendo. O capitão que me acompanha chama a minha atençaõ para um espartilho que pende da falda d'um pequenino morro. E não comenta o caso estranho. A imensa tragedia, que é um

sorvedouro d'homens, pôz á prova a abnegação heroica da mulher. Quem sabe se aquelle espartilho não é o testemunho da heroicidade de que só o amor é capaz? Não é a primeira vez que a mulher franceza, iludindo a vigilancia militar, vae morrer estoicamente junto do pae, do marido, do irmão ou do amante.... Aquelle espartilho é, talvez, um estandarte....

CAPITULO IV

A fornalha devoradora da guerra.

**Uma excursão impressionante
e movimentada.**

O illustre official inglez que me acompanha, e que não cessa de prodigalisar-me as maiores gentilezas, diz-me, á saída do quartel general para o « front » :

— « Já entrou nas trincheiras mascarado contra os gazes? »

— « Já. Nas trincheiras francezas. »

— « As nossas mascaras são diferentes. Convem experimentar a sua. »

E partimos, de automovel, ao som rouco dos canhões distantes...

O « chauffeur » cobre-se com o capacete, põe o sacco da mascara a tiracolo e entrega-nos as mascaras e os capacetes que nos pertencem.

O primeiro ensaio da mascara, entre as trepidações do veiculo, horripila-me. E' preciso conservar um tubo na boca e tapar hermeticamente as narinas. Recceo succumbir, asfixiado pela mascara « aliada », antes mesmo de aspirar os gazes « boches ». Oculto ao meu companheiro a angustia do meu ensaio. Ele adivinha-a e ajuda-me a colocar melhor o « escafandro » aereo. Pouho o capacete na cabeça, para completar o... ensaio-geral. (O capacete é mais pezado que o nosso, mas tem quasi a mesma fórma).

Inclino o pescoço para o lado, como caridade vergando ao pezo do capitel. E seguimos, mais velozmente...

Está um calor insuportavel. Devorâmos a estrada larga, onde trabalham — ainda — os « boches ». Atascamo-nos, agora, em atalhos, que devem conduzir, necessariamente, ao verdadeiro teatro da guerra. O cenario é cada vez mais lugubre. Os caminhos de ferro estrategicos, abatendo os accidentes do terreno, cruzam-se, a cada passo, nos campos revolvidos. Passaram por aqui os « boches », ainda ha

ponco. Surgem aldeias arruinadas, resquícios e detritos de pessoas e de coisas, montões de cinzas de batalhas, de onde fuméga e se exala, impelida pelo vento, uma poeira fétida. Por montes e vales, marinham e arrastam-se os « tratores » da artilharia pezada e os « tanks ». Ha tropas em marcha, pelas veredas, e barracas de campanha, que pululam por toda a parte, como cogumelos descomunes. Flutúa em uma d'estas a bandeira da Cruz Vermelha. E' um posto de socorros. Apercibemos já os « dumps » blindados que acumulam e protegem o material de guerra, e os cones anelados das « Nissen hut », destinadas a deposito de generos alimenticios e munições para as tropas avançadas.

D'aqui parte uma nova estrada, — um milagre da engenharia militar, — destinada á fila interminavel das « lorries » (caminheiras automoveis, de tres toneladas de capacidade). São os traços d'união entre as retaguardas e o « front ». São como que o dorso arquejante de grandes ofidioš, coleando do sopé ao cume das montanhas, serpenteando, continuamente, até junto das tocas incendiadas onde a humanidade

se extermina. Quando os aviões inimigos as descobrem, elas desaparecem, como que por encanto, escondem-se em largas trincheiras de tres metros de profundidade, ás vezes cobertas, e vão e voltam — dia e noite, sem cessar....

Acaricia-nos agora uma brisa suave.

— « E' vento leste » — diz-me o capitão.

E, como eu não percebesse a razão d'este qualificativo eolico, ele explica, sorrindo :

— « E' o vento bom — condutor dos gazes « boches ».

— « Devo pôr já a mascara? » — interrogo em sobresalto.

— « Ainda não, ainda não », — responde o capitão, entre amavel e zombeteiro. Mas os caminhos são absolutamente impraticaveis, mesmo para peões, e deixámos ali o rijissimo automovel.

Encafuâmo-nos no mundo subterraneo das trincheiras, povoadas de mascarados, d'armas nas mãos. E' o carnaval da morte. Conversa-se alegremente. A ironia do perigo. As guardas

revezam-se. Saem vozes de comando das diferentes cavernas. O trovão da artilharia rebomba constantemente e cada vez com mais estrondo. As baterias de grosso calibre acordam os écos das montanhas, n'um clamor soturno e convulsivo. Tremem os muros das trincheiras e o chão que pisâmos. Percorremos as longas valas de comunicação ou « boyaux ». Onde iremos parar? — pergunto a mim mesmo. Responde-me a detonação seca d'uma bomba alemã. O capitão sublinha o facto, dizendo-me :

— « Esta não é... « nossa! »

E, notando que estou de chapéu de feltro e de máscara e capacete na mão, convida-me a guardar o chapéu no bolso do « Waterproof »... militar e a pôr o capacete esmagador na cabeça, Como estou « ornado » de polainas, pareço, realmente, um... soldado.

— « Very well, very well » — diz-me ele, e ordena-me o uso da máscara, para completar o... uniforme. E marchâmos, sempre... sempre...

O capitão abre caminho, a custo, nos meandros das trincheiras, atafalhadas de soldados;

pára, hesita um instante e grita-me ao ouvido :

— « Enganei-me, enganei-me. Quero leval-o a uma preparação de artilharia e estamos a marchar... »

— « Para a primeira linha? »

— « Não. Para o ponto de partida! »

As trincheiras são, com efeito, um labirinto, onde é preciso consultar, a cada momento, os respetivos moradores. Galgámos lestantemente o parapeito d'uma d'élas, e eis-nos ao ar livre — se assim se pode chamar o ar pesado e denso onde os aviões roncam a grande altura, os projeteis vôam e se despenham, assobiando, e os « salsichões » ou « chouriços » — esses paquidermes fabulosos — se exibem, bonacheironamente, como trambólhos inuteis, á mercê do vento. O esfusiar das bombas, o estampido dos canhões, o « ciciar » dos foguetões dos sinaleiros, dariam idéa d'um fogo d'artificio monumental, se todos estes instrumentos de morte não mugissem, como feras indomaveis, aos nossos ouvidos torturados. Andamos a saltar

por cima das trincheiras, não sei para quê. A' procura do caminho da... guerra? Mas a guerra não é isto? Todos estes monstros que ululam, que gemem e que gritam? Todas estas fauces de ferro e d'aço que espetoram germens de destruição e de morte? Todos estes homens hirtos, espetraes, que esperam a morte e andam á caça da vida? Sinto-me abatido; deixo-me conduzir... como um cego. Uma nova « marmita » alemã — já lhe conheço o latido — cae, a pequena distancia. Levanta uma nuvem de poeira e fumo, que se esvae em espiraes caprichosas. O capitão, sempre fantasista, diz-me, olhando os flócos negros da nuvem que se evapora :

— « E' n'aquela direção que nós devemos ir ».

E apressa o passo.

Multiplicámos os prodigios de acrobatismo, pulando sobre os quadrilateros concavos das trincheiras, despenhãdo-nos no fundo d'elas, engatinhando pelos escoadouros, escorregando na camada de lama que as atapeta, voltando á superficie do terreno, de mãos fincadas no cimo

das valas e cavando degraus, com os bicos das botas, na argila dos muros, para melhor treparmos. Avançámos, agora, em linha réta, n'uma d'estas catacumbas sem tétó, que vae « quebrar-se » a duzentos metros de distancia, para tornar a dirigir-se, sem tergiversar, durante o mesmo espaço de tempo, até desaparecer no dedalo inextricavel das trincheiras sinuosas. São os circulos d'este inferno. E voltámos ao chamado « ar livre ».

A decoração do quadro mudou completamente. Parece-me estar em campina rasa. Mas o ruido infernal aumenta. Porquê? Porque chegámos, enfim, — informa o capitão, — ao « parque » de artilharia que prepara o ataque ao « front » alemão.

Duzentas, trezentas, quatrocentas peças de todos os calibres, admiravelmente occultas no sub-solo, disparam, quasi ao mesmo tempo. Agora, é o proprio ar que treme. Nós tambem. Não devem estar longe os esconderijos da infantaria, porque as depressões do terreno se accentuam na orla do campo de ataque. Um aeroplano, como ave ferida, cambaleia, a uns 500 me-

tros de altitude. Outros o perseguem. Distingue-se, no ensurdecedor « brouhahah », o estampido metalico dos canhões « contra-aviões ». E' um duelo aereo. O aeroplano « boche », perseguido pelos nossos, consegue equilibrar-se; retoma o vôo em direção oposta; eleva-se vertiginosamente e desaparece. Os nossos aeroplanos seguem, de perto, todas estas evoluções, metralhando sempre o « Taube ». Os « shrapnels » estalam, furiosamente.

— « Escapaste de boa! », diz o meu guia, vendo o ponto negro do avião « boche » sumir-se entre os farrapos das nuvens pardacentas. O estrondo da artilharia recrudescce, á medida que avançâmos.

— « Convem descer ás trincheiras » — comanda o meu capitão. E descemos, isto é, saltâmos. Topâmos, constantemente, com avisos de precaução, em letras gordas : — « Cuidado! *Paiol de polvora!* Deposito de munições! Não tocar n'este ponto! », etc. Sufoco dentro da mascara; mas não a tiro. O calor duplica o meu suplicio. Tropéço, como um ébrio, em todos os obstaculos e em todos os soldados —

porque me vejo obrigado a correr atraz do meu ...batedor de trincheiras. Tenho a impressão de caminhar para o Inferno, tal o medonho estampido permanente dos engenhos de guerra e o aspéto tetrico dos fantasmas de mascara e capacete, que me rodeiam. O capitão anima-me, explicando-me ao ouvido, em altos berros, o solfejo da artilharia :

— « Ouviu este rugido cavo e profundo? E' o 340. E aquele estrondo menos ôco? E' o 250. E o ribombo estridente d'aquelle? E' o 210. Ouviu agora... « ladrar? » E' o uivo do 75 ».

E', decerto, a orchestra desarmonica do terror. Mas o barulho agora é tal que já nos não podemos corresponder senão por sinaes. O canhão domina e abafa todos os sons. Os soldados tapam os ouvidos com os dedos. Eu sinto que os meus timpanos rebentam e verifico se o sangue d'elles m'escorre pelas faces. O capitão, impassivel, estaca, de vez em quando, esperando por mim. O terror agita violentamente os membros — « *pavor incitat artus* » — mas eu sinto que os meus se... paralisam. Os locomo-

tores sobretudo. A mascara serve á maravilha para occultar o « rictus » do medo. — Sim, do medo, instinto primordial da existencia, que, quando se corrige e se disciplina, se chama... coragem. A morte só se afronta com audacia quando nos habituâmos a... affrontal-a. Eu já a tinha visto de perto, mas nunca a vira tão horrenda e tão... traçoieira. Por isso a temi. Mas a mascara que cobre o meu rosto, decerto contrafeito, continúa a asfixiar-me lentamente. O capitão, sofrendo talvez do mesmo mal, torna a subir, á crista da trincheira e eu acompanho-o. Vai tomar ar? Não, porque conserva a mascara. Não compreendo o abandono dos abrigos, em pleno duelo d'artilharia. Tirito! O bombardeamento attinge o auge da intensidade. Os aeroplanos devem bater-se furiosamente, porque os motores — as dezenas de motores — conseguem, por vezes, fazer-se ouvir, no meio do ruido medonho da artilharia. E' um espetaculo ciclopico! Vejo partir os grossos projeteis, do rez-do-chão, como se os expelisses crateras de vulcões. A' saída da peça, a granada de grosso calibre parece esta-

car um momento, para preparar a corrida vertiginosa. Depois, segue a trajetória, n'um silvo agudo de sereia, deixando um rasto tenue de luz baça, que imediatamente se extingue. Simples ilusão d'ótica, talvez. Mas eu entretive-me a verificá-la, iludido assim o meu estado d'alma.... Os tiros partem de tão perto que a deslocação do ar, por efeito das explosões, nos sacode fortemente. E' preciso afivelar o capacete ao queixo. Quando passámos pelo lado da culatra da peça que dispara, recebemos o choque violento d'um tiro pneumático.

Chego a estatelar-me no chão, com um d'estes... empurrões. O capitão gesticula como quem ri. Mas os berros, os roncões ferozes da artilharia, redobram; o ar trepida, parece oscillar em ondas estrepitosas de tempestade; e o capitão, varrido pelo mesmo choque, perde a ação da gravidade e tomba. Eu não ri, porque tropecei n'um dos fios telefónicos do comando, que juucam o chão e caí também, de bruços. N'uma cavidade próxima, lobrigo a corneta dos novos sismógrafos indicadores da direção do tiro inimigo. N'outra, a boca d'um periscopio.

Os alemães já descobriram o paradeiro das baterias inglezas, porque as « marmitas » começam a chover sobre o « parque ». O meu destemido companheiro julga chegado o momento de regressar á trincheira. Já era tempo ! Mas a nossa brusca aparição provoca suspeitas. Um soldado, de sentinela, exige o santo e a senha. O capitão profére as palavras sacramentaes ; apresta-se para continuar o passeio e diz, indicando-me :

— « Este oficial acompanha-me ». O meu receio de ser vilmente assassinado pelos « boches » recebeu o alento d'esta... promoção. O soldado perfila-se, faz-nos a continencia, e, indicando-nos que seguissemos, diz-nos, com voz forte :

— « All right !... » Saúdo militarmente, e continuo a palmilhar a via dolorosa onde exercito, pela quarta vez, a minha curiosidade professional e a minha coragem, — um pouco desfalecida.... O tiroteio da artilharia continúa, ininterrupto e indescritivel. Passâmos ainda uns vinte minutos n'estas trincheiras, que tremem como se fossem abaladas por convul-

sões plutônicas. Mas uma nova surpresa me aguarda.

Distingo o estalido, rápido e cadenciado, o « tic-tac » crepitante, das metralhadoras, apenas perceptível no reboar contundente da artilharia. É um novo duelo de aviões? O meu guia compreende a minha ansiedade e dá-me esta explicação formal :

— « Estamos no mais aceso da luta: no combate de metralhadoras que a artilharia preparou. Vim até aqui — e peço me desculpe — porque esperava encontrar meu irmão, que comanda uma d'estas secções, mas que já cá não está — porque foi ferido! »

Compreendi então. O oficial inglês tinha-se internado demasiadamente no seio diabolico das trincheiras, movido pelo mais louvavel amor fraternal. Devo a este facto o ter assistido a um combate em regra, coisa que me fora vedada nas trincheiras francezas. E o meu valente piloto, condoído até ás lagrimas pela sorte do irmão, annunciou-me o rápido regresso ao ponto de partida, onde nos esperava... o automovel do governo inglês. Não respirei,

porque sufocava dentro da mascara; mas senti, confesso-o, a alegria imensa do condenado á morte a quem comutam a pena.... Mas o automóvel estava ainda tão longe, tão longe!...

A guerra, quando a deixámos, n'estas condições, é, porém, quasi tão temivel como quando a encarámos bem de frente. Atormenta-nos, trucida-nos o receio de sermos varados pelas costas, despedaçados por estilhaços de bombas, sem nos podermos resguardar ou... fugir. E eu, que conservei, quanto possivel, o meu sangue... quasi frio, na travessia atormentada das trincheiras, confesso que não soceguei durante esta retirada sem fim. O correspondente de guerra é um soldado que se bate, — ou que é batido, — sem... armas; e é quando bate... em retirada que ele tem a consciencia absoluta dos riscos inglorios da sua missão.

Hei de voltar mais vezes — muitas mais — á guerra. Dir-lhes-hei, depois, se aprendi a arrear com o perigo sem o temer... tanto. Só as longas aprendizagens conseguem formar os grandes artifices...

Mas que esplendida lição de energia e de virilidade, que excelente escola do character e da vontade é esta horrivel tragedia a que venho de assistir! Nivelam-se ali as existencias, á beira do seu aniquilamento. Sente-se ali a pequenez do hõmem, esmagado pela maldade humana. Eu desejaría que todos os que não são obrigados a fazer a guerra e que estão em idade de a... ver — porque os velhos, como esse pobre Domenico Oliva (1), morrem lá de... susto — assistissem, uma vez pelo menos, ao desenrolar d'um d'estes grandes combates.

Aprenderiam ali a apreciar melhor a conduta e o sacrificio dos escravos da disciplina — das vitimas do Dever — e excitariam o sentimento de repulsão e de horror que a guerra deve inspirar a todo o homem civilisado.

Assim se formariam as falanges da legião universal que, de futuro, fará a guerra — á guerra...

Mas eu trago ainda uma outra impressão dos campos de batalha britannicos. O que eu acabo

(1) *Correspondente de guerra d'un jornal romano.*

de presenciar é formidável e unico. A Inglaterra industrial pôz todas as suas forças vivas e todo o seu dinheiro ao serviço da guerra. Ela inventou, ela descobriu, ela aperfeçoou, ela multiplicou todos os meios de defesa e de aggressão. Ela creou uma posição inexpugnável, para combater « *pro aris et focis* ». O « boche » recúa deante d'ela. A coalisào aliada apoia a certeza da vitoria na força extraordinariamente bem organisada d'essa grande nação liberal.

A Inglaterra é hoje um dos maiores paizes militares do mundo. Ela será amanhã — quando tiver esmagado o « boche » — a maior propagadora do regimen de paz, n'um novo mundo livre....

CAPITULO V

DE CAMINHO PARA UM AERODROMO MODELO

O sentido visual dos exercitos.
Dois ensaios de aviação gorados.

Fui hoje, sob um céu estival e um sol dardejante, visitar um grande aerodromo de guerra. Acompanha-me, d'esta vez, um joven e simpatico official, um d'estes efebos heroicos, que parecem arrancados aos paineis de Reynolds. Atravessâmos, na corrida de automovel do costume, os campos silenciosos — eu ia a escrever as campas... — onde só os listrões ondnlantes das estradas dão constantemente sinal de vida. Dir-se-hia que, emplastrado no corpo exangue da França, o Golias, das « *Via-gens de Gulliver* », jaz por terra, a estrebun-

char, e que, dos seus estremeções ciclopicas, só nos é permitido, — a nós, liliputianos, — examinar estas veias do monstro, constantemente a borbulhar. Na planura infinita, que já foi vergel florente, brilham apenas, ao reflexo do sol e n'um verde esbatido de esperança, umas miseráveis leiras, esforço bemdito dos foragidos do incendio da guerra. E por toda a parte, até a vista angustiada se submergir no horizonte largo, é sempre, sempre, o mesmo quadro de desolação e de morte!... Os mesmos fossos de rebordos abatidos e manchados pelas explosões. Os mesmos « camions » nos caminhos, em filas intermináveis. Os mesmos cursos de agua intermitentes, arredados dos alvéos, dispersando-se, alastrando-se e embebendo-se nos campos incultos. A mesma terra da côr sinistra da dos tumulos revolvidos e que foi, ainda ha pouco, ensopada em sangue. As mesmas galerias e os mesmos túneis emaranhados das trincheiras destruidas. As mesmas ruinas dolorosas de povoações outr'ora florescentes, de que só restam caboucos cobertos por montões de destroços. Os mesmos ves-

tigios clamorosos dos templos, destruidos por sistema. As mesmas oficinas e os mesmos castelos rouqueiros, abatidos pelos salteadores da Europa, n'uma furia de dementes. Os mesmos « boches » inexpressivos, quasi bestiaes, a concertar as estradas da Vitoria. O mesmo rescaldo das pontes e viadutos que voaram, minados pela melinite. O mesmo espetaculo cruciante de vandalismo e de pavor que marca, entre os combatentes, um espaço esteril, incultivavel e triturado - um imenso sudario de terra — de mais de quarenta kilometros de largura por seiscentos de extensão.

São sempre as mesmas regiões asperas onde a morte vincou a sua garra, deixando, com os esqueletos confundidos de assassinos e martyres, a propria nudez da mesma terra, onde os ventos passam, gemendo. Estes ventos sibilantes teem queixumes, ralos e protestos das agonias atrozes. O alarido dos soldados, nos caminhos, é tambem o mesmo de sempre. Passam por estas estradas replétas os mesmos canhões-monstros, de nomes bizarros. Inunda estas vias severas o mesmo formigueiro armado,

que vae alimentar o « ogre » insaciavel da guerra. Até onde a vista alcança, lá longe, muito longe, — porque os matadores de homens precisam que o xadrez das suas tragedias eguale as dimensões da sua crueldade, — o cenario horrendo esbate-se n'uma pesada atmosfera de luto. Uma horrivel simetria afeia os aspétos sombrios d'esta paizagem d'ante-guerra. E' tudo o mesmo, sempre o mesmo!... Passa a gente cem vezes por êstes templos da Morte, e cem vezes é atormentada pela mesma impressão de horror. Jazem n'este chão sagrado centenas de milhares de homens que a guerra ineruenta, n'um furor selvagem, atrain á sua voragem de fogo. O sol, « o amigo dos heroes », parece occultar-se, horrorisado, sôbre nuvens de tristeza, cobrindo, com o véu diafano da sua luz de lagrimas, este grande « *linceul de pourpre où dorment les Dieux morts* (1)... »

Estamos agora na parte do Somme ainda em poder dos francezes. O azul-horizonte da farda

(1) REXAN, *Prière sur l'Acropole*.

do « poilu » perpassa por nós como visão suave. Vem no automovel que nos conduz o correspondente d'um jornal russo, que ainda não pronunciou uma palavra. E' triste e taciturno, como a propria paizagem. Pede, porém, agora, que nos quedêmos, um instante, junto do rio tortuoso, cujas ribas fortificadas teem realmente um aspêto estranho. Na encosta da cota pouco elevada da margem esquerda vêem-se dezenas de abrigos de artilharia, cavados a curta distancia nos flancos da montanha. Estes buracos disformes vergam ao peso de barrotes, traves e vigas enormes, cobertos de folhas de ferro onduladas. De onde em onde, os fortins, tambem desmantelados; madeiras carbonisadas e avalanches de detritos.

Estes cubiculos, de metro e meio de altura, embutidos na falda da historica eminencia, lembram, com efeito, o « barrio de los judios », de Granada. E foi ali que se feriu um dos mais sangrentos combates de todos os tempos. Existiu ali — diz-nos o capitão L..., — nma floresta. Restam, como por toda a parte, troncos de arvores, despedaçados quasi á flôr do solo.

Porque a arvore foi, depois do bomem, a maior vitima da guerra. Passámos para a outra margem do rio. O penacho de fumo das locomotivas de guerra estende, como véns de crépe, sobre as ruinas infundaveis, os seus rolos triunfantes. As longas caudas d'estes cometas vaporosos imprimem uma nota de resurreição ao lugubre recinto.

Eis uma aldeia, onde nos apresentámos ao estado-maior. E' como que um pequeno « oasis », n'este Sahara de espanto. A natureza, contrariada pelo homem, persiste na sua atividade parturiente. Tapetes de relva rebentam da terra fresca, entre as cinzas dos homens e das habitações. Pela primeira vez n'esta grande necropole se nos depara, como um canteiro de flôres piedosas sobre um tumulo, uma pequenina mata de espinheiros em flôr. E um pintasilgo canta... ou chora... — porque n'este paiz não ha aves.... No meio dos escombros da aldeia ergue-se, como um clamor, um calvario quasi intacto. E o Nazareno, do alto da cruz, parece elevar os braços ao céu, horrorisado ainda da maldade dos bomens.

E continuâmos a nossa viagem, no paiz da desolação horrível. Os troncos erricados das arvores, lascadas pela artilharia, impressionam como fantasmas.

Alguns teem mesmo a fôrma fantasmagor' a de cruces mutiladas.

Estamos, enfim, no grande aerodromo, n'um plaino de relva curta, onde o olhar se recreia. Entre os « hangars » e as barraeas-officinas pousam centenas de aeroplanos de diferentes dimensões, prontos a tomar o vôo. Enquanto uns se elevam a cada instante, e vão á faina heroica, outros rodopiam em volta do campo imenso e descem, graciosamente, no alfombre velutineo, deslizando como cisnes.... O diretor do aerodromo, um capitão de 50 anos, — um floche da aviação, cujos generaes são, geralmente, imberbes, — oferece-nos, em guisa de cordial contra os estragos do calor e da poeira, um calix de vinho de Porto : « Produce of Portugal ». N'este aeródromo foi instruido e d'aqui partiu diariamente o celebre aviador Ball, que,

depois de ter « apeado » quarenta aeroplanos inimigos, foi cair nas linhas alemãs, onde morreu. Visitámos, minuciosamente, as soberbas instalações d'esta escola de aviação. Assisto, interessado, á montagem de metralhadoras especiaes nos novos aparelhos. Ao ensaio dos multiplos engenhos de guerra de que são munidos. A' experiencia preambular dos motores e das helices. Ao início do vôo de alguns e ao regresso feliz de muitos mais. Em laboratorios otimamente montados, procede-se, a cada instante, á viragem dos « clichés » fotograficos das posições inimigas, tirados a diferentes altitudes pelos destemidos argonautas dos ares. Assisto á preparação dos mapas das linhas inimigas, confeccionados com estes documentos infaliveis e á coordenação dos albuns estrategicos que, diariamente, são fornecidos ao quartel-general. Ha aviões especiaes para cada serviço. Os aparelhos de caça, por exemplo, só raramente se empregam a tirar fotografias. Os que lançam bombas, só incidentalmente se servem das metralhadoras... sobresaentes. Os de reconhecimento não teem, de ordinario,

nem aparelhos de guerra nem objetivos. Não entram em . . . rascadas. « Operam de longe » — diz-me um piloto.

São as vigias inofensivas do espaço : a policia da informação anti-« boche ». O « contrôle » dos « salsichões » incumbe ao serviço da aeronautica militar.

E aqui nos detemos, porque não devemos ir mais além.

O nosso camarada moscovita oferece-se para acompanhar um dos aviadores que vão partir para o « front ». E' preciso telefonar ao quartel-general, para obter a indispensavel licença. Esta é imediatamente concedida.

— « Mas os aparelhos só teem dois logares » — diz o diretor do aerodromo — « um para o piloto, outro para o observador ».

— « Não importa » — insiste o russo. — « Posso desempenhar o lugar de observador ».

— « Já subiu alguma vez em aeroplano ? » — inquire o oficial.

— « Ainda não; mas é por isso mesmo que desejo... começar ».

O capitão demonstra a impossibilidade de satisfazer este louvavel desejo; mas põe á disposição do nosso confrade um biplano de... passeio.

— « O que eu quero » — diz o jornalista, agradecendo — « é vêr, de perto, as linhas alemãs ».

—E, dirigindo-se-me :

— « O senhor não... sóbe? »

Os officiaes olharam-me, como que a facilitar a operação. Fiz ouvidos de mercador. « Serrano » e pedestrianista eximio, nunca serei concorrente dos novos Icaros. O russo, ao deixar a terra, volta á carga :

— « Os portuguezes são todos marinheiros; mas não cultivam, que eu saiba, este genero de navegação ».

Senti-me ferido nos meus brios de filho dos « heroes do mar », e prontifiquei — me a montar o avião, com o colega de Petrogrado, — justamente por saber — va sans dire — que só havia dois logares no uavio aereo e que ambos

estavam já ocupados. De pouco me valeu, porém, o... subterfugio. O official inglez, na intenção de ser-me agradavel, pôz á minha disposição um biplano... desarmado. O russo partiu; mas aterrou dez minutos depois, sem mesmo ter examinado convenientemente as linhas do... horizonte. Enjooa! Eu tomei logar, atraz do piloto do « meu » avião; e parti tambem — para o Imperio do Sol.

Que deliciosa sensação! Quando nos elevámos do solo, sente-se a impressão de que vamos... cair. E' o medo, inseparavel do instinto de conservação.

Mas, á medida que subimos e que a terra se reduz, com os seus casinhotos minusculos e as suas figurinhas humanas, a uma paizagem de... Liliput, a gente esquece-se da terra e voga, e voga, no mar do Infinito, com um prazer voluptuoso. Nem um estremeção, nem um solavanco. O motor incomoda-nos um pouco os ouvidos, mas dá-nos a certeza de que marchámos... sempre. Pareceu-me ter descoberto uma vocação perdida.

Arquitetava já novas proezas, quando o piloto

— desmancha prazeres — delibéron fazer-me experimentar todas as sensações viris da navegação aerea, descendo, rapidamente, « sobre a aza », com o motor apagado, para me dar a illusão d'uma queda e remontar, immediatamente, o mais alto possível. Estremeci de susto! A rareficação proveniente da « descida » fulminante, sufocou-me. A sensação do vacuo deixou-me n'um estado horroroso. Pedi ao piloto — socando-o nas costas — que descesse immediatamente, mas com... termos. Ele desceu, lentamente, amavelmente....

Tinha durado menos de cinco minutos o meu batismo do ar. O russo riu muito.

Os officiaes sorriram, delicadamente, como quem conhece a situação a que me expuz.

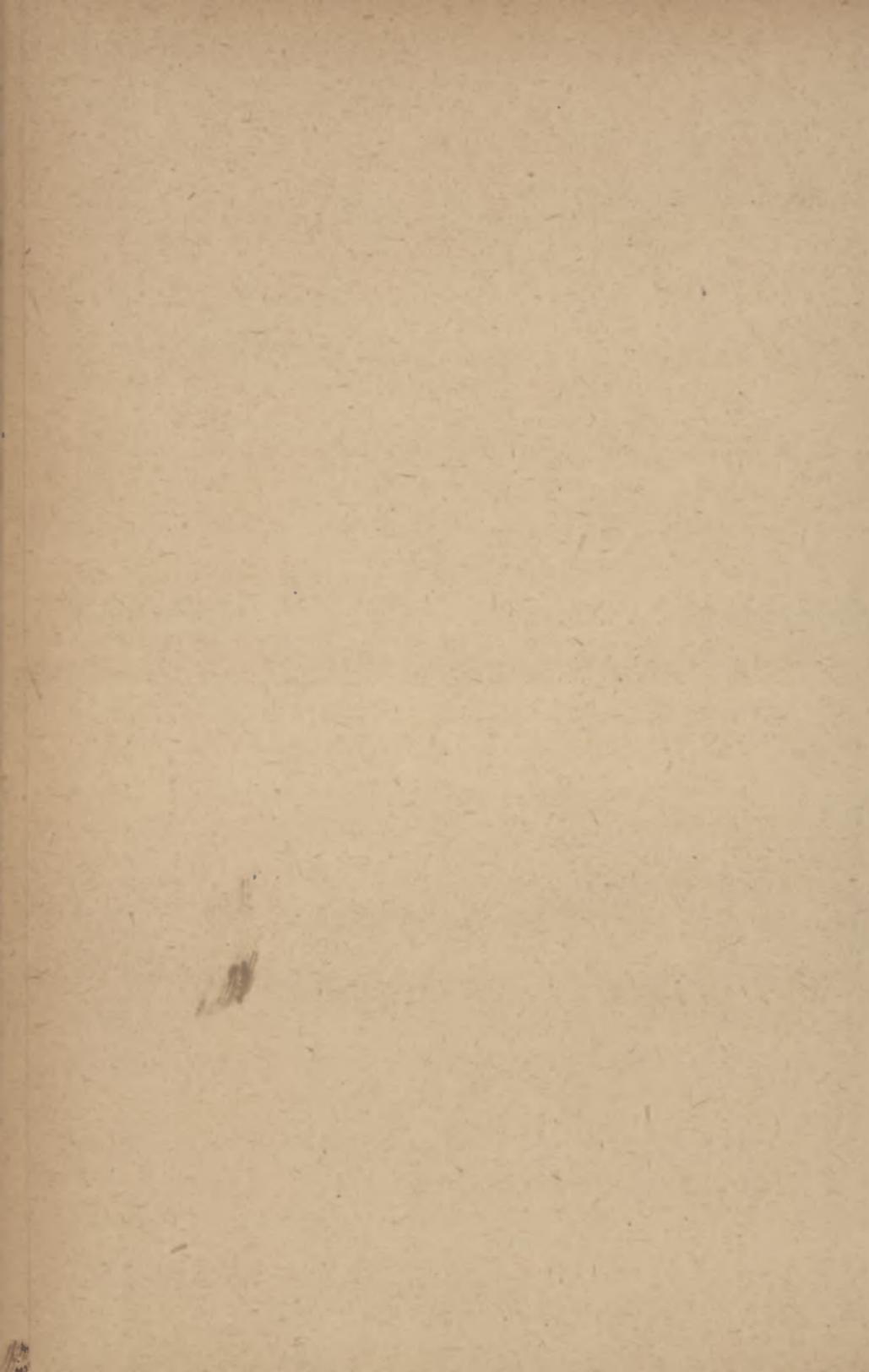
— « A primeira vez é que custa » — diz um d'eles.

— « Deve continuar » — diz outro.

Mas eu confesso que não fiquei com vontade de tornar a passear pelo Espaço. Prefiro, afinal de contas, o automovel, que, como tenho dito, devora o mesmo Espaço e só nos proporciona

as sensações repetidas — e repousantes —
das... « pañes »....

— Mas tive vergonha de mim mesmo, ao
lembrar-me que descendo, mais ou menos
diretamente, de Frei Bartolomeu de Gusmão
— o inventor genial das primeiras caravelas
aereas....



CAPÍTULO VI

Paisagem de guerra. — As novas Pompeias. — O reduto de Sars e as religiões do Odio e do Amor.

Estamos embrenhados nas terras aridas da desolação e da morte. A' esquerda do caminho, pejado de viaturas militares e de motocicletas, avistam-se, n'uma ravina que se esborða, dois monstros negros e horrendos, — dois « tanks », — especie de reptis da guerra, crivados de balas, que, com o ventre aberto e os « tratores » despedaçados, lembram sapos gigantescos, de papo para o ar. A equipagem d'estes couraçados-terrestres foi, segundo informa o meu guia, horrivelmente trucidada. Junto de um d'eles ha uma cruz feita de « douilles » ou capsulas de granadas. Ao pé, um ramo de flôres secas. Um regimento de cavalaria desfila pela

estrada, a galope. Descubro, no fundo de um « funil » de obuz (a cova produzida pela explosão da bomba), uma metralhadora quebrada, cartucheiras, cinturões, latas de conservas e farrapos de fardas. Aproximo-me d'este estranho... deposito; mas o capitão inglez detem-me :

— « Pode ser uma armadilha « boche », ocultando uma mina » — diz ele. E lembra-me que o edificio da camara municipal de Bapaume foi pelos ares, devido á curiosidade de um descobridor de « traquenards » ou armadilhas.

A' medida que avançamos para o sorvedouro da guerra, succedem-se, quasi sem interrupção, os acampamentos, os depositos de viveres e munições, os regimentos em marcha e os aerodromos. Todo este quadro epico sobresaê d'um fundo de campos escalvados, recortados de sulcos meio entupidos, sobre os quaes topamos, a cada instante, fios de ferro farpados, « cavalos de frisa », obuses e balas, capacetes e

baionetas, misturados, n'uma promiscuidade cruciante, com milhares de destroços de tudo que viveu e de tudo que foi util e necessario á vida. Chegâmos á cidade miseranda d'Albert, longamente martirisada, n'um paroxismo de furor sadico, pelos janizaros crueis do imperador da Alemanha. A estatua colossal da Virgem, que se ostentava no pinaculo da torre da egreja matriz, foi atingida, na base, pelos projeteis alemães. Desabou, sem perder o contacto com o ponto de apoio, e conserva-se completamente debruçada sobre a rua, n'uma linha perpendicular ao templo. A imagem dourada sustem nos braços um querubim reclinado; e a sua attitude serena, fitando, imovel, a população enlutada, parece de comiserção e de piedade para os que sofrem e de rancor e odio para os iconoclastas que a derruiram. Afigura-se-nos, por vezes, que ella vae despenhar-se, de toda a altura do edificio, apertando mais estreitamente o anginho, e pondo assim um termo ao seu fadario, no desespero indomavel da beleza e da bondade impotentes....

As hordas alemãs vincaram, n'algumas

d'estas cidades, o estigma infamante e indelevel da sua proverbial malvadez. Os predios que resistiram á artilharia, foram incendiados por ordem expressa da « Komandatur », depois da pilhagem do estilo. N'esta, como nas outras cidades por onde passou o « boche » assolador, predomina, por ora, o elemento militar aliado. Mas há n'elas habitantes civis recalcitrantes, que as não querem abandonar, póde dizer-se — nem a tiro. E' conhecido o facto da população de Reims, que vive ha mezes nas « caves », saindo á rua, de capacete e mascara. Ha nós tristes restos das povoações que visito, homens e mulheres que as habitam sob um bombardeamento constante, apesar das ordens em contrario. Expulsos hoje, « manu militari », voltam amanhã, em procura do antigo bem-estar, como as aves, doidas de dôr, que voltejam, sem cessar, em torno do ninho que lhes arrancam....

Estamos agora na região de Sars. As ondulações do terreno, argiloso e pardacento, lembram, á primeira vista, — e á parte a còr

glanca, — o « mar de gelo » de Chamonix. Ha raros vestigios da antiga povoação florescente.

No delirio da devastação, na febre intensa de extermínio, os « boches », na retirada, dinamitaram todas as ruínas acumuladas! A' direita da estrada que dá acesso ao que foi Sars, destaca-se uma pequena eminencia do terreno, que domina, porém, todo o vasto perimetro do campo de batalha. A luta atingiu ali a maior violencia. Este admiravel ponto estrategico foi rudentemente disputado. Como na « Maison du Passeur » e no « Vieil-Armaud », os adversarios, combatendo dia e noite, occuparam, alternativamente, durante mezes, a admiravel posição. Duas cruces de forma diversa coroam o historico monticulo. Aproximei-me do venerando sarcophago.

As cruces tinham apenas um numero e uma data. Lembrei-me da que, dias antes, eu vira em Tiepval, com este comovente epitafio : « A un brave soldat inconnu ». Mas as cruces de ferro do « mamelon » branco de Sars, são : uma alemã, outra franceza. A alma menos compungida sente, peraute este facto suggestivo,

as mais fundas vibrações da admiração e do respeito. Aquelas cruzes funerarias, simbolos de fé diferente e de moral diversa, são uma verdadeira evocação shakspeareana.

Elas representam duas valentias : a da disciplina passiva e a da vontade livre mas disciplinada. Elas representam um grito de dôr pungente; mas — porque se erguem, como braços clamando justiça, no chão sagrado da França profanada — elas são tambem um gesto de clemencia e de amor.

Elas dizem aos que passam, e aí ajoelham em espirito, que a audacia corajosa dos nossos inimigos foi, enfim, jugulada pela força indomavel do genio do bem que nós encarnâmos. A cruz luminosa da vitoria brilha, n'este pedestal da Honra e do Dever, junto da cruz lacerada do Deus tirano do « Kaiser ». Aquelas duas cruzes marcam, desde já, duas epocas : — A que desaparece nas brumas opacas do Rheno e a que surge, radiosa e bela, nos hossannas de luz da Europa Occidental.

CAPITULO VII

O ESFORÇO BRITANICO

Quadro comparativo das forças inglezas de terra e mar, desde o começo da guerra. — O orçamento e os impostos.

Disse, no primeiro capitulo d'este livro, que as tropas portuguezas estavam incrustadas na moldura riquissima do exercito britannico.

Venho referir-me, não já a essa extraordinaria moldura, mas ao seu autor : a Inglaterra. Devemos hoje, mais do que nunca, possuir o exato conhecimento, não só do caracter mas do valor material da nossa grande aliada. Nação pacifica por excelencia, a Inglaterra não estava preparada para a guerra. A violação da Belgica despertou-a do seu labor proficuo. A Inglaterra não ponde sofrer silenciosa esse ultraje

ao direito das gentes; e, como nós fizemos depois, inventou um exercito e bateu-se pela boa causa.

André Lebon, n'um opusculo a que vamos arrancar alguns dados estatisticos, cita esta opinião do economista Hovelac, sobre a tenacidade ingleza : « ela é uma grande, uma magnifica epopeia da vontade ». Acrescentemos que as estrofes d'essa epopeia são compostas diariamente por todos os cidadãos do Reino Unido, — sem exceção.

Os efetivos da armada ingleza eram, quando a guerra rebentou, de 146 000 homens. São hoje de 500 000. A Inglaterra dispunha, em 1914, d'um exercito de 160 000 homens, que mandou combater no Marne. (O « miseravel exercito-sinho », batisado por Guilherme II). A Inglaterra tem hoje 5 milhões de soldados em França e alimenta este formidavel « corpo expedicionario » com as reservas necessarias, recrutadas dia a dia. Cinco mil oficinas de guerra, com 5 milhões de operarios, fornecem material e

munições ao exercito e á marinha. O esforço financeiro da Gran-Bretanha é, naturalmente, paralelo, n'este dispendio d'atividade.

O orçamento inglez — receitas e despesas — era, em 1914, de 188 milhões de libras esterlinas. Atinge agora uma cifra doze vezes mais elevada. Uma quinta parte d'esta importancia foi, porém, empregada em emprestimos aos aliados.

A divida consolidada ingleza, que representava 16 biliões de francos em 1914, atinge hoje cerca de 70 biliões. E não se incluem, n'este calculo, 20 biliões de compromissos a curto praso.

Como faz a Inglaterra face aos encargos da guerra? Com a intensificação prodigiosa da sua economia e, sobretudo, com o lançamento de novos impostos e com o aumento dos antigos. A medida que o governo contrae um emprestimo — diz o sr. Mac Kenna, ministro das finanças — cria immediatamente um tributo que lhe garanta o juro e a amortisação do capital.

A Inglaterra é, assim, o paiz mais sobrecarre-

gado de impostos em toda a Europa. O imposto sobre o rendimento, — « o income tax » —, é o cordão umbelical do ubere financeiro. Segue-se-lhe o imposto que incide sobre os lucros provenientes das fabricações de guerra.

O contribuinte inglez é hoje coletado em 10 a 45 0/0 do seu rendimento annual, segundo a natureza e a proveniencia d'estes haveres. O producto do trabalho paga 10 a 15 0/0; o da fortuna herdada 50 a 40 0/0.

Esta racional e equitativa engrenagem funciona com a regularidade que recomenda o espirito de sacrificio da grande raça. Assim, pode a Inglaterra despejar hebdomadariamente sobre os « boches » 200 000 toneladas de aço. Assim, pode ela conservar a certeza absoluta da derrota proxima do inimigo.

E' admiravel este esforço. Um paiz industrial que manda para a guerra a sua mocidade trabalhadora; que tem visto afundar pelos piratas alemães grande parte da sua frota mercante; e que sofre da paralisia geral dos seus organismos

produtores de riqueza; deveria ser um paiz atormentado, intranquilo, talvez receoso do seu futuro.

A Inglaterra é, pelo contrario, o paiz onde as iniciativas se despertam, se exacerbam e se avigoram, á medida que os desastres nacionaes se acumulam. A Inglaterra deu-nos o maravilhoso exemplo da unidade d'ação e da inquebrantabilidade da confiança, quando a sorte das batalhas estava indecisa. A Inglaterra tomou o « élan » intravavel e retumbante das marchas triunfaes. O seu esforço methodico atinge o cumulo da perfeição.

O exercito inglez, hombreado com o da França, avança, óvante, nos caminhos da Victoria.

CAPITULO VIII

Um correspondente de guerra que cae no seu posto. — Esbelta e audaz figura da vitima.

Serge Basset, correspondente de guerra do « *Petit Parisien* » e do « *Excelsior* », acabou de ser varado por um tiro d'espingarda, junto da cota 65, em face de Lens. Basset examinava as linhas « boches », quando um alemão ultraperfido, occulto na armadilha das trincheiras, o abaten cobardemente. O pretoriano do Kaiser encontrou um alvo escelente : O nosso destemido colega ostentava sobre o dolman uma linda rosa roxa de França... Corremos para o nosso amigo, conduzindo-o ao posto de socorros, sob o fogo violento dos alemães. O grande jornalista espirava, meia hora depois, trespassado pela bala teutonica. Basset, que tanto havia

honrado a sua Patria, magnificava, com este derradeiro rasgo da sua valentia, a ingloria e ardua profissão que adotara.

O sapientissimo homem de lettras e jornalista eximio que a Alemanha assassinou, era, com efeito, o enlevó e o orgulho do pequeno nucleo de cronistas de guerra do « front » anglo-portuguez. Os ultimos artigos de Basset foram, mesmo, os que ele dedicou ás nossas tropas. Espirito de rara cultura, versado nas mais dificeis especialisações do saber humano, ele era um modelo perfeito de concisão e de claresa. Aprendera, na escola do « *Figaro* » de há vinte anos, em convivio com a aristocracia intelectual, a sintetisar rapidamente as ideias, a es-teriorisal-as, matisando-as de conceitos profundos e envolvendo-as, sempre, em formas corrétissimas e atraentes. Quando a guerra rebentou, Basset, que ocupava um lugar invejavel na imprensa parisiense, deliberou entrar, « por força », na guerra.

— « Fui simples soldado » — dizia-nos

ele. — « Passei o limite da idade em que se serve a Patria com as armas na mão. Quero combater, pelo meaos, com a unica arma de que disponho : a pena ».

E foi moirejar, foi sacrificar-se, foi expôr a vida, como um simples voluntario, nos carneiros em ebulição do Oriente e da Europa. Basset era, porém, extremamente cioso do posto d'honra que conquistara pelo seu talento e pela sua coragem. Irritava-o o facto de toda a gente supôr que o correspondente de guerra vê a guerra... de longe ou a descreve, — sem a ver.

— « O publico considera-nos uns simples... cabotinos », afirmava ele, que fora mestre iusigne na arte do viver com os... « cabots »... E bastas vezes se comentava com esta tirada : « *Vulgus ex veritate pauca aestimat* »...

Basset quiz afrontar esta... ignorancia, combatendo realmente; e obteve licença para, na preparação d'um combate, disparar alguns tiros d'artilharia pezada contra os « Boches ». Rétificon as pontarias, e... « tiron o « cordon », como ele dizia. Foi este o seu batismo de

fogo. E que prazer ele sentia em recordal-o...

Mas Basset procurava diariamente novas e mais movimentadas aventuras. Um dia, á meza d'uma d'estas estalagens do « front » onde se come o pão que o diabo amassou, proferia ele esta frase dolorosa e reivindicadora :

— « Porque não ha de a sorte permitir que um de nós seja ferido em combate? »

— « Vade retro! », vocifera um colega.

— « Seja v. o ponto de mira da esperiencia », — diz outro.

E, respondendo a ambos, com um encolher d'hombros :

— « Mas que hei de eu fazer para que assim seja, meus caros »?...

Quando, visitámos o « front » portuguez, Basset, que resumiu as suas impressões em dois magistraes artigos do « *Petit Parisien* » e do « *Excelsior* », — os ultimos da sua prestigiosa carreira, — dirigiu-se-me n'estes termos :

« Quando volta v. ao « front portuguez » ?

— « Brevemente », respondi.

— « Iremos juntos, alvitrou ele. Faremos uma patrulha noturna no « *no man's land* » (terreno que divide as trincheiras inimigas). »

E, sempre empreendedor :

— « Que deliciosa aspiração, a de combater ao lado de officiaes e soldados que teem a auréola da gloria mais pura ! Iremos juntos, iremos juntos »...

Apezar da sua idade — 55 anos — Basset acompanhava-nos a todas as escursões diarias, mesmo ás mais arriscadas, procurando desvendar os segredos da estrategia inimiga, auscultando, por assim dizer, o terreno palpitante e ardente, e abordando deduições que os factos consumados quasi sempre confirmavam. E ele não queria, afinal, morrer... O outro dia ainda, estavamos n'um posto d'observação, proximo do local onde os alemães acabam de o assassinar. Basset dava-me conselhos paternaes, justificando-os assim :

— « Não se mostre, não se mostre... Para

que havemos nós dar aos « Boches » o prazer inútil da nossa vida? »...

E resguardava-se, cuidadosamente, para me dar o exemplo.

Na manhã do seu ultimo dia, chamou-me ao seu quarto, no quartel-general, e esteve pacientemente a instruir-me sobre o estado atual das operações e sobre o resultado provável das que vão seguir-se-lhes. E com que pericia ele *lia* os mapas da guerra e deenhava croquis d'uma precisão admirável... Depois, sempre sorridente, sempre bom, partiu despreocupadamente... para a morte...

Bravo e destemido amigo, que não tiveste o supremo prazer de disparar uma arma portugueza contra os invasores da tua terra santa, adeus! Surpreendeu-te, na ratoiera « boche », um d'esses bandidos que não hesitam em atirar, á queima-roupa, sobre un homem sem armas. Caiste no teu posto, honrando a profissão de que foste ornamento. O teu sangue de martir não se perderá na terra revolta das trincheiras.

Aspira-o o ambiente de desespero e de desforço que nos impulsiona a todos. Ele insufla-nos nova e mais persistente coragem.

Vimos d'enterrar-te, em pleno campo de batalha, sem pompa e sem discursos, apenas com o ritual militar que a França e a Inglaterra te tributam. No teu peito sem vida brilha a Cruz de guerra dos heroes. E o nosso silencio doloroso, perturbado apenas pelo fragor dos combates, é como que a elegia condigna do teu valor e da tua abnegação sem limites. Consagrâmos assim o nobre exemplo que nos léga a tua vasta intelligencia, posta, desinteressadamente, ao serviço do teu ideal, que é o nosso ideal. Deixamos-te, no sepulcro raso dos soldados, sob juramento secreto de que, seja como fôr, nos bateremos, até ao fim, pelo esterminio compléto dos que tão cobardemente te mataram. A tua morte fortifica-nos. Dizias-me, na vespera do teu ultimo dia, quando eu me expunha um pouco diante de Lens :

— « Vê se me poupas o trabalho de t'escrever o... necrologio ! »...

E sou eu quem venho trazer ao teu tumulo, que é já um monumento de gloria, não as lagrimas da saudade — porque se não pranteiam os heroes — mas o adeus fraternal, sentido e ardente, do camarada leal e do amigo sincero. — Adeus, meu caro Basset, adeus!...

CAPITULO IX

VISITA AOS CAMPOS DE BATALHA D'ONDE O INIMIGO FOI RECENTEMENTE EXPULSO

**Dez kilometros de trincheiras
em profundidade.**

Voltámos ao alto de Vimy, que continúa a ser constantemente alvejado pelos alemães em fuga. Não dista muito d'aquí o sector d'Armentières, onde as nossas valentes tropas, em conjunção com as inglezas, se bateram valentemente. Vimy lembra — não acham? — Vimeiro. E é agradável recordar duas datas e dois factos da cooperação anglo-portugueza, atravez da Historia d'estes povos : junho de 1917 e agosto de 1808....

Estamos agora na região dos « corons » ou bairros de mineiros, de casinhas de tijolo ver-

melho, baixas, uniformes e alinhadas, n'uma monotonia desesperante. Avulta, a leste, a « gare » de Carency, formidavel de aspéto, em seus cem pilares de ferro, constantemente despedaçados, amolgados, retorcidos, contraídos nas imensas articulações do esqueleto desnudado pelas balas alemãs, mas resistindo sempre ao ataque, ao cataclismo de fogo, incessante e furioso. Lembra um d'esses heroes da fabula que, sabendo que a morte se avizinha, pretendem apenas... morrer de pé. E' um Adamastor terrestre, que deve inspirar calafrios aos « boches » agressores. A oeste do que foi Souchez, montanhas de destroços acumulados. Ao fundo, para o lado da cidade de Lens, que parece « marchar » automaticamente para o seio da França, campos horizontaes, invios e secos, onde cintilam labaredas fumegantes de bombas, que marchetam, a cada instante, em aço candente, todas as posições inimigas. Lens é o coração do paiz da hulha. O musculo potente da região está exanime, mas conserva ainda, entre as ruinas dos seus predios, os quatro muros da cathedral vetusta, torreão

augusto de cidadela invencível. No panorama policromo sobresaem, sempre, as pintalgadas rubras dos « corons », que a artilharia infatigável está acabando de arrazar. Como repuxos intermitentes de fogo, as baterias dos dois exercitos subterraneos espadanam projeteis de todas as dimensões.

Vemol-os partir do solo escaldado, em clarões vermelhos, envoltos em chamas brancas, e rebentar, instantes depois, nas posições inimigas, em feixes de poeira e fumo, que o ar pesado não consegue facilmente dispersar. Os tiros de barragem — as trovoadas da guerra — varrem os pontos culminantes das duas linhas. Por vezes, atingem as altas chaminés dos poços das minas que ainda restam, fendem-nas na parte superior ou derruham-nas por completo.

E' a ancia da destruição sistematica. Tudo desaba, tudo estremece, tudo se esconde e se abate diante do diluvio d' aço. Só o soldado está sempre firme e álerta no seu posto. Uma granada alemã tomba a uns 500 metros, explode, n'uma « gerbe » de fumo transparente

e irisado que os raios do sol atravessam e evapora-se, lentamente, suavemente.

— « E' um 320 » — diz o official que me acompanha.

Outra, de egual calibre, rebenta, um pouco mais longe, nas nossas linhas; expelle um grande « leque » de terra e de fumaceira fulva; mas as varetas enormes do « leque » começam, rapidamente, a abrir-se, a diminuir de proporções, como se fossem despedaçadas, e desaparecem, pouco a pouco, não se sabe bem se no chão, se no Espaço. Continuâmos a percorrer as diferentes linhas de batalha, no furôr da sua atividade. Os tiros das metralhadoras e das espingardas são impercetiveis, tal é o ruído permanente das artilharias, que os abafa. Do crivo invisível da terra partem, rugindo, os projeteis inflamados. Chama-se a isto « regar » o terreno inimigo; e não ha decerto termo de maior propriedade. Estas expetorações igneas não cessam. O ventre da terra convulsiona-se e vomita lava de morte. A terra, onde milhões de homens se espreitam e se escondem, para se exterminarem, está, de facto, transformada n'um « regador » de fogo,



O REI D'INGLATERRA NA CRISTA DE VIMY, D'ONDE PARTIU PARA O SECTOR PORTUGUEZ.

que tudo calcina, tudo amedronta, tudo reduz á impotencia da dôr e ao desespero das abominações horrorosas. O deposito inexgotavel do imenso « regador » está por detraz das linhas de fogo, na mole imensa das caminheiras carregadas de armas e munições, que pejam todos os caminhos e todas as veredas, nos comboios militares que se entrecruzam a cada instante e no « estomago » dos exercitos, que são os « dumps », ou depositos d'armas e munições. No relluxo d'estes mares de destruição estão as vagas ocultas das infantarias, prontas a espraiair-se, a invadir os dominios fronteiros, a alagar, a subverter o Oceano de fogo que ruga e se revolta a seu lado. Os aviões, — os cavaleiros do ar, — planam sobre as linhas de combate, com facilidade que assombra. Teem a guarda de honra dos « shrapnels »; mas esvoaçam serenamente, imperturbaveis, na sua rota fatal, como se passeassem, em dia de gala, sobre bosques de delicias. Os ataques de artilharia redobram de intensidade. Estamos agora na linha intermedia do combate, equidistantes dos pontos de partida e de incidencia

dos projeteis, o que se pode dizer « debaixo de fogo ». Estamos, segundo nos informam, n'um « bosque »; mas, do lindo sitio, outr'ora povoado de formosas áleas e de massiços de verdura, só nos é dado vêr, sobre uma relva tostada, um tronco decrepito e musgoso, ferido pelas granadas alemãs.

As povoações e os sitios existem, aqui... nominalmente; e, como os seus proprios defensores, não se vêem... A musica infernal das artilharias não se cala. Escuto, pela primeira vez, o « arrulho » mavioso dos « shrapnels », semelhante ao das rôlas. Os aviões continuam a bater-se furiosamente, no ponto de interceção das linhas inimigas. Correm, páram por momentos — ou parecem parar — executam viragens de uma rapidez prodigiosa e acolhem-se, quando podem, às linhas respectivas, não sem despejar, no trajeto, todo o seu lastro de munições. O avião é a arma elegante e prestigiosa da guerra. De parte a parte, o aviador é tido como heroe digno de respeito. Combatem-no — até os « boches », esses barbaros — com a lealdade e com a nobreza dos hersos

dos combates singulares. Um avião desponta no horizonte inimigo. O campo do ar — se assim se pode dizer — é-lhe facultado, sem entraves, — como a um gladiator romano, no circo. Só depois de ter transposto a linha de combate, o ataque começa, mas em regra, com todas as deferencias devidas á valentia dos lutadores. Os « boches », porém, abusam d'esta como de todas as prerogativas, e « disfarçam » os aviões, para melhor nos atacarem. Um d'estes intrusos é facilmente reconhecido pelos nossos, que o recebem com as mais delirantes manifestações... de hostilidade. Dezenas de bombas dos canhões « contr'aviões » assediam-no. Centenas, milhares de « shrapnels », perseguem-no, deixando na esteira da sua rapida trajetoria constelações e setestrelas de manchas negras, que quasi o encobrem.

O viajante aéreo procura evitar, na sua orbita ligeira, as miriades d'estrelas « contundentes »; escapa-se em todas as direcções; muda de rumo; executa voltas ligeiras; mas não consegue deixar o sinistro cortejo ameaçador. A's vezes, abate-se, como quem cae, e torna a

subir, anciosamente, irregularmente, como quem teme cair. O rasto negro dos projeteis não abandona a sua trajetoria vertiginosa, polvilhando-a de constelações movediças.

O que mais admiro é a precisão com que os observadores das nossas linhas distinguem o trigo do joio, isto é, o avião « boche » do nosso avião que lhe dá caça. E afirmam-me que jamais nos atacâmos por engano. Os nossos aparelhos tentam eguaes incursões sobre a moradia acaçapada dos « boches ». E, á medida que o dia envelhece, uns e outros tratam de recolher a postos, para dar informações e descancar das refregas. A artilharia ingleza — filha prodiga da guerra — dispara sempre, sempre, reposando os alemães, imediatamente e no mesmo tom.

Um dos nossos companheiros diz-nos, para nos entreter o espirito, que esta orquestra diabolica tem, como as outras, o seu diapasão : O 75 (78 inglez) em... *lá-menor*....

Do alto da colina onde foi assassinado Sergio Basset, examino, com precisão, como se

organizam estes combates. Os dois exercitos, no fundo das trincheiras e abrigos, observam-se, a cada instante, com as filas paralelas de balões cativos, que são os seus olhos fixos. São as ameias das fortalezas aereas.

Os olhos moveis dos exercitos — os aviões — destacam-se do corpo invisivel dos exercitos e vão verificar, de mais perto, o que os « salsichões » não puderam descortinar. Os aviões são os linees do ar. E são lincees que vêem e que atacam, como leões. Assim se explica que, sem nos vêrmos á superficie do solo, nos estejamos constantemente a vêr — com os aerostatos, com os aeroplanos e com os periscopios. Chegâmos ao ponto mais avançado dos nossos sectores.

Nos « funis » profundos que interrompem a sequencia de trincheiras enchareadas pelas chuvas, tropeçâmos, por vezes, com destroços humanos, que as aguas puzeram a descoberto. Uma « marmitta » cae nas nossas primeiras linhas, ali ao lado. Como que surgindo d'um alçapão, uma espécie de vela latina, longa e branca, vaporosa e transparente, move-se, va-

garosamente, como um espectro, á superficie da terra solitaria. Parece impelida por uma força telepática e dilne-se na atmosfera de chumbo. E' a Amfitrite da magica tremenda da guerra; é uma « toalha » de gazes asfixiantes, de que foi portadora a granada alemã. Os novos canhões inglezes emissores de gazes retribuem logo o « presente »; e, nas linhas inimigas, aparece, a boiar, como uma Santa Iria, com a sua fórmula triangular quasi perfeita, a « nappe » de gazes asfixiantes e lacrimogeneos que os alemães nos obrigaram a fabricar — para eles. A nossa « toalha » transparente conserva-se, durante muitos minutos, quasi imóvel, á tona do terreno descoberto.

Todas as surpresas angustiosas da guerra moderna se nos revelam aqui. Precipito-me e subo á crista d'um monticulo, para melhor examinar estes fogos-fatuos da guerra. O comandante inglez que me acompanha exproba-me este ato irrefletido, que nos poderia ter sido fatal. O estrugido seco d'um petardo alemão justifica logo a advertencia.

Verificâmos, com efeito, que a minha inesperienza suscitou a atividade bellicosa dos « boches ». As bombas estalam, a cada instante, não longe de nós.

— « E' em nossa honra esta salva » — diz o comandante.

E, para atenuar a sensata admoestação, acrescenta :

— « N'esta altura das trincheiras não se pode fazer o mais leve movimento á superficie do solo. Os « boches » vigiam-nos, noite e dia ».

E, depois d'um curto silencio :

— « E nós fazemos a mesma coisa »...

Corre-se aqui, além d'outros perigos... directos, o do encontro de projeteis inimigos na linha de intercepção dos dois campos. Em relação ao ponto onde estamos, pode dizer-se que sobre as nossas cabeças, passa um « arco iris », um semi-circulo de fogo, que presenciâmos, porém, sem perigo. Mas o inimigo, solerte e máu, se nos descobre, pode muito bem abaixar as pontarias e enviarnos, momentaneamente,

os jactos de metralha com que ataca os pontos estrategicos.

— « Silencio e... cautela com a... vizi-nhança », recomenda-me o comandante...

E assim termina este longo passeio. Não é possível avançar mais.

E' a primeira vez que frequento o verdadeiro teatro da guerra e por tanto tempo. Pode dizer-se que estive junto das gambiarras terriveis do « tablado » « boche ». Dir-se-hia que os aviões nos acompanham, no regresso, porque se batem sobre as nossas cabeças e agora com mais furia. E' a hora de recolher. Um aparelho inimigo « desce » aos trambolhões, do meio do manto constelado dos « shrapnels ». O aeroplano que o derrubou « fila », a vapor, para as nossas retaguardas. Das trincheiras saem « hurrahs » de entusiasmo delirante. E o nosso navio aereo desaparece, deixando no seu percurso rasto de manchas deseguaes, semelhando revoadas de passarinhos feridos por abutres. São sempre os « shrapnels » infundaveis.... O céu esenrece,

pouco a pouco, maculado por estas nuvens de flocos negros, que são o acompanhamento funebre das aves de morte. Surpreende-nos um cheiro pestilencial. São ainda os « boches » mal enterrados, que apodrecem ao sol. E o sol desce para o ocaso, como uma chaga rubra de sangue. Passa um triste cortejo de padiolas. São os mortos e feridos dos combates incessantes. Mas os feridos da guerra não gemem. Habitua-dos a sofrer e a vêr sofrer, eles consideram devidas á Patria essas feridas honrosas, cujas cicatrizes serão o seu maior distintivo heroico. A noite tomba, devagar, sobre a terra tre-mente, que ejacula fogo e que segrega lagrimas de mães e de orfãos. Na atmosfera sufocante ha apostrofes de rancor. E o duelo formidavel contiúua... sempre, sempre....

Contornâmos a crista de Vimy, para atingir, a alguns kilometros de distancia, a estrada recentemente construida para transporte de mortos e feridos. Passa uma fila enorme de auto-moveis da Cruz Vermelha. Ha um devoluto.

Tomâmos logar n'este veiculo da dôr, entre os que conduzem os feridos. E ao retomar, depois, o automovel do estado-maior que nos transporta ao quartel general, pensei longamente no que vi e ouvi, e cheguei á conclusão, — consultando-me a mim mesmo, — de que, afinal, toda a gente se pode habituar a viver com a morte, desde que delibere familiarisar-se com ela. Nós temos o habito, que Pascal condenava, de esquecer que a morte — a nossa eterna companheira da viagem da vida, a nossa origem e o nosso fim — existe realmente, e é mesmo a unica coisa que existe realmente. Nos campos de batalha aprende-se a viver com a morte. E, porque nos habituâmos a vê-la constantemente a nosso lado, chegamos a temel-a... menos...



CAPITULO X

JORGE V VISITA OS SEUS EXERCITOS

A apoteóse das novas maquinas de guerra.

O rei de Inglaterra veio inspecionar, pela quarta vez creio eu, as tropas inglezas que combatem na frente occidental. Logo que chegou ao quartel-general, o seu primeiro cuidado foi visitar os hospitaes e ambulancias. Cumprido este piedoso dever, foi assistir ás manifestações da actividade guerreira dos seus « tommies ». Para dar uma idéa das voltas que dá um soberano em visita a tres milhões de concidadãos em armas, basta narrar o que vi, acompanhando-o durante tres dias. Resumo, desde já, as minhas impressões : A Inglaterra é o paiz classico da liberdade, e é hoje, por ne-

cessidade imperiosa das circumstancias, o maior emporio da força disciplinada ao serviço do Direito.

As bôas leis e os bons exercitos são — como dizia Machiavel — os principaes fundamentos dos Estados. A Inglaterra foi forçada a adotar este lema; e o representante supremo do seu regimen legal vem verificar, de perto, se o braço de ferro que ha de impôr os principios da justiça universal tem a tempera e a rigeza dos gladios da antiga Roma — que nos legou o Direito das Gentes.

A's primeiras horas da manhã, Jorge V — que é matinal como Eduardo VII — está a pé. Conferencia com o seu estado-maior — porque dispensa camaristas no « front » — e vae trabalhar nos campos de batalha. Começou o seu passeio de estudo visitando o alto historico de Messines. A meio caminho, teve a honra de uma salva de artilharia... « boche ». Verificou, pouco depois, os efeitos d'estes tiros... repetidos. Jorge V interessou-se sobremaneira pelos

campos de batalha ultimamente conquistados ao inimigo.

Desceu ao fundo das « crateras » abertas no chão de terra e ruínas pelos explosivos britânicos nas batalhas das Flandres e examinou a obra dos « tanks », — os « roedores » das trincheiras. Inquiriu, minuciosamente, não apenas como se deu o ataque, mas como ele foi preparado, para dar taes resultados. Vindo de Londres, onde só se conhece a guerra aerea que mata mulheres e crianças, não manifesta a minima estranheza perante a visão terrivel da guerra terrestre.

O rei de Inglaterra assiste, com uma impassibilidade magnifica, ás arremetidas da furia « boche », raivosas e... impotentes. Pára nos postos de observação e de vigia; discute serenamente, longamente, a marcha das operações; dá o exemplo da abnegação e da tranquillidade de espirito, com uma naturalidade pasmosa.

Mas o exercito inglez sabe bem que Jorge V não pode demorar-se longe da sua capital, e

prepara-lhe a surpresa d'uma síntese de todos os combates modernos, n'uma nesga restrita de terreno. E' um simulacro, perfeito e completo, uma reprodução, nitida e clara, dos diferentes aspetos das batalhas; e a esta miniatura da guerra chamam os inglezes « um modelo ». O rei tem, pois, ocasião de verificar, ali, as fases da guerra que já presenceára.

O terreno escolhido e preparado contém trechos de florestas, campinas razas, montanhas e vales, lagos, regatos, veredas e estradas. por onde se movem as « lorries », serpenteiam as trincheiras, se elevam os abrigos e fortins e se escondem as sapas traçoeiras que preparam vulcões formidaveis de explosivos. No ar, os renques de « salchichões », os aeroplanos velozes fendendo as nuvens; e, ar e terra, n'um concerto de destruição, estroudeando, tremendo, rivalisam de audacia e de arte, no terrivel ensaio-geral da tragedia infinita que se representa, ali ao lado. A artilharia, a infantaria, a propria cavalaria, estão a postos. O combate começa e acaba, com a maior regularidade. Para quem nunca viu a guerra que mata, o

espetaculo é uma revelação formidavel. Para os iniciados, representa ele, pelo menos, a concatenação ordenada dos multiplos elementos das batalhas, e é, por isso mesmo, uma lição, até para os mestres da guerra. Jorge V parece encantado. E vai almoçar, n'um bivaque, como um simples soldado....

De tarde, dedicou-se a admirar alguns troféus das batalhas, na praça publica da cidade de X..., palestrando amavelmente com as autoridades francezas.

Mas no « modelo » faltava, propositadamente, a principal arma d'ataque ás trincheiras — o « Tank ». O terrivel Molock queria mostrar-se separadamente, para melhor ser apreciado pelo soberano. E este assiste, pela primeira vez, ás evoluções do monstro, com a mais visivel curiosidade guerreira. O « tank » é, como se sabe, um monstro de aço, em fórmula de losango, que como membros locomotores tem apenas dois cintos de placas de ferro que executam movimentos de rotação no sentido perpendicular ás diagonaes. Estas correntes achatadas, movem-se independentemente do bojo da fera. E,

assim, esta se arrasta pelos campos erriçados de hervas, pedregulhos e... fortificações; salta sobre as ravinas e buracos de granadas; trepa pelas montanhas; desce ás concavidades profundas; e percorre, sempre devagar, sempre intravavel, todos os caminhos, todos os campos, mesmo os julgados inacessiveis. Quando pára, é para se erigir diante do inimigo, como uma fortaleza de blindagem inexpugnavel. Já lhe chamaram o « Jacaré » da guerra. As balas explosivas resvalam, com efeito, sobre o seu dorso, como sobre escamas d' aço impenetraveis. O « tank » bate-se, sempre sosinho, com os maiores exercitos. E' um verdadeiro « tanque » de explosivos — dizia-me, n' outro sitio, um sabio compatriota amator de calembures. Um d' estes engenhos de guerra atravessa um canto da floresta do « modelo »; abate pela raiz, como elefante... sem tromba, as arvores adultas; esmaga os fios de ferro farpados e os montões de destroços acumulados no seu percurso; afocinha nos socalcos e nas covas do terreno; galga o cume dos monticulos; e, sempre de vagar, sempre cadenciado nos seus movimentos

ameaçadores, caminha, caminha, espalhando a morte e o terror na sua passagem. O rei de Inglaterra e o príncipe de Gales levam a curiosidade a ponto de se encerrarem a bordo d'um dos monstros apocalípticos, — submarinos terrestres, sem ar e sem luz, — que causam o desespero da audácia inimiga. O rei e o príncipe tomam lugar a bordo d'um « tank ». O « tank » real parte a afrontar os obstáculos erguidos em desafio.

Propõe-se um objetivo : Penetrar no campo « boche » e esperar, lá, combatendo, sempre, as vagas da infantaria amiga, que, como ele, se movem de rastos, ora agachando-se, ora saltando, nos duzentos metros que separam as posições adversas. O dragão real investe com as trincheiras, torce e despedaça os fios de ferro que as defendem, pulverisa um abrigo de artilharia, e avança, lentamente, friamente, vincando na terra húmida o sulco profundo das suas patas disformes. Uma outra trincheira se escancara diante d'ele, como um abismo de fogo. O « tank » não hesita. Investe com ela; inclina-se ao abordá-la, acossado

pelas balas dos morteiros; atinge o rebordo oposto formando ponte sobre os dois muros; e continúa a marchar, com a imperturbabilidade d'um fantasma. O fogo « inimigo » que o alveja, redobra d'intensidade. São tiros de pólvora seca, bem entendido; mas fossem eles de bala, que a marcha do gigante não seria interrompida. O rei e seu filho primogenito verificam, no estomago exíguo do monstro, que nenhuma força humana se lhe pode opôr. E, resurgindo do bojo d'aço do monstro, como Jonas do ventre da baleia, encarecem, e com razão, a excelenciá inimitavel d'esta arma sem rival. Um outro « tank », como que em « match » sensacional, resvala, ao lado, pelo campo impraticavel. Deita por terra, como castelos de cartas, os abrigos de cimento armado, e derruba os rebordos das trincheiras de duas linhas. Outros ainda, como que formando a guarda d'honra, continuam, imoveis, á entrada do « modelo ».

Estavam dadas as provas definitivas do poderio incomparavel da... «Crème de menthe».

De regresso ao quartel general, já tarde, quando a penumbra da noite convida á meditação, nós pensámos, todos, nas terriveis contradições necessarias da Civilisação, que arma o braço da Justiça para esmagar o Mal e continuar a espalhar o Bem.

E os « boches », que estão, ali, a arrear-se, nas suas fossas imundas, continuam a bombardear as bifurcações dos caminhos por onde passa o rei d'um dos povos mais progressivos da Terra, enlevado ainda na força invulneravel d'uma arma ingleza, que, restaurada a paz, será mostrada ao povo altruista da Gran-Bretanha como um sacrificio prodigioso do genio nacional, sugerido pela ambição e pela crueldade dos teutões.

E a tempestade da guerra brame... sempre....

« *Increpat aura minas* »....

CAPITULO XI

O REI DE INGLATERRA EM FRANÇA

**O cortejo real na zona dos exercitos.
Os reis do espaço.**

A vida de um rei em campanha pouco difere da dos seus soldados. O rei de Inglaterra dá o exemplo da sobriedade, do vigor fisico e moral, do proprio ardor a combater, começando mesmo por combater parte das pragmaticas de palacio e transformando-se, junto dos seus homens, n'um simples homem de guerra. E o rei age assim, naturalmente, simplesmente, sem o menor artificio armado á popularidade que disfruta. Só o cortejo real, mesmo aqui, tem uma extensão... sumptuosa. Para atingir o terreno revolvido dos campos de batalha, o rei e a sua comitiva de generaes tomam logar em automo-

veis que levantam nas estradas nuvens imensas de poeira densa. Alguns dos vehiculos param, ás vezes, para evitar... abalroamentos. Sufocado pelo pó, um dos nossos camaradas de imprensa põe a mascara contra os gazes... asfixiantes... A carruagem do rei e do principe é a primeira da caravana real. Arvora o estandarte do imperador das Indias. Seguem-se cinco automoveis, com os generaes comandantes dos principaes corpos do exercito, e dois conduzindo o quarto estado ou jornalismo. Os « gendarmes » e a policia militar ingleza, a cavallo, guardam as en cruzilhadas dos caminhos. Os habitantes das povoações que se elevam no itinerario real, assomam ás portas e janelas das habitações, ou veem saudar, com um certo recolhimento, o seu hospede illustre. A' beira das estradas, postam-se, elegantes e severos, os batalhões que pediram para assistir á passagem do seu soberano. Jorge V veste o uniforme de general; o principe de Gales, o de capitão d'infantaria. O rei de Inglaterra apeia-se e passa em revista mais algumas divisões, admiraveis de porte e de garbo. Visita o ultimo hospital da

zona, isto é, o que recebe os feridos das trincheiras; aproxima-se, carinhosamente, dos catres, anima os soldados, incitando-os á vida, prodigalisa-lhes palavras de lenitivo e aconselha-os a resignação, que é a coragem do soldado doente ou ferido.

« Porque o dia da vitoria — que é tambem o da recompensa — já não pode tardar »....

Pouco depois, passavamos a fronteira. Estamos na Belgica, junto ao mar, no desprezencioso « chalet » do rei dos belgas — suggestivo e venerando como um sacerario. E' ali que o mais infornunado dos monarcas guarda heroicamente a bandeira da Patria. O mais poderoso dos soberanos da Terra vem, espontaneamente, obedecendo ao impulso apreciavel do seu coração, estender a mão de amigo e de aliado ao representante d'uma das mais pequenas nações do mundo, cuja grandeza moral augmentou á medida que o seu territorio diminuiu. O hino belga, executado pelas bandas regimentaes, entre o murmurio do mar dolente, arranca lagrimas a alguns de nós. A « Brabançonne » evoca hoje as tragedias tremendas do passado e

prennúcia a esperança ridente das reivindicações futuras. O rei de Inglaterra, mensageiro da paz, quiz distinguir a Belgica com a sua primeira visita. Irá saudar a França, na pessoa do chefe dos seus exercitos. Prestará a devida homenagem á Republica portugueza e aos seus « serranos », na presença dos nossos generaes.

Mas o programa da viagem indica uma outra homenagem do primeiro magistrado da Gran-Bretanha aos reis dos canhões : os 280, os 320, os... de maior calibre ainda ! Alguns estão principescamente instalados n'esta Belgica, por cuja defeza a Inglaterra pegou em armas, organisando um dos mais fortes exercitos do mundo. No alto mar apercebem-se dezenas de embarcações de pesca, dragueiras de minas e dois couraçados.

Um « destroyer » afasta-se muito para o largo.

— « Parece que a guerra submarina já faliu » — diz um belga.

Os soldados de Alberto I de um lado e os in-

glezes do outro, manobram. Os que estão de descanso acavaleiram-se, apinham-se, de alto a baixo, nas dunas, como se estivessem, debaixo de fôrma, em gaveas de navios. O rei Jorge, incançavel, examina tudo, vê tudo, interroga e emite opinião. Pára um instante n'um abrigo disfarçado de artilharia pesada. Uma das peças é carregada e disparada, em dois minutos. A operação é realisada por trinta soldados.

Mas, hoje como hontem, o rei de Inglaterra quer fiudar o dia em territorio francez, assistindo á revista sensacional da quinta arma dos seus exercitos — o avião. Estamos n'um d'estes grandes aerodromos que precedem, a curta distancia uns dos outros, as retaguardas dos exercitos em combate. Os « azes » são apresentados ao soberano, debaixo de fôrma. Esperando a visita, dezenas de aeroplanos, do mesmo tipo, esvoaçam já, a pequena altura. As outras esquadrilhas preparam-se para deixar a « pelouse » verdejante, estremada por dezenas de « hangars » alterosos. Começam a « largar »,

a cinco e cinco. Elevam-se rapidamente a uns 200 metros; evoluem, em linhas geometricas graciosas; deslisam; caem em espiral; parecem girar sobre o eixo; descem, em vôos planados, como que n'um torneio d'agilidade de que o rei é o juiz e o arbitro. Um d'estes... 200 aparelhos — o ultimo a subir — toma o vôo vagarosamente; eleva-se a alguns metros apenas; e corre na direção de um dos « hangars » mais proximos do rei, Parece desamparado e condenado a esmigalhar-se contra as paredes do barracão. Ha um momento de opressão e de angustia. O aeroplano — diz-se — não se pode elevar; não tem tempo para descer; não pode mudar de direção e vae, irremessivelmente, esbarrar contra o obstaculo que se lhe opõe.

Mas o seu piloto, quasi a tocar o « hangar », vira de bordo com rapidez incrível; « toma altura; » aprôa, quasi em linha vertical, para o caminho das estrelas; sóbe, sóbe; e, lá de cima, parecendo ter parado, dispara as suas tres metralhadoras, como que para festejar a sua propria proeza! Era uma experiencia de viragem... forçada! Os aviões que já haviam

descido, retomam o vôo ; e, juntos aos que percorriam o espaço em bandos, salvam, em honra do espectador real da cena mais impressionante a que ainda assisti. O sol poente é, por vezes, eclipsado pelos enormes avejões, que descrevem espiraes e executam « loopings », sob o comando de sinaes das « aguias » do aerodromo. O rei não ponde conter o seu entusiasmo bem justificado e exclamou, quando passava junto do grupo de jornalistas :

« E' admiravel ! »

E era, com efeito, mais que admiravel, surpreendente.

E assim findou este grande dia, que nenhum de nós esquecerá. De regresso ao « châtean » imperio onde reside o rei, um grupo de aviões, descendo das nuvens, acompanha, a pequena distancia, os oito automoveis do cortejo; sempre envoltos em nuvens de poeira. Um d'estes aviões — certamente o do « az » dos « azes » — desce a cada instante sobre a capota da carruagem real, que quasi toca, parecendo até poisar n'ela; sanda-a com tiros de metra-

lhadora; torna a subir e a descer; salva novamente; sóbe ainda; e, assim, sucessivamente, até consumir as munições de que dispõe. E, com a noite escura, findou a revista aerea com que o exercito inglez brindou o seu grande chefe....

Jorge V tinha assistido, hontem, á consagração dos « tanks » — esses couraçados da Terra. Constaton, hoje, o triunfo dos aviões — essa cavalaria do ar. Depois de adquirir a certeza de que as suas maquinas de guerra estão prontas a combater, sem receio, a iniquidade e o erro, o grande rei poderá brevemente dizer ao seu povo, como no tempo do nosso Afonso Henriques foi dito, nas côrtes de Lamego : — « Nós sômos livres » enfim!...

— « *Nos liberi sumus* »....

— Porque a liberdade ainda hoje se conquista, como então, com a força bruta....

PARTE II

**NA FRENTE PORTUGUEZA
AS NOSSAS ARMAS EM AÇÃO**



PARTE II

NA FRENTE PORTUGUEZA AS NOSSAS ARMAS EM AÇÃO

● CAPITULO XII

ASPÉTOS DAS RÉTAGUARDAS

A esplendida attitude dos soldados portuguezes.

Acabo de visitar a frente ingleza e trago d'esta excursão demorada a certeza absoluta de que o exercito inglez, de mãos dadas com os dos aliados, está de ha muito a caminho da vitoria. Não quero, porém, descrever todas as horas de intensa emoção que experimentei, sem dizer que cheguei, finalmente, junto das tropas portuguezas. Os automoveis de guerra, mais do que os... outros, devoram as distancias. Encurtam o espaço, alongando o tempo. São o delirio e a vertigem da rapidez. Hontem á tarde, estava

eu ainda absorto na contemplação da força indestrutível da Inglaterra, posta desinteressadamente ao serviço do Direito. Estou hoje, de manhã, a algumas dezenas de kilometros do « front », gosando o prazer inefável de ouvir falar a língua da Patria querida em grande parte d'uma região da França. Aqui, a minha « liquette » — o men. ♀ disfarce civil de correspondente de guerra — serve á maravilha os meus capciosos intentos de « reporter ». Os militares portuguezes passam por mim com a indiferença que eu desejaria ver nos « tommies » que guardam as pontes do Somme, á minha passagem para o « front ». Surpreendo-os, assim, em conversas adoraveis; e, o que mais é, tenho a intima convicção de que, apreciando-os em bloco, melhor os poderei julgar — sem me acusar o remorso de os ter... consultado....

A minha chegada á bonita cidade franceza onde esteve estabelecido o quartel general portuguez, foi marcada por um significativo

episodio. O official inglez que me acompanha indicou-me o hotel dos... nababos do sitio, para me alojar.

« — E' o melhor cá da terra. »

Verifiquei com effeito, — e é esta a minha primeira impressão agradável, — que é menos caro do que... bom

Puz-me a conversar com a dama, velha e bigodenta, que administra a aristocratica... estalagem.

« — O senhor é portuguez, » — diz-me ella, de chofre.

« — Como sabe que sou portuguez? »

« — Sei por causa do seu « accent » e porque a sua figura.... »

« — Ah! »

« Ainda cá estão muitos soldados portuguezes, ? » perguntei.

« — Muitos, não. Alguns. Todos os outros se aproximam rapidamente do « front ».

« — E que opinião se fórma d'elles por aqui? »

« — A melhor possível, » — meu senhor, diz a velhota, animando-se. « Souberam conquistar as simpatias da população. Eles são tão gentis, tão delicados, tão amáveis.... Aqui em casa » — e esboça um gesto, indicando o marido e as filhas que a escutam — « estavam, pode crê-lo, como s'estivessem em casa d'elles. Eu tratava-os como se fossem meus filhos ».

E começou a contar historias alegres « dos portuguezes ».

E quasi com ternura :

— « Como não hei-de eu lembrar-me com saudade d'esses belos moços, tão alegres e tão bons, se sei que partiram e não sei se voltarão?... »

A pobre mulher tinha os olhos marejados de lagrimas. Puz termo á cena comovente, perguntando-lhe :

« — E como se faziam eles compreender? Estão ha tão pouco tempo em França?... »

A sentimental *aubergiste*, que está, decididamente, enfeitiçada pelos nossos soldados, responde, n'uma exuberancia de frase que me encanta :

« — Falam todos francez, meu senhor!
Todos, todos!... »

E fitando-me, bem de frente :

« — Falam mesmo muito melhor que o
senhor, que bem se vê que acaba de chegar de...
Portugal... »

Fui á cata do meu capitão, para irmos almoçar. Nas ruas, quasi desertas, da pequena cidade *coquette* começam a aparecer soldados portuguezes de todas as armas — a pé, a cavalo, de bicicleta, em automovel.

« — Veem, porque é domingo, visitar os
« conhecimentos » que aqui deixaram » — informa o meu simpatico guia.

Mas eu levo mais longe o meu inquerito e descubro, n'uma loja de barbeiro e n'uma tabacaria, que os nossos soldados não só se entendem perfeitamente com a população local e com os soldados francezes, mas que vivem na melhor camaradagem com os... inglezes.

« — E como se entendem eles! » — inquirio.

« — Falam todos inglez » -- diz-me o barbeiro.

« — A menos que os inglezes não falem portuguez » — objeto eu.

E, á meza do hotel — do *Grand Hôtel* — que o capitão me indicou, conto a historia da velhota lusofila, não sem me esmerar na dição da béla lingua de Voltaire.

Toda a gente riu a bom rir, não da minha pretensão de falar francez melhor do que os nossos bravos soldados poliglotas, mas do meu... desplante de querer insinuar que a dona do Hotel exagerava... muito....

CAPITULO XIII

O primeiro contacto com os nossos combatentes. — O soldado e o official. — A ressurreição do heroismo nacional.

Estou ha dias junto das nossas tropas, e, dia a dia, a deliciosa impressão inicial se arraiga em mim, em arroubos de alegria. Ver um exercito portuguez instalado n'uma provincia da França, querido dos camaradas estrangeiros, e recebido amoravelmente pelos habitantes d'este paiz, seria já um facto assás jubiloso. Mas a organização perfeita dos serviços, a ordem e a disciplina dos nossos homens, e a sabia direção que a todos os ramos da atividade marcial sabem imprimir os officiaes, mais me fazem exultar de satisfação intima, á medida que fre-

quento, aqui, a nossa gente. Nem sei se, ao descrever-lhes o que acabo de vêr, encantado, encontrarei expressões suficientes para incutir-lhes nitidamente o que sinto.

O nosso « poilu ». — sem pêlos na cara, porque se barbeia diariamente, como um... « gentleman », — aclimou-se rapidamente a este lindo paiz hospitaleiro. Vive na atmosfera d'aristocracia militar que circunda as trincheiras anglo-francezas; impregna-se d'esse ar salubre do espirito; e, desenvolvendo as faculdades naturaes da assimilação, não duvido que, de torna viagem, vá causar em Portugal e no Brazil as mais agradaveis, as mais deliciosas surpresas a toda a gente.

E' esta a primeira impressão fagueira que me apraz transmitir-lhes. Mas ha outras e muitas outras. O nosso garboso soldado, — e, n'estas apreciações genericas, eu não preciso abranger os officiaes, todos parisienses da gêma, — ganhou imenso com esta transplantação fisica e moral. Aprendeu já a ser... economico; a ser mais

NA FRENTE PORTUGUEZA



O GENERAL GOMES DA COSTA.

sobrio; a apreciar devidamente civilisações que nem suspeitava ou conhecia apenas.

Eu tenho-o visto, atento ao estudo e á pratica dos deveres, não só nas escolas onde se prepara esta guerra « *sui generis* », mas nos proprios exercicios desportivos. Produz a melhor impressão, porque se amolda, sem constrangimento, ao novo meio; porque deligencia engrandecer-se, sob o duplo aspéto da hygiene do corpo e da disciplina do espirito.

— « Admiravel materia — prima »! — dizia-me, referindo-se-lhe, um dos nossos distinctissimos officiaes. Admiravel a todos os respeitos, poderei eu acrescentar, sem exagero.

D'este formoso e agnerrido exercito se pode dizer o que os romanos diziam das suas hostes, que ele está apto para a guerra: « *Bonus bello* ».

Tenho percorrido todas as trincheiras, redu-tos, abrigos e campos de instrução; todas as escolas de tiro e de lançamento de granadas; todos os poligonos de exercicios de morteiros, de obuzes e de artilharia ligeira. Por toda a

parte as propensões basilares do nosso homem se evidenciam, com tendencia pronunçada para o aperfeiçoamento completo. Revelam-se-lhe aqui, rapidamente, todas as grandes qualidades atavicas. Bem dizia Wellington, em officio de 29 de setembro de 1811, dirigido ao conde de Liverpool, que « as tropas portuguezas dão provas da maior firmeza e disciplina. Os artilheiros portuguezes » — acrescentava o vencedor de Waterloo — « são dos que, mesmo mutilados, se não arredam das suas peças ». O soldado portuguez (e aqui englobo em agora officiaes, sub-officiaes e soldados) é o mesmo de então. Não degenerou. A raça portugueza, que debutou na Historia com o heroismo de um general serrano, que só morto á traição foi... vencido, é a unica, em todo o mundo, que tem conseguido guardar, durante nove seculos, um paiz sem fronteiras naturaes, pelo esforço heroico dos seus filhos valentes. Este é o certificado indiscutivel da sua proverbial coragem.

Consideremos, porém, o facto da conservação do tipo fisico e moral da raça, atravez das

vicissitudes da guerra e da paz armada. Portugal, durante a sua longa existencia historica, conviveu raramente com os povos occidentaes. Os cruzamentos com as raças que dominou mantiveram intacto o seu tipo ethnologico. Por isso as qualidades e os defeitos da grande raça se transmitiram, ligeiramente deformados, á raça átual.

Os seus traços geraes são originaes e inconfundiveis. Explica-se este phenomeno de sociologia demografica pelo facto, repito, de não termos convivido intimamente com povos estranhos no Occidente e por termos mantido sempre a autonomia nacional. Não disento, é claro, a necessidade dos cruzamentos entre raças superiores. Concluo apenas que, mantido, quasi sem alteração, o nosso tipo fisico e moral das datas memoraveis da nossa supremacia mundial, ele guarda, como um tesouro, as carateristicas essenciaes da raça, que foram e são — a valentia e a intelligencia. Tenho, por isso, a convicção de que estamos escrevendo, com as letras d'oiro rubras do sangue portuguez, uma nova e brilhante pagina da historia da Patria.

Esta guerra universal ha de erigir um marco miliario, que assombrará os vindouros. O nome de Portugal será gravado no supedaneo d'esse monumento eterno.

O « boche » Treitsckhe, no seu livro didatico : « *Dez anos de combates alemães* », expressa-se por esta forma, a respeito da conhecida mentalidade do seu paiz :

— « A invocação divina existe em toda a parte onde se oferece occasião favoravel para atacar o proximo e alargar as fronteiras nacionaes. »

Portugal, que repudia a « cultura » alemã, não lê tambem por este catecismo... da força.

Portugal combate apenas para dilatar os seus dominios... Moraes. A sua causa santa está nas mãos dos nossos soldados. Eles são hoje o que sempre foram — paladinos estrénnos e invenciveis do Direito.

D'elles dizia o tenente general José de Miranda Henriques, em carta de 2 de maio de 1809, ao marechal Beresford, marquez de Torres Vedras : — « V. ex.^a virá ao conhecimento de que a

palavra medo se não encontra nos dicionarios da guerra portugueza. »

Conservâmos os mesmos dicionarios, a mesma gente destemida e o mesmo ideal.

— Eis o que eu acabo de verificar no sector portuguez, — a duzentos metros dos « boches ».

CAPITULO XIV

A maravilhosa predisposição das tropas portuguezas. « Croquis » dos homens e dos campos de instrução.

Volto do quartel-general britânico ás réta-guardas do exercito portuguez. O caminho é horizontal: o que aqui se chama um « caminho de bilhar ». Esmaltam-no e alindam-no renques compactos de choupos, e, em redor, jardins bem cuidados, onde reinam lilazes em flôr. A « primavera canta », ao sol rutilante. Dir-se-ia estarmos longe — muito longe — do execravel matadouro da guerra, em estancias de prazer onde abundam os pomares viçosos e as florestas senhoriaes,

... « *car j'ai pour les forêts des amours fraternelles* » ...

Mas o doce enlevo dura pouco. Desaparece

rapidamente este jardim d'Armida. Entrámos no quadro peculiar das casinholas das aldeias, aninhadas em torno dos campanarios, nos prados imensos, raramente amanhados.

Agora, a paisagem é novamente... guerreira e hostil. Aerodromos, regimentos, patrulhas, acampamentos; e... o som do canhão, que redobra de intensidade. E marchâmos sempre... Nas humildes povoações que atravessâmos manifesta-se já a aliança oficial dos dois grandes povos que nos hospedam. E' o comubio anglo-latino, em toda a linha. Não só os nacionaes d'estes paizes se juntam, passeiam, convivem e certamente se amam; mas a propria policia é mixta.

Ao lado do « gendarme », de farda azul-horizonte, está o policia militar inglez, d'uniforme « kaki » (1) e boné vermelho. Brevemente teremos, na interseção dos caminhos e das vias urbanas, a trindade da aliança, com o « civico » portuguez... militarizado.

(1) *Kaki*, palavra d'origem indiana, quer dizer *lama*. E' interessante recordar que os soldados portuguezes das guerras da peninsula usavam « uniformes pardos » (*kaki*?)

Os monumentos historicos d'esta região estão precavidos, contra a sanha dos « boches », com altas palissadas de sacos d'areia, sustidas por chapas de ferro. Ao fundo da planicie que percorremos, erguemse os imponentes « crassiers », — piramides de residuos de minerio, — de 50 a 80 metros d'altura. Paizagem oriental, altamente suggestiva, onde só faltam as esfinges pronosticadoras da Vitoria....

N'uma d'estas aldeias, ha já disticos em portuguez. Um aviso do nosso general em chefe, profusamente espalhado, regula o horario da frequentaçãõ dos « estaminets » (lojas de bebidas) pelos militares portuguezes. Começam a aparecer, ora sós, ora acompanhados por « poilus » e « tommies », os nossos... « serranos » (porque não lhes havemos chamar assim, definitivamente?), os quaes, sem o boné anglo... balcanico, facilmente confundiriamos com os soldados... francezes. O que distingue o « paiz negro » onde estamos — a região da hulha — é a grande quantidade de crianças que assomam ás portas e janelas das habita-

ções, e correm, e riem, e pulam, pelas estradas fóra. São filhos de mineiros. Só o operario tem, aqui, na verdade, a noção da ameaça de despovoamento da França....

Já se divisam officiaes portuguezes, a pé e a cavallo, nas ruas das povoações e nos logarejos transformados em aquartelamentos e depositos. Teem, como os soldados, o aspeto satisfeito de quem usufrue uma hospitalidade amigavel, e — seja dito de passagem — uma temperatura de 25 gráns acima de zero, que os compensa, a todos, das agruras do frio siberiano da data dos primeiros desembarques. O proprio eçu tem laivos d'anil do que sorri constantemente nas selvas e nos alcantis da nossa terra.

Eis um soldado portuguez, de capacete. E' o primeiro que se nos depára. E' curioso como o bravo moço, habituado talvez ao imponderavel barrete, sabe exhibir aquella pezadissima cou-raça da cabeça, com um certo « chic »... parisiense.... O « casque » portuguez, canelado, em riscas onduladas descendo do vertice da copa, tem a aba ligeiramente descaida, como

o chapéu anamita. Passámos em frente dos « châteaux » onde estão instalados os principaes chefes do nosso exercito. Fende os ares o som vibrante d'um clarim portuguez. Escuto-o atentamente, religiosamente. Saturo-me d'essas notas communicativas, como se elas fossem um « salvé » da Patria. Nos caminhos, estreitos mas bem cuidados, ha grupos de soldados portuguezes; motociclistas; « camions » automoveis; viaturas puxadas por muares do Alemtejo, que se empurram contra os varaes, escorregam e ás vezes... cáem. E' esta ultima a unica coisa indisciplinada que cá encontro.... Passa agora um official superior, a cavallo, seguido pela respectiva ordenança. E' um belo tipo da nossa raça, de olhar tranquilo, bigode farto e tez moreua. O « men » capitão dedica-lhe uma continencia prolongada. Eu curvo-me e tiro o chapéu até ao joelho. Saudando-o, ali, n'aquelle logar onde a cada instante se vê desfraldada ao vento a bandeira portugueza, impulsioua-me a piedosa intenção de ajoelhar perante a Patria excelsa que ele encarna...

As vilorias, os « hameaux » e as herdades perpassam ante os nossos olhos avidos de automobilistas, como as perspectivas variegadas d'um cinematografo. A' medida que penetrâmos no amago do paiz onde Portugal hoje « domina » pela sisudez e pela proverbial cor-dealidade dos seus filhos, vemos aumentar o numero de soldados portuguezes. Estou absorto na contemplação d'essas silhuetas insinuantes. N'uma d'estas aldeias, onde tomâmos uma colação, descubro o « *Seculo* » á venda, n'um estanco-tabacaria. Passa um grupo de officiaes. Ha, entre eles, dois alferes-capelães.

A viagem prosegue. Cêrca d'uma azenha, á beira d'um d'estes canaes — os « caminhos que andam » — onde o bom gosto francez faz realçar a natureza, ha uma casa de banhos para os nossos soldados. Trata-se tambem, ao que me informam, de estabelecer mais cantinas junto dos regimentos, para evitar a exploração dos soldados pelos celebres « mercantis ». N'alguns campos de instrução já os nossos rapazes se dedicam aos jogos atleticos, nas horas vagas — « que são poucas », dizem êles. E'

admiravel o espirito de ordem e de disciplina de todos.

N'uma das estradas que entrecortam a campina de terras de grangeio, passa uma secção portugueza de artilharia ligeira.

— « Vae para o nosso sector » — diz-me um soldado portuguez.

— « E a artilharia pesada? »

— « Vae tambem « funcionar », brevemente ».

— « Os serviços d'aviacção já estão montados? » — pergunto ainda.

— « Já cá temos alguns aviadores. Brevemente serão completados, com a organisação da 5.ª arma, todos os serviços do nosso Corpo espedicionario. Ah! aqui trabalha-se a valer, como verá »!!.. » E despede-se.

Instalo-me não longe do nosso quartel-general.

D'esta primeira excursão no territorio onde reside a nossa gente, conservo já a mais reconfortante impressão. O que eu já observei, de relance, é mais do que agradavel para o meu coração de portuguez : é uma honra para

todos nós. Relato, sem lhes avolumar as proporções, os factos inegáveis que presenciei. Outros os justificarão amplamente. Sob a influencia mesologica, pela tendencia natural do temperamento portuguez, e pelo despertar do espirito d'emulação, no convivio diario com as melhores tropas do mundo, o nosso soldado não só manifestou e acentuou os predicados da sua velha reputação, mas aperfeiçou-os, no mais alto gráu. Que dizer dos laços de intima solidariedade que unem todos os officiaes a todos os soldados, no proseguimento da patriótica tarefa? Ah! estes olhares puros, estas atitudes calmas e decididas não mentem. A patria delegou no seu exercito a defeza dos seus interesses sagrados. Podemos afoitamente confiar no desempenho da grande missão...

CAPITULO XV

Reminiscencias de gloria. — O exercito portuguez d'hoje e o de ha um seculo. — A « Leal Legião Lusitana » e a « Legião Portugueza ».

A' medida que as tropas portuguezas chegam ao « front » franco-inglez, o estudo das suas proezas, relativamente recentes, impõe-se, já que a gloria imarcessivel da velha epopeia colonial e maritima dos portuguezes é assaz conhecida e apreciada em todo o mundo.

Convêm, decerto, para garantia do esforço actual, lembrar os prodigios de valor do exercito portuguez de ha pouco mais de um seculo.

Em 1807, quando o chefe do Estado portuguez, fugindo deante dos exercitos de Massena, se refugiou no Brazil, o nosso paiz contava apenas 2 milhões e meio de habitantes. Para defender

Lisboa, — isto é, a « Salónica » d'essa época, — o marechal inglez Beresford organisou a « L. L. L. » (Leal Legião Lusitana), que, em pleno desenvolvimento, atingiu o importante efetivo de 75.000 homens. O exercito invasor de Massena contava 85.000.

Esta famosa legião cobriu-se de gloria no Bussaco, em Albuera, em Fuentes-de-Onoro, em Ciudad Rodrigo e em Salamanca. Resentia-se ainda da esplendida organização que ao exercito portuguez imprimira o conde de Lippe, em 1762. Junot, Massena e Soult, que a conheceram de perto, formaram, com os soldados portuguezes que recrutaram no nosso paiz, durante as incursões napoleonicas, a « Legião Portugueza » que, sob o comando supremo do marquez de Alorna, acompanhou a « Grande Armée » do heroe de Ansterlitz, no seu passeio triumphal atravez da Europa. D'este pequenino exercito de 15.000 portuguezes, que se bateu valentemente ao lado dos « Groguards », se constituiu panegirista entusiasta o general francez Thiebault, chefe do estado-maior do exercito de Junot.

Referindo-se á primeira d'estas legiões — a que defendeu as fronteiras portuguezas, contribuindo para o restabelecimento da autonomia castelhana — escrevia Beresford, em 1812: — « O exercito portuguez é digno de combater junto das melhores tropas de todo o mundo ». Wellington não regateou elogios a este punhado de bravos, que tanto se esforçaram por combater o « kaiser » do seculo passado. Mas deve-se ao general barão de Marbot, o historiografo eminente de Bonaparte, a melhor descrição do carater e do valor do soldado portuguez d'aquela época.

— « Quanto aos portuguezes » — escreve Marbot, no seu precioso livro classico — « ainda se lhes não rendeu justiça pela grande parte que tomaram nas diferentes guerras d'esse tempo. Menos crueis, muito mais disciplinados que muitos dos seus camaradas estrangeiros, deram provas evidentes d'uma coragem tranquila. Formavam diversas divisões, que equalavam as melhores dos melhores exercitos ». « Mas » — acrescenta o celebre escritor

militar — « os portuguezes não eram jactanciosos; falavam pouco das suas pessoas, e as suas façanhas foram, por isso mesmo, muito pouco conhecidas ».

A população de Portugal é hoje de perto de sete milhões de habitantes. O esforço portuguez pode triplicar-se. O soldado portuguez é o mesmo. Este povo é sempre o que ha seculos içou a bandeira nacional, temida e respeitada, nas mais longinquas paragens do globo. E' o que eu tenho aqui diante de mim, garboso, inteligente, ativo, intemerato. Ascéta do grande ideal da Liberdade que sempre o fascinou, ele vem, livremente, comungar no altar da Patria comum das idéas, altar que foi ultrajado e profanado pelos Hunos modernos. Vem assistir, vibrante de coragem, á Aleluia esplendorosa da proxima vitoria dos povos livres. Vem acabar com « as guerras que são o horror das mães » — *Bella matribus detestata...*

CAPITULO XVI

**O Ministro da guerra portuguez aprecia,
« de visu », o seu meritorio trabalho. —
— Brillhante attitude das tropas portu-
guezas.**

Interrompo a descripção que estou fazendo das frentes de batalha franco-anglo-lusitana, para referir-me a um facto importante da intervenção portugueza na guerra : a chegada ao nosso sector do homem eminente a quem, em grande parte, esta intervenção se deve : Norton de Matos.

Na historia da nossa cooperação militar com os aliados, o seu nome avultará como o de um organisador inteligente e ativo, capaz de sobrepujar as arremetidas da hidra politica, e de pôr em pratica os mais variados meios de ação, no interesse geral do paiz. A aparição de um tal homem junto dos homens para quem

ele apelou ao toque de rebate da Patria em perigo, merece especial registo n'estas cronicas de guerra. Norton de Matos teve já a honra de ser convidado, oficialmente, a almoçar com o seu colega da França; foi recebido, na zona dos exercitos, pelos officiaes generaes das potencias aliadas; e está, no momento em que lhes escrevo, almoçando com o generalissimo Douglas Haig, no grande quartel-general britanico.

Mas nenhuma d'estas manifestações de apreço, bem que merecidas, calou no seu coração de portuguez de lei, como a que recebeu do valente e belo exercito que para aqui mandou. Ao inspecionar este exercito em todas as suas unidades, em todas as suas secções, e no seu conjunto, o ministro da guerra de Portugal poderá dizer, como Napoleão em Ansterlitz :
— « Soldados, estou satisfeito comvosco! »

O chefe supremo das tropas portuguezas chegou aqui, acompanhado dos seus ajudantes de campo e do adido militar de Portugal em Paris. Hospedou-se em casa do gene-

NA FRENTE PORTUGUEZA



OS CAMPOS D'INSTRUÇÃO.

ral Tamagnini. Visitou imediatamente as ambulancias, os depositos, as escolas de tiro e de instrução, os alojamentos dos soldados e os diversos serviços do estado-maior. Assistiu á revista, passada pelo general X. ..., ao batalhão de infantaria que foi render o que guarnecia o nosso sector e aos exercicios de tiro de artilharia ao alvo. A revista das nossas tropas, n'uma estrada banhada de sol, ao som do canhão da guerra e das nossas musicas regimentaes, revestiu um brilho excecional.

Depois do desfile do batalhão, com a secção de ciclistas, as viaturas, as cozinhas rodadas e os « comboios » de viveres, munições e forragens, os officiaes, francezes e inglezes, que acompanhavam o estado-maior do nosso ministro, detiveram-se, em continencia, durante alguns minutos, enquanto as musicas executavam os hinos dos aliados e a « Portugueza ». Aqui, a mil kilometros da Patria, nas terras santas da França, com o amplexo fraternal da Inglaterra, amiga de seis seculos, eu senti então arfar de justificado orgulho o peito ofegante da nossa terra inteira. Assaltou-me o

indizível e irrealisavel desejo de fazer presenciar a magestosa cena por todos os portuguezes. E recolhemo-nos, n'uma mudez emocionante, ás locubrações do espirito, que se alçava ás eminencias d'essa terra adorada. A alma ardente da grande Patria pairava, em effluvios cariciosos, no proprio ambiente perfumado dos casaes gentis onde se albergam os nossos moços....

Nunca se exalçará demais a compreensão nitida do dever, a premeditada deliberação de honrar-se e de honrar-nos, que se traduz no semblante, grave e satisfeito, de cada um dos nossos soldados. Os officiaes orgulham-se de os comandar; os soldados sentem-se felizes com taes chefes. Sem quebra da mais inalteravel disciplina, pode, porém, dizer-se que já aqui não ha, com effeito, nem chefes nem subordinados : Ha irmãos e amigos, devotados á mesma causa sagrada. Eles sabem, todos, que estão transpondo os humbraes da Historia. Nenhum d'elles ignora que representa, na lu-

ta das nações, a mais nobre e gloriosa tradição militar de todos os tempos. A unidade de ação e de vistas, a perfeita comunhão de idéas e de sentimentos, irmanou-os, n'um pacto natural, indissolúvel. Eu supunha esta raça atrofiada. Supunha-a inquinada pelo morbo virulento da politica que corróe os organismos latinos. Enganei-me. E, na minha réтификаção, feliz, vae todo o preito da minha fé ardente no seu triumpho definitivo.

O ministro da guerra de Portugal acaba de partir para Londres. Visitará, á volta, as trincheiras portuguezas, inglezas e francezas.

A missão do chefe supremo dos nossos exercitos inicia-se sob os melhores auspicios.

Londres reclama-o para o aclamar, depois de Paris o ter saudado efusivamente. Porque a Europa requesta-nos. Ela aprecia, emfim, a grandeza do nosso esforço, e a abnegação do nosso gesto.

E o soldado, que aqui combate por todos nós, sabe bem que a Patria o contempla, de

longe. Ele tem direito a contar com o apoio, com o incitamento, e com a confiança de todos nós.

— Eis as expressões, simultaneamente doces e acerbos, que eu surpreendi no rosto energico e leal do grande manejador de homens que aqui veio extasiar-se diante da sua propria obra : — Norton de Matos.

CAPITULO XVII

Os « Serranos » em plena ação. — O que eles dizem, o que fazem e o que pensam.

Atingi hoje o ponto culminante da minha grata excursão. Para aqui chegar, passei ás vezes pelas desoladas regiões onde as proprias ruinas pereceram, como Lucano dizia de Troia destruida :

— « *Etiam periere ruinae...* ».

Estou na frente de combate dos portuguezes. D'elles se fala por aqui a cada instante, com uma insistencia que é uma homenagem merecida e com um apreço que é uma consagração inestimavel. Eles merecem tudo isso — e muito mais. Inaugurámos, ha apenas alguns dias, o nosso « front » privativo. N'este palco historico do nosso heroismo hereditario, os nossos destemidos... « serranos » (1) vão portar-se —

(1) Eu propuz que os homens que aqui houbrem com os

teem-se já portado — com a soberba galhardia habitual. « *Sursum corda!* »...

Estamos a menos de duzentos metros dos coios alemães. Estamos quasi a aspirar o foco d'infeção que ameaçou, a um dado momento, contaminar o universo. Deixem-me examinar este horisonte glorioso :

Os « salsichões » alemães ou « Dracken » — a que os soldados inglezes chamam, no seu calão pitoresco, « bexigas do kaiser » — avistam-se, ao longe, a uns mil metros d'altura. Marcam a linha de demarcação dos exercitos inimigos, isto é, o abismo. No ponto intermedio está o circulo concentrico da linha de fogo. A artilharia especial dos inglezes e a nossa fazem andar n'uma dobradoira estes especimens aereos da estetica « boche » — os « salsichões » horrendos.

Sente-se o estrugir prolongado do 505 inglez,

« poilus » e com os « tommies » fossem investidos da alcunha apoteolica de « serranos ». Digo porquê : Eles descendem, primitivamente, do maior heroe das serras lusitanas : Viriato. Eles provêem, na grande maioria, das montanhas da nossa terra. Eles teem a tez tostada e a rude tempera que justifica bem este adequado cognome.

cujo projectil pesa uns 280 kilos. Satelites da grande constelação d'exterminio, as balas de menor calibre seguem a orbita de fogo d'estes cometas da Morte. Os tiros incessantes são regulados por dezenas d'aviões, por sinais opticos e pelo telegrafo sem fios. Alguns « Tauben » atrevidos lançam-se na arena aerea. São perseguidos implacavelmente, e dão-nos, por vezes, o prazer vingador d'uma queda precipitada e... inesperada. Os « Spads » batem o « record » da velocidade, com 210 kilometros á hora. Não longe d'aqui — revelo com prazer este facto — um portuguez alistado no exercito francez acába de abater o *seu* terceiro aparelho « boche ». E' um « az » em perspectiva...

As baterias portuguezas estão postadas nos terrenos baixos que dão acesso ao ponto de concentração das nossas tropas. A luta d'artilharia é ininterrupta. Estoiram, alçando-se á altura dos aviões « boches », os terriveis « shrapnels », que os inglezes imaginativos crismaram de « Jack Johnston ». Produzem

como já disse, rólos e flocos de fumo claro-escuro, que se dissipam em poucos segundos. Os soldados portuguezes percorrem as ruas, em serviço ou em passeio de descanso. Entre os magotes de militares inglezes que contornam os camaradas que passam, debaixo de fórma, destaca-se o saiote ou « kilt » dos escocezes, — de joelhos ao léu e de boné redondo de fita pendente sobre a nuca, — e o chapen de feltro semi-desabado dos canadienses.

O soldado inglez da metropole predomina na multidão marcial, onde ás vezes é difficil abrir caminho.

Onde estão os alemães?

Ali, em frente, n'uma encosta deprimida, paralela á nossa trincheira. A sinistra habitação de guerra dos subditos do « kaiser » é constantemente posta em fóco pela explosão das nossas granadas. Para melhor a indicarem, os aviadores descem bruscamente, em vôo planado, sobre ella; despejam as munições de que são portadores e elevam-se, com a rapidez do raio, distanciando-se o mais possivel para o nosso lado. Tudo isto se observa a olho nu, da

vila modesta e escavacada que foi o terminus da nossa viagem.

Aventuro-me a um passeio entre as ruínas d'esta vila-quartel, para melhor apreciar os nossos soldados.

Estão dispersos por toda a povoação, em aquartelamentos improvisados, a que não se esquecem de dar nomes portuguezes. Estive no... « quartel... do Carmo ». A uma das ruélas que conduzem ao caminho do nosso sector, deram o nome de « Saudade ».

Lê-se, a cada instante, nas portas, janelas e paredes dos predios onde residem, esta inscrição, a giz ou a lapis : — « Viva Portugal ! » São arrancos d'alma e expansões sinceras da nostalgia da Patria...

Almoço na séde do comando da brigada ingleza, com o respectivo general e seus ajudantes. Durante a refeição, uma « marmita » « boche » cae no jardim contiguo. Só eu estremeci... um pouco. Os outros convivas estão familiarizados com estes... ruidos inofensivos... O general conta um episodio caracteristico do apego dos francezes ao seu « home ».

Ha um diluvio de metralha na aldeia de X..., onde o general acaba de inspecionar as suas forças. Uma mulher edosa atravessa, sob o granizo d'aço, uma das ruas onde ha ainda alguns predios quasi intactos. Ordena-se-lhe que recue para a zona habitavel. A mulher não comprehende, porque é franceza e não fala inglez. Repete-se-lhe a ordem, na sua propria lingua. A velhota recusa-se a cumpril-a, e fal-o n'estes termos comoventes :

— « Nasci aqui e quero aqui morrer. Estou já habituada aos soldados e ao... fogo. Os alemães não me conhecem; e tanto assim é que não atiram nunca... sobre a minha casa »...

E' a hora da partida para o sector portuguez. Submeto-me ao suplicio do ensaio da mascara contra os gazes, mas d'esta vez sem repulsão, tanto mais que os ventos « boches » não sopram hoje por aqui. E' posto á minha disposição um capacete ultimo modelo. E sou brindado com um... revólver !

Compreendi facilmente : Lembrei-me de

egual presente feito a Théodore de Banville, quando se preparava para a travessia da Sierra Morena, a bordo d'um « Coche » (1).

O autor das « Odes funambulescas » foi « obrigado » a tomar providencias contra os bandoleiros que inçavam a cordilheira hespanhola. E os bandoleiros da Europa estão agora aqui — a 200 metros das nossas trincheiras...

Eis-me, finalmente, no nosso sector. Recebe-me gentilmente o comandante do batalhão, que n'ele erigiu domicilio temporario. E' um belo moço, alto, bigode curto bem frisado, hombros largos e aspéto franco e leal de... tras-montano. O boné de bivaque, que usa no « abrigo » do comando, corrige, como uma violenta reprimenda, a minha attitude mavortica — de capecete e... revólver. Hamilton e... D. Quixote... Este simpatico official respira saude. Felicito-o. Explica, adoravelmente :

— « Estamos todos em perfeito estado de

(1) Th. de Banville, « *Voyage en Espagne* ».

conservação, como vae vêr. Porque isto, por ora, não passa d'uma excelente mudança de ares »...

Era um atestado do chefe sobre o moral das tropas. Bebemos um copo de... cerveja « á saude » do exercito portuguez, e fomos vêr os nossos soldados, sob um chuvisco impertinente, que tamborilava nos capacetes. Plauto teria exclamado, n'este solene momento :

— « *Heus tu, nunc occasio est et temptus...* »

Ah! A deliciosa e penetrante atmosfera de ardor e de fé que emana d'estes antros sublimes, que estão sendo divinizados pelo sacrificio de uma grande raça! O soldado irreductivel que eu já conhecia das pugnas de Africa, é este mesmo. Reconheço-o. Ele é capaz de todas as heroicidades, sem alarde da valentia inata. Não sei se o « sorriso das trincheiras » é, ás vezes, convencional. O sorriso que aqui me acalenta e desvanece é natural e exuberante. E', talvez, o que Napoleão attribua á melhor qualidade do soldado — o da inexperiencia... E' um sorriso eloquente. E' uma esperanza e um vaticinio, se não mesmo uma garantia antecipada.

O nosso soldado inicia-se na trincheira; mas inicia-se alegremente, « de coração ao largo ». Aqui... « les Portugais sont toujours gais »... O estribilho ignorante, que tem infamado o nosso povo, melancolico e sonhador, quadra-lhe agora como se fosse uma legenda heraldica. Se não, vejam :

Uma granada alemã vem rebentar junto ao parapeito da trincheira onde um beirão, de serviço, fuma tranquilamente um cigarro, ao som da artilharia. Produz um verdadeiro cataclismo. O muro da trincheira desaba; os suportes de madeira vôm em estilhaços e o nosso soldado, sacudido pelo choque, parece ter sido despedaçado e sepultado nos escombros. Correm os camaradas a socorrer-o, mas sem o minimo sinal de panico, porque o caso é frequente. O bravomoço havia-se desenvencilhado sósinho da medonha rascada e sem uma unica beliscadura. De pé, como sobre um pedestal, e a chupar furiosamente no cigarro, diz, olhando para a trincheira « boche », ainda fumegante :

— « Estes filhos... da kaiserina iam-me apagando o... « paivante »!...

— « Abaixa a cabeça, ó « Zé! » — grita-lhe um dos recemchegados.

E todos o abraçam, com frenesi...

Outro soldado nosso está de sentinela, n'um posto de vigia que os « boches » atacam a valer. Usa cachimbo, como todo o soldado que se presa; e, para o acender, encosta a arma á trincheira, um instante. Uma granada inimiga abre uma brecha enorme junto d'ele e torce por tal maneira o cano da espingarda que lhe dá a forma perfeita d'um... baculo. O nosso valente moço nem pensa em verificar se está ferido. Exibe a arma como um troféo e exclama para os que acorrem pressurosos :

— « Olha se não fosse o... cachimbo!. . »

No dia da « inauguração » da nossa trincheira — conta-me um ilustre oficial — todos os soldados queriam, á viva força, atacar os « boches » imediatamente.

Foi preciso impôr a mais rigorosa disciplina, para os conter.

Ellas contiveram-se.

Interrogo, agora, um mocetão do meu Alentejo, que reconheci pelo sotaque provincial.

— « É preciso tomar cuidado, meu amigo. Os « boches » estão, ali, á espreita », — acrescentei, prevalecendo-me da minha qualidade de velho perito de trincheiras... sem perigo.

— « É cá » — diz o rapaz, com os olhos a luzir de entusiasmo: — « nan » me posso « con-tivar » sem « spatifar » um « boche », para saber como eles... « piam »...

Ali, ao lado, um outro, trauteia uma canção de Coimbra. E todos mantem esta admiravel disposição de espirito,

— « E o fado? E as guitarras? » — pergunto a este ultimo, por me parecer um distinto ama-dor de trovas populares.

— « Não ha tempo para isso, por enquanto » — responde êle, a sorrir. E, acrescenta, galhó-feiro: — « Agora, ocupâmo-nos só de fazer dançar a « Maria-Cachucha » aos « boches ».

Ah!... ia-me esquecendo da « historia dos « boches ». E', como as precedentes, autentica. Nos primeiros dias da occupação da trincheira, um troço de soldados nossos foi concertar a rede de fios de ferro farpados que protegem o sector. Foram obrigados a retirar, debaixo do fogo ini-

migo, que, felizmente, os não atingiu. Juraram vingar-se. Os « boches » vieram, dias depois, ao luscofusco, arranjar o seu « réseau ». Os nossos soldados, que não dormem, perseguiram-nos imediatamente e mataram dois... pelo menos. Foi o nosso combate inicial, que se chama na trincheira a « historia dos « boches ». E não se calcula a alegria doida que esse facto produziu. Os dois « boches » lá estão estatelados, a meio caminho das posições inimigas; mas que trabalho tem sido necessario, da parte dos chefes, para evitar que os « portuguezes » os... vão buscar!... Todos querem ter essa honra!

— « E quem matou esses « boches »? pergunto a um rapaz alentado, que está justamente... a admirar-os, pelo fresta de um « créneau ».

— « Fomos nós todos », responde ele, sem hesitar.

Fervilham as anedotas sobre esta auspiciosa empreza. Uns querem uma recordação dos « boches ». Outros querem vêr... a « carantonha » d'elles. Todos desejam entrar em qualquer operação arriscada, para darem provas de que « ainda ha... portuguezes ». E' um entusiasmo

delirante; mas... os dois « boches » lá continuam a apodrecer ao sol... e « á espera de outros » — dizem os nossos rapazes, que os não perdem de vista. E segreda-me o comandante, comentando este e outros factos :

— « Temos tido uma sorte incrível. Apesar das disposições d'esta... « gente » — e lança um olhar de intima camaradagem para os soldados — « e dos incessantes bombardeios com que o inimigo nos mimoseia, o meu batalhão ainda não sofreu baixa alguma. Regresso ámanhã ás retaguardas. Oxalá não tenha de alterar o meu relatório. »

Alterou, com efeito, — informei-me, — depois, mas para... melhor.

— O « tableau » dos nossos caçadores foi aumentado com mais um « boche »...

CAPITULO XVIII

JUNTO DAS NOSSAS TRINCHEIRAS

A consagração universal do exercito portuguez.

Depois de termos visto os nossos soldados a combater, fomos despertal-os em exercicios de combate. São sempre os mesmos, nos dois campos : — disciplinados, incançaveis e com a mais perfeita compreensão do dever. Não preciso, decerto, referir-me, a cada instante, aos officiaes que os comandam. Estamos, de ha mnito, habituados a admiral-os, pelo muito que valem. Mas é justo confessar que são estes chefes austeros, inteligentes e bravos, que os amoldam a todas as exigencias, os atraem e os dominam, levando-os ao combate, com o sorriso nos labios.

Passa pelas mais diversas e interessantes fases a preparação, ardua e difficil, do atual homem de guerra. Os nossos soldados já ai tinham « praticado »; mas os processos da guerra atual modificam-se, a cada instante. Foi, por isso, necessario submeter a nova preparação e a novos exames os nossos intrepidós rapazes, que já aqui estão a bater-se denodadamente.

Fomos vêl-os trabalhar nos campos d'applicação das teorias de combate e nas escolas de preparação militar. E eis o que vimos :

N'um amplo planalto, onde foram cavadas largas trincheiras, protegidas por sacos de terra, em frente das quaes ha o simulacro da trincheira alemã, os nossos soldados exercitam-se, durante sete horas por dia, na esgrima da baioneta. O manejo d'esta arma tem sofrido alterações constantes. Dois habeis instrutores metem os nossos homens debaixo de fórma; fazem-nos marchar em todas as cadencias da nova tatica; ordenam-lhes que se deitem em terra, para evitar o tiro inimigo; fazem-nos

levantar e lançam-nos, a correr, sobre o parapeto da nossa trincheira, do alto da qual eles se despenham, d'arma em riste, e vão furar, irremissivelmente, a pança dos « boches » de palha que lá estão... « á espreita ». Nem um só dos nossos falha o golpe. Todos os « boches » são trespassados pelas baionetas portuguezas, em pleno coração, que é indicado por um circulo de tinta preta. O capitão portuguez que dirige o campo dá tambem um salto de tres metros d'altura e espeta um « boche » com a arma d'um dos seus soldados. O capitão inglez que me acompanha aplaude.

Fomos, d'ali, á escola de lançamento de granadas de mão. A propensão do nosso soldado para este exercicio é admiravel.

— « Pudera ! » — diz um d'eles — « se todos nós, em crianças, nos corremos á pedrada!... »

O official portuguez que comanda esta secção inventou, no fundo d'uma larga fossa, um crivo de « funis » de terra onde o soldado deve fazer tombar a granada que vae explodir. Assim se evitam os perigos da explosão á superficie do terreno e se põe á prova a des-

treza do atirador, que deve indicar o buraco que visa.

E' um « jogo » interessante, que diverte o soldado. Lembra o do alguergue, cujos arrioses são pelouros... explosivos....

'Passâmos á escola de morteiros. Os nossos moços estão instalados em confortaveis « Nissen hut ».

Com a maior agilidade, « voltam », carregam, assestam e disparam os morteiros de todos os calibres, atingindo o alvo, na maioria dos casos.

— « O senhor já os viu a trabalhar » — diz-me o respetivo capitão — « não preciso, pois, encarecer o que eles valem.... »

A escola de sinaleiros é digna de menção. Estes poderosos auxiliares da guerra são os traços de união dos exercitos. Os telegrafos sem fios, ótico, de fios condutores aereos, subterraneos e de rez-do-chão, são aí estudados em todas as applicações que interessam os combatentes. Em pouco mais d'um mez, os

« portuguezes » aprenderam o alfabeto Morse e telefonam e telegráfam como peritos d'estes importantes serviços. Muitos recebem os despachos de ouvido, oito dias depois das primeiras lições.

Os serviços de saude, hospitaes e ambulancias, não saíram ainda (1) do periodo embrionario, e comprehende-se porquê. Estão sendo convenientemente organisados pelo chefe respectivo e por um Inspetor geral da Cruz Vermelha, aqui chegado recentemente. O que já existe é, porém, muito apreciavel. Com um pessoal restrito, dispendo de meios escassos e incompletos, os nossos dedicados medicos esforçaram-se por dar aos doentes — felizmente raros — a doce ilusão de que coisa alguma faltava nos serviços a seu cargo.

Onde, porém, mais nos demoramos — eu e o meu incançavel capitão britanico — foi na escola completissima da companhia de sapadores mineiros e de sapadores de infantaria. Compreende-se. Esta guerra é, antes de tudo,

(1) Maio de 1917.

uma guerra de sapa ou de toupeiras. Toda a atividade inventiva dos modernos estrategistas se concentra n'este ramo da engenharia militar. O distinto official portuguez que dirige esta escola está á altura das responsabilidades que aceitou. Ele fez construir um complicado sistema de trincheiras, que não queremos nem devemos descrever. Inventou processos de resistencia e de ataque. Estudou, matematicamente, as possibilidades evolutivas das diversas situações e habituou os soldados a entrarem nas verdadeiras trincheiras, sem surpresa. Como trabalho preparatorio, é uma honra para o nosso corpo de engenheiros.

As vias de comunicação e de escoamento das aguas mereceram a especial atenção d'este ilustre especialista. E tudo aqui se executa com uma precisão, com um metodo e com uma ciencia incomparaveis.

— « Dir-se-ia » — comenta o capitão inglez —
« que todos estes soldados são tambem...
engenheiros... »

Visitei, depois, — tendo-me até experimentado em tiro de carabina ao alvo, — a brilhante

escola de « snipers », ou atiradores de primeira ordem, que, occultos nos abrigos das trincheiras avançadas, aproveitam habilmente o minimo ensejo para atacar o inimigo, braço a braço. Quer-me parecer que a indole do portuguez se presta imenso a este genero de guerra. Como procedem os nossos soldados para « catrafilar » os « boches » e reduzil-os á impotencia ou ao silencio... eterno? Eis o que eu não direi agora, porque se me impõe o sigilo inviolavel dos dois estados-maiores.

O « sniper » é o furão da guerra, que vae atacar o coelho « boche » na propria toca onde ele premedita os seus crimes. Mas o que eu não occultarei é a constatação que fiz da habilidade manifesta com que os nossos moços se aprestam para estas lutas, que reúnem todas as minuciosidades da estrategia e todas as arduas e arriscadas audacias do... « ju-jutsu ».... Sensibilisou-me a atenção religiosa com que eles escutavam as lições do official inglez instrutor, traduzidas literalmente por um interprete militar, — negociante de vinhos do Porto. Executavam immediatamente os « passes »

dificilimos, denunciando a vocação atavica de amadores do... toureio....

Temos tambem aqui, como é sabido, bastantes tropas de cavalaria, mas esta arma ainda não foi chamada a pronunciar-se. As armas de combate em « atividade » são, depois da aviação, a artilharia, a engenharia e a... infantaria, que as primeiras « guiam » ao campo arrazado das trincheiras.... A artilharia, que é, afinal, a alma d'estes combates, está entregue a officiaes experimentados, que inglezes e francezes admiram sem lisonja. — « Onde ela chega, os « boches » « remexem-se ».... Ela tem o segredo da pontaria infalivel. O Ministro da Guerra portuguez ainda ha dias se edificou a este respeito.

Resta-me falar dos serviços da intendencia. Eles não podem deixar de ser deficientes, u'um grande exercito expedicionario que se instala.

Mas, da conjugação de todos estes esforços soberbos, resulta, já, uma organização quasi perfeita.

Durante o meu prolongado passeio, tive

ocasião de conversar, diariamente, com officiaes inglezes e francezes, de todas as patentes. Muito expontaneamente — e mesmo antes de conhecerem a minha origem — fizeram o mais caloroso elogio das nossas tropas. A serenidade natural, o aspeto elegante e nobre dos nossos officiaes, produzem n'elles — que são os arbitros da elegancia dos exercitos aliados — uma esplendida impressão, que se comprazem em manifestar. A passiva docilidade do nosso valente soldado encanta-os.

— « Eu não sabia » — diz-me um official inglez — « que os seus simpaticos compatriotas dispunham d'estas qualidades primaciaes do soldado moderno ».

— « E' que não é lido na historia recente das nossas intervenções guerreiras » — pensei eu, mas não lh'o disse, *et pour cause*....

Quando, depois da minha palpitante excursão, em que fui fartamente secundado pelo nosso estado-maior, me apresentei na « Casa da imprensa aliada », no quartel-general inglez, o illustre official que a dirige disse-me, em frases repassadas de sinceridade :

— « Não imagina a satisfação que sinto em registar as suas declarações entusiasticas. Elas condizem com as que tenho recebido, por outras vias ».

E para melhor me convencer dos seus intentos amigaveis :

— « Diga no seu jornal que, logo que as circumstancias o permitam, promoverei uma visita de jornalistas de todos os paizes ao « front » portuguez (1). Farei quanto em mim caiba para que toda a gente conheça e aprecie o grande, o imenso e louvavel esforço do seu gloriosissimo paiz ».

Entretanto, um operador cinematografico do governo inglez acaba de surpreender, em pleno combate, os já consagrados heroes das trincheiras portuguezas. Brevemente, o « War Office » facultará ás nações que, por acaso, ainda nos iguorem, a prova irrefragavel, vivida e definitiva, de que estamos honrando, mais uma vez, as armas prestigiosas que sempre se impuzeram nos Anaes do Mundo.

(1) Esta e outras visitas já se efetuaram, sob os auspicios da « Allied Press »

CAPITULO XIX

OS BASTIDORES DA GUERRA

DA ZONA DOS EXERCITOS AO NOSSO SÉCTOR

Voltei, mais uma vez, ás nossas trincheiras, mas por novos caminhos. Estou, por vezes, ao alcance da artilharia alemã, mas não corro perigo algum. Os alemães, quando teem um objetivo ou um alvo, não descançam enquanto não atingem o objetivo, começando por destruir o alvo. Assim se explica que o inextricavel itinerario dos jornalistas e outros visitantes de trincheiras, em pleno ardor dos combates, esteja, ordinariamente, ao abrigo de qualquer... desastre. Além d'isto, que é muito, eu já me vou habituando ao som dos canhões.

Todos nós, militares e civis, partimos do principio... humano de que o aço mortífero que eles ejaenam das fauces ardentes é, como a... sorte grande, para os outros.... Passâmos, justamente, por uma formidável « concentração de artilharia », como a que já aqui descrevi. Examino com atenção as peças de tiro vertical « contr'aviões » e a artilharia de sitio. E vejo que os grossos projeteis levam ao inimigo esta delicada saudação, em inglez : « With compliments ».

N'este dia de calor, o ar esbrazeado é quasi rubro, côr de cobalto sanguineo.

Apeâmo-nos, um instante, n'uma d'estas miserias povoações arrasadas que bordam os caminhos esburacados pelo rodar dos milhares de veículos.

No frontispicio de uma velha cathedral arruinada leio esta inscrição, em caracteres de palmo e meio : « Got mit uns ».

O meu guia traduz : « Deus nos livre dos hunos ».

Conta-se aqui que diversos trabalhadores da

terra, que a agricultavam quando os « boches » estavam mais perto, foram mortos pelos tiros do inimigo em fuga. Os alemães cortam as arvores cerce; devem, pois, matar os plantadores de arvores...

N'esta cálida primavera de guerra, este pobre solo esburacado tenta ainda uma efervescencia germinante, para toncar-se de verdura e de flôres. Mas a paizagem esbate-se n'uma neblina densa de tristeza. O solo não poderia expandir-se em cariciosos perfumes, quando a alma que o povôa está triste e inconsolavel. Os suntuosos castelos, como este em que está hospedada a imprensa anglo-americana, teem como guarda de honra... um deposito de... « tanks ».

Marchâmos sempre na direção do « front ». Agora ha, d'um lado e outro da estrada, depositos de material de guerra blindados. Como estamos ainda longe do alcance da artilharia ligeira dos alemães, ha tambem campos de concentraçãõ de prisioneiros e ambulancias e hospitaes da Cruz Vermelha. E' a parte das

retaguardas onde o turista mais sofre. Ele vê desfilar a dôr engendrada nas trincheiras. Os comboios de feridos, morosos como funeraes, succedem-se, a cada instante, espalhando a dôr nos corações.

Entrâmos na zona que podemos chamar dos exercitos portuguezes. Aquí se prepara a nossa guerra.

Visitâmos a « escola de gaz ». (A guerra tem uma nomenclatura original, que é preciso respeitar). Os nossos soldados habituam-se, n'esta escola, a suportar a mascara antiga, que é um barrete celular — um biôco — e a nova, que é, como já disse, um escafandro. Os exercicios são eminentemente racionaes. Creio que o soldado que melhor é durante mais tempo conservar a mascara é recompensado com um premio pecuniario.

Assisto á distribuição do rancho, abundante e bem preparado. E', como os alojamentos, egual ao dos inglezes. Passeando a minha curiosidade pelas « fermes » onde residem os

« portuguezes », vejo pequenas plataformas, em mosaico de pedra miuda, representando o escudo da Republica sobre a palavra « Portugal ».

Como é quinta-feira de Ascensão, muitos dos nossos soldados veem da missa, que lhes foi dita pelos nossos capelães militares. Uma « columna de viveres » do nosso exercito atravessa a estrada. Parece perfeitamente organizada.

E, como soasse a hora do almoço, na « messe » d'um dos nossos officiaes generaes, fomos gosar inolvidaveis momentos, em companhia de velhos amigos, que são illustrações da nossa terra e que serão ámanhã suas glorias legitimas.

Obliquâmos agora para o nosso sector, que é um saliente do « front » inglez, — um logar de honra, na primeira fila de trincheiras do teatro da guerra. Para que descrever-lhes estes caminhos, que não variam?

Na trincheira, os nossos soldados entreteem-se, nas longas horas de... espera, a escrever o nome do nosso paiz por toda a parte. — « Viva

Portugal! », « Viva a Patria! » « Viva a Patria! » São estas as orações que lhes acodem do coração aos labios, e que eles gravam nos barrotes de suporte das trincheiras, como um lenitivo e como um desejo. Todos estes moços continuam a aparentar um excelente estado, moral e fisico.

— « O quadro nosologico do exercito » — diz-nos um dos officiaes do serviço de saude — « é assaz reduzido. As granadas tombam, sem cessar, na trincheira » — acrescenta o distinto medico — « mas os nossos soldados continuam a rir e a... chalacear. « Ergo », estão de perfeita saude. » O raciocinio é digno de menção....

O que eu verifiquei, porém, é que o som retumbante dos canhões os excita e os atrae aos assaltos... da espingarda e da baioneta calada. São estes os combates que os fascinam. Eles desejariam fazer um exercicio,... com « boches » de carne e osso. Mas n'isto mesmo consiste um dos pontos capitaes das minhas... prédicas :

— Esta guerra, cobardemente imposta pelos

alemães, não permite, por ora, estas fórmulas leaes de combater.

— « Só tentando movimentos decisivos se consegue » — dizia Napoleão — « entusiasmar o soldado ».

Não ha duvida. Mas os movimentos decisivos são agora os que dita a tática, que tem este titulo: « Devagar, para ir depressa.... »

Os alemães impuzeram-nos uma guerra de « cache-cache », de jogo das escondidas, de ciladas. O individuo assaltado deve servir-se, sempre, das armas do assaltante, sob pena de lhe deixar a superioridade do ataque. Façamos a guerra — á alemã. Os nossos officiaes tratam de modificar, a cada instante, o espirito de ofensiva, que é inato no nosso soldado. Tratam d'insuflar-lhe preceitos que a guerra atual impõe e que são a antithese das tendencias da nossa raça destemida. Mas que trabalho, repito!... O nosso soldado tem o ardor, a tempera fugaz, do gladiador atavico, que não espera pelo ataque. Contel-o na inação atrofiante da trincheira é um milagre da disciplina. E aqui constato, mais uma vez, com prazer, que este

milagre está, em fim, completamente realizado.

Para atingir estes fins, não é inutil dizer que o animo dos soldados passou por diversas fases curiosas. Eis, a proposito, as engraçadas « historietas » séguintes.

— « O que eu queria » — diz um dos nossos habitantes da trincheira — « é que aqueles « gajos » (os « boches », naturalmente), dessem um salto pr'a fóra dos barrancos onde se « asso-lapam »....

« — Nem a alma se lhes aproveitava! » — diz outro.

— « Mas eles não teem alma » — objeta o primeiro.

— « Ah! isso é que teem », — insiste o segundo preopinante.

— « As almas das peças? »

— « Não. As almas do... diabo ».

— « Ora adeus! O que eles são é almas de chicharro ».... — conclue um terceiro, sentenciosamente.

Um beirão corpulento está apoiado á arma e com ar sorumbático.

— « Estás a pensar na morte da bezerra, ó! « Manèl? »

— « Nada d'iscas ». Penso que a gente « nan » veiu cá para dançar o « Fandengo » : veio para dar cabo d'estes pandegos » (è aponta a trincheira dos « boches », « que passam a vida a espirrar » (aludindo ás metralhadoras). « Os diab'almas não mostram o focinho á gente »!

— « Para que é que tu lhes querias vêr a figura deslavada? »

— « Porque tenho aqui este remedio para o catarro d'elles; esta caixa de... rapé » (e bate com a mão na coronha da espingarda).

E é assim, de cara alegre e com a mais admiravel serenidade, que o nosso soldado dá provas diarias da sua valentia e da sua abnegação. Ele disputa, ele pede, as missões arriscadas. E sorri-lhe sempre a perspectiva d'assistir, como ele diz, no seu interessante vocabulario, a uma « sarrafusca » a valer....

Este é, com efeito, o estado de espirito dos nossos homens, que se defrontam e vivem quasi

paredes meias com os traçoeiros janisaros de Guilherme II. E' preciso invocar todo o rigor da disciplina para que eles não abalem a esganar o « boche » emboscado!...

Ah! Os bravos moços, que eu enternecidamente admiro! E já penso no seu regresso á Patria.

Já penso na sua entrada triumphal nos nossos lares. Quando esse almejado momento chegar, quando eles aí entrarem, arvorando o estandarte da vitoria nas baionetas caladas, que as mulheres sensiveis da nossa terra corram ao seu encontro, coroando-lhes as fronte de rosas, que era o maior galardão dos heroes da Helade. Eles tem a consciencia da responsabilidade que lhes incumbe. Sabem que devemos a independencia da Patria á fidelidade aos contratos internacionaes. Atestam-no estas datas: 1807 e 1914. Eles compreendem bem que o conflito actual é a luta dos povos livres contra os povos oppressores. Eles vêem bem que o derradeiro arranco da fera teutonica é o ultimo estertor do despotismo moribundo. Eles combatem — bem o sabem — ao lado do lealissimo soldado

inglez, que é seu velho companheiro d'armas nas lides do Direito e da Justiça. E a Inglaterra teve sempre a exata noção do nosso valor militar.

Convem invocar mais testemunhos? Eis um, que extraio da obra postuma do major general Henrique Mackinson (*Diario da campanha dos portuguezes em Hespanha, 1809-1812*):

— « Os portuguezes que eu vi combater em Ciudad Rodrigo » — escreve o illustre historiadador — « são, como o foram sempre os seus antepassados, heroes autenticos ».

Mackinson morreu combatendo com os portuguezes, nas guerras peninsulares. Os inglezes de hoje caem, tambem, a nosso lado, — nas trincheiras da França...

O jornalista é um historiadador coevo. Impende sobre ele o dever de narrar veridicamente os factos. As efemerides da Historia podem bem inspirar-se nos seus relatos conscienciosos. Eu narro o que vi e ouvi, sem me deixar influenciar pelo patriotismo, que é e deve ser sempre exaltado e ciumento. O povo portuguez pode confiar

a sua honra e o seu interesse ao valente soldado que para aqui mandou. E quando, amanhã, a Conferencia da Paz — a inexoravel julgadora d'estes factos — proceder ao inventario de todos os sacrificios, de todas as heroicidades e de todos os desprendimentos que contribuíram para a Vitoria da Liberdade, o pequenino Portugal occupará — estou certo d'isso — um dos primeiros lugares n'esse areopago universal e unico. Esse logar conquistou-o o nosso paiz, não só no campo da batalha, mas no campo da honra civica. Ele ganhou, assim, a dupla consagração da sua valentia e do seu carater. Ele elevou, por esta fórma brilhante, e o mais alto possivel, o monumento, nove vezes secular, do genio luzitano — inconfundivel, altaneiro, deslumbrante.

E, pensando n'isto tudo, e no logar solene de onde lhes escrevo, já me parece, ao deixar, momentaneamente, estes horizontes obumbrados, que vejo raiar, bem perto, a nova aurora da paz, que ha de abençoar o nosso esforço colossal....

CAPITULO XX

Os serviços de saude do Corpo expedicionario portuguez.

Merece a mais especial menção o serviço sanitario dos exercitos em combate. Já aqui se disse que o estomago d'estes exercitos é composto pelos depositos de armamento e munições, constantemente alimentados. As ambulancias, os postos de socorros e os hospitaes são o instinto regulador, o estabilizador do equilibrio do cerebro d'estes organismos, que é o homem. Só com exercitos sadios e de espirito clarividente se pode contar com a força absoluta. A viscera do corpo e a substancia nervosa do craneo devem funcionar regularmente, para que o braço que fere possa despedir golpes certos. O nosso estado-maior não descurou este elemento capital da

pujança e da vibratilidade do nosso Corpo expedicionario. As nossas divisões dispõem já de ambulancias, de diversos serviços iustalados em hospitaes inglezes com medicos portuguezes, e de bastantes postos de socorros, junto das linhas de fogo. Acabo de visitar quasi todas estas instalações, que accusam, com a mais esmerada perfeição científica, um cunho acentuado de... « portuguezismo ».

Podemos dividir estas formações sanitarias em dois grupos : o que fomos obrigados a crear, á pressa, na epoca difficil da chegada aqui dos primeiros contingentes, desprovidos de bastante material de saude, e o que se está organisando, com todos os requisitos da ciencia moderna. N'uma das primeiras ambulancias que visitei — e que tomo por tipo do primeiro grupo — descobri, com prazer, que o genio empreendedor da raça adquiriu predicados d'arte do maior apreço. Eis o que inquiri :

A direção dos serviços de saude das nossas tropas requisitou, para a estabelecer, a casa de habitação d'uma herdade, com um terreiro pejado d'ervas daninhás e um pateo que acen-

mulava os dejétos e detritos de toda a ordem, para adubar as terras araveis. Do terreiro fez o pessoal da ambulancia um jardim, que o « maire » da Comuna respetiva deseja conservar, depois da guerra. O deposito de... guano foi suprimido e, em seu lugar, ostenta-se hoje um recinto ajardinado, altamente higienico, que recreia os doentes.

D'um lado e d'outro, nos canteiros de flôres, entrelaçados por passeios de « macadam », ha inscrições patrioticas, de pedra miuda, insculpidas na terra com arte original. Uma d'elas é realçada por um escudo das armas da nossa Republica. Estrelas e circulos de malmequeres, rosas e jasmims, circumdam legendas de pedrinhas rubras, d'este género : « Viva Portugal! » Cinco barracas-enfermarias Bessonseau e Nissen-hut elevam-se, no pequenino parque, para hospitalisação de 150 soldados. Os officiaes e sargentos dispõem d'enfermarias especiaes. D'um lado e d'outro, fornos d'incineração de materias e vestuarios contaminados e os autoclaves purificadores. No pateo ha uma *loja* de barbeiro, uma sapataria,

um lavatorio, um sitio limpissimo *onde o rei não vac a cavallo*, e uma casa de banhos, que merece um privilegio d'invenção, como provarei. Os palheiros, as estrebarias, os estabulos, foram metamorfoseados em sala d'operações, gabinete de protese dentaria, laboratorio d'analises, secção de radiografia, farmacia e arrecadação. Os grandes compartimentos foram divididos em dois... ou tres. Os restantes, depois de beneficiados, alojam os medicos e enfermeiros. E ainda se dispöz do cubiculo chamado « salão », no « monte » imundo, em favor dos convalescentes e dos... visitantes. No celeiro são tratados os sarnosos. Os refeitórios e dormitórios foram instalados... « *quelque part...* ». Mas a casa de banhos é típica. Ora vejam :

Sobre dois suportes chanfrados exhibe-se uma pipa, que soffreu a operação cesariana. Gira em torno de um eixo de ferro, aparafusado aos tampos. E' o lixiviador. Outra pipa, depois de lhe meterem um dos tampos dentro, foi colocada n'um andaime, junto ao tétó. E' o deposito d'agua do balneario — agua esterili-

sada, bem entendido. Um carneiro hidraulico, rudimentar, encarrega-se de encher o deposito, com relativa facilidade. Da base d'esta ultima pipa sae um quadrangulo de madeira, cuja extremidade se apoia n'uma barra de ferro, da altura do orificio da pipa. Seis crivos de fundos circulares de latas de conservas estão soldados á parte inferior d'esta canalisação modelar. São para os banhos de chuva. As abluções geraes teem logar n'uma banheira em fórma de tamanco, que lembra a de... Marat. Aí fica a denuncia ao Museu Grévin.... Como o exgotamento da tina se efetua — já o disse — com a rapidez dos projeteis, toda a população hospitalar, e a outra, por aí passam, diariamente, — quando se não contentam apenas com os borrifos dos regadores aereos...

Demorei-me a descrever esta instalação, por duas razões : Esta « ferme » era o unico casebre do sitio de que podia dispôr o nosso estado-maior. Os « boches », quando por ali passaram, destruíram os outros.... O pessoal

da ambulancia, a principio restritissimo, não dispunha dos meios d'ação que hoje lhe faculto o nosso governo. Era preciso fazer bem e depressa, sem materiaes e sem pessoal. E eis o que fizeram os nossos soldados, com diminutissima despeza e com bastante elegancia de traços. 240 doentes estiveram já ali albergados, quando esta ambulancia era a numero um e a... ultima. Mas o que os nossos officiaes e soldados souberam dar aos queridos enfermos, além do curativo e da afeição, foi a encantadora ilusão d'um cantinho da Patria, na zona dos exercitos d'um paiz estrangeiro.

As outras ambulancias beneficiaram já, como fiz prevêr, da benemerencia governamental, que até então se não podia, por causa da distancia e dos meios de transporte, manifestar prodigamente. Algumas ha já hoje que são verdadeiros hospitaes. Estão, de ordinario, instaladas em edificios escolares; e isto equivale a dizer que tem o necessario cubo d'ar e que estão ótимальmente situadas. Uma

d'elas é superiormente administrada por um official que fez parte da columna de operações que reocupou Kionga. Ha n'esta, como em quasi todas as outras ambulancias, hortas militares para proveito da comunidade. As hortas são tratadas com o cuidado exemplar com que são tratados os doentes.

Para avaliar o esforço do nosso pessoal, basta lembrar que as ambulancias inglezas, que já visitei, dispõem de 500 homens, e d'um certo numero de « Nurses ». As nossas só teem 94 homens. Foi-nos preciso dispôr de um espirito de invenção admiravel, para suprir a todas as lacunas iniciais. N'uma d'estas ambulancias, onde a agua para banhos não abunda, aproveita-se a agua que serve na banheira para os banhos seguintes; e essa operação nada deixa a desejar, sob o duplo ponto de vista da hygiene e da rapidez. A agua utilizada no banho passa por um complicado sistema de filtros de carvão, ao ar livre, que lhe restituem a pureza e a limpidez. Depois de sofrer esta depuração, a agua é analisada no laboratorio e torna a voltar á tina, por meio d'uma canalisação original e de instr-



mentos de elevação. Vê-se, até n'isto, com que atenção e com que carinho são tratados pelos nossos medicos os doentes militares.

Mas, além d'estas ambulancias, os nossos officiaes e soldados podem receber tratamento, como já disse, em todos os hospitaes inglezes da frente de batalha, onde, de ha muito, estão em serviço medicos e cirurgiões do nosso paiz. Já hoje aqui temos uns 120 medicos portuguezes.

Os feridos, antes de serem transportados para as ambulancias, recebem curativo nos postos de socorros das primeiras linhas.

Todos estes postos são, naturalmente, blindados; teem enfermarias nas entradas das quaes, logo que sôa a matraca annunciando os gazes asfixiantes, se adapta um sistema de reposteiros e de cobertores vaporizados, que os neutralisa. São, no seu conjunto, mas em ponto mais reduzido, verdadeiras ambulancias, com o mesmo pessoal adestrado, os mesmos medicos dedicados, os mesmos enfermeiros sempre prontos a

sacrificar-se pela saúde dos nossos rapazes. Só depois do penso e da injeção do sôro anti-tetânico os feridos da guerra são transportados ás ambulancias, enquanto não se inaugurar o hospital de sangue. Cada posto de socorros dispõe, para este efeito, de um automovel e de diversas carruagens sanitarias de tração animal. Tem 20 macas, com o pessoal respectivo. E pode aumentar a lotação, se as necessidades da guerra o exigirem.

Para a média atual de doentes e feridos, os serviços de saúde já instalados são muito mais que suficientes. Já disse que estão á altura das exigencias da situação e que podem competir com os melhores dos exercitos que tenho visitado. Mas a guerra progride e o numero de doentes e feridos acompanha estes progressos. Com admiravel providencia, o serviço de saúde do nosso Corpo expedicionario tem tudo preparado para os receber. Estão sendo construidos três « hospitaes de base » (de portos de desembarque de tropas) : um de barracas de

madeira, com 500 camas; outro de tendas de lona de dupla parede, com mil; e o terceiro, de barracas de lona e madeira, tambem para mil leitos. Este ultimo será destinado a deposito de convalescentes. O primeiro hospital de evacuação ou de sangue, montado n'um belo e espaçoso edificio escolar, proximo da frente de batalha, vae ser inaugurado brevemente. Poderá alojar 500 feridos, pelo menos. O seu pessoal científico será o melhor do nosso quadro de saude. Será beneficiado com secções de oftalmologia, de laringologia e de doenças dos ouvidos e fossas nasaes. Os aparelhos, instrumentos cirurgicos e utensilios especiaes d'este hospital, como os dos postos de socorros e ambulancias, são os mais aperfeiçoados e da antisepsia mais perfeita.

Por uma fórmula geral, pode dizer-se que, apesar dos meios deficientes de que dispunha, a principio, o serviço de saude, ele soube prover a todas as exigencias da sua espinhosa missão, inventando, completando, aperfeiçoando elementos de toda a ordem, para que nada faltasse aos nossos queridos doentes,

— visto que só ultimamente temos tambem feridos.

Vejamos, ainda, como funcionam todos estes serviços. Dirige-os o chefe do serviço de saude do corpo de exercito, que é, atualmente, um abalizado profissional, disciplinador e infatigavel. Sob as suas ordens, ha, em cada divisão, um chefe de servico de saude. Cada divisão dispõe, como já disse, de ambulancias e do numero de postos de socorros que as circunstancias exigirem.

O corpo de exercito dispõe, além d'isto, de secções privativas de higiene, de bacteriologia e de radiografia. Não sei se estes serviços são autonomos, como os similares dos exercitos aliados que tenho visitado. Sei que estão já funcionando, em grande parte, com a maior regularidade e que, ainda ha dias, mereceram os mais rasgados elogios do general chefe supremo dos serviços sanitarios dos exercitos inglezes da frente occidental. N'um banquete a que assistiu o coronel chefe dos servicos de

saude da divisão ingleza mais proxima do nosso « front », tive occasião de ouvir este abalisado especialista tecer os mais merecidos encomios aos seus colegas portuguezes, pela esplendida organização dos postos de socorros e ambulancias.

A Cruz Vermelha Portugueza vae montar aqui um hospital, que será dirigido por um distinto facultativo portuguez e ao qual prestarão todo o auxilio as damas do nosso paiz que se estão empenhando em suavisar a vida do nosso soldado que aqui combate.

Toda a gente, porém, desejará saber, com precisão, se a montagem d'estes serviços basta para o numero de doentes e feridos da guerra. Já deixei prevêr, e repito, que temos tudo pronto para receber grande numero de doentes e feridos e que uns e outros são, por ora, em numero reduzidissimo. Entrei, depois de visitar as outras ambulancias, na que está instalada na cidade de X... N'esta, como n'aquelas, a percentagem de doentes é insignificante. A dos feridos ainda é menor. O quadro nosologico

restringe-se, n'esta bela quadra estival, a bronquites, casos de reumatismo e influenzas. São já raras as doenças do aparelho respiratorio. E, ainda assim, couvem indagar de onde provêm os nossos doentes. Da frente de batalha? Não, porque doentes não são... feridos. Das retaguardas? Tambem, não, porque, aí, estão quasi todos os nossos homens sãos como peiros.... — Provêm de Portugal, — porque já estavam doentes quando para cá vieram!... Os conselhos de revisão teem sido implacaveis — não direi injustos — aí como aqui; mas eu quero dar uma idéa do excelente estado sanitario das nossas tropas e não poderei exprimir-me com verdade sem prescrutar a origem d'estes... males. Não ha duvida que, sem os tarados e os... « avariados » que em Portugal passaram pelas malhas estreitas das juntas de saude, quasi não teriamos aqui doentes. E note-se que os serviços de saude das duas divisões estão preparados, repito ainda, para todas as contingencias. Que as familias dos nossos valentes soldados se convençam de que assim é. O clima da França, mórmente no verão, é

propicio á nossa gente. A terra franceza sorri-lhe cariciosamente. E deixem-me' contar-lhes o que alguns d'estes belos moços me disseram, na prolongada visita que lhes fiz.

Entre os nossos soldados hospitalizados n'uma das ambulancias, que visitei, ha um latagão que partiu uma perna, caindo d'uma carroça puxada pelas endiabradas mulas do Alemtejo.

Foi-lhe amputada immediatamente.

— « Então, como vae isso? » — perguntei-lhe.

— « Antes assim que nanja » — diz ele, sorrindo. « Porque isto » (e apontou o coto da perna esquerda) « não foi na trincheira, iufelizmente ».

E, levantando a cabeça do travesseiro :

— « Vim cá para bater-me e fui « batido »... sem me bater ! » ...

— « Bravo moço ! » — digo-lhe eu ; e apertolhe a mão, até a fazer estalar....

— « E estes outros que teem ? » — inquiri do simpatico diretor do hospital.

— « A' parte um, que apanhou, não sei como, uma auasarca — de que está quasi curado

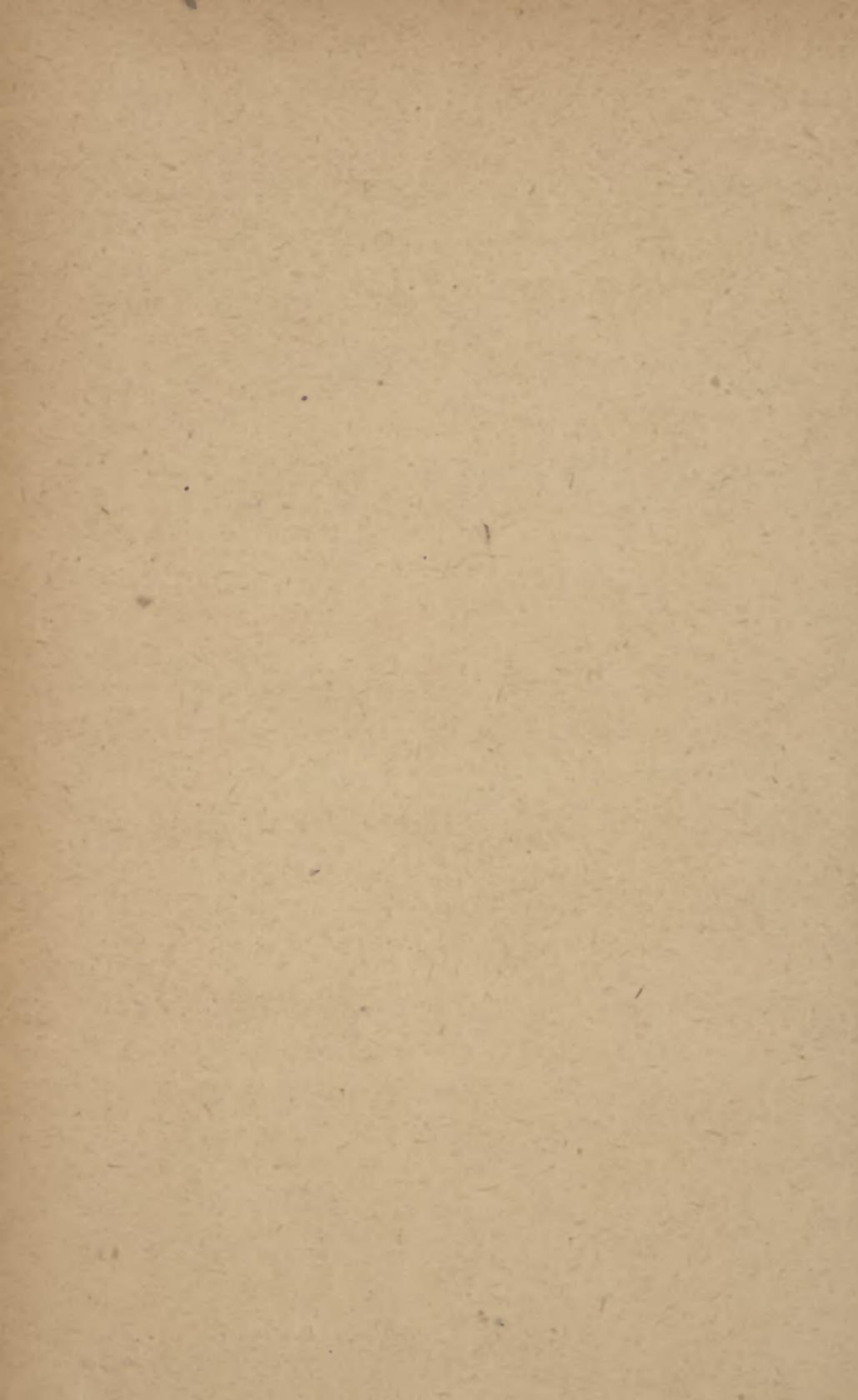
aliás — teem molestias de que se não morre...
nem á quinta facada ».

— « Estamos « encarengados » — opina
um dos doentes.

E um alferes-padre — (do Minho), que nos
acompanha, fazendo a continência como que a
abençoar-nos, sorri para os rapazes e faz com
a cabeça que sim....

— « Não ha doenças de perigo, não ha du-
vida » — confirma o doutor. « O que ha é
muita miseria fisiologica.... »

— « E muita... « mandria »... acrescenta, a
rir, um dos... doentes....



CAPITULO XXI

OS COMBATES AÉREOS DE TODAS AS NOITES

Maravilhosos fogos d'artificio.

Já temos, no nosso « front », e na mais jovial camaradagem, como eu previ, a policia portugueza, de braçadeira verde e branca, o « gendarme » francez e a policia militar ingleza, a guardar as pontes e os viadutos e a iudicar ás viaturas militares os caminhos desimpedidos. O nosso soldado habituou-se a tudo. Brilha entre os que mais brilham. Incomodava-o, no uso da mascara anti-gazes, o colarinho duro da fardeta. Já recebeu ordem para o deitar abaixo; e começa a vestir-se com o mais agradável conforto marcial — á ingleza. De barba feita e de botas e polainas engraxadas, é um gosto

vel-o a passear pelas aldeolas da frente de batalha, a fazer compras nos armazens, pedindo sempre « bon marché » ou « not dear » e a conversar, amavelmente, com as damas gentis do sitio. Toda a região está impregnada da nossa alma.

Hontem fui eu comprar qualquer coisa a um bazar, e a linda rapariga que me servia, quando paguei a minha conta, sorriu-me graciosamente, dizendo : « Muita obrigado », em bom portuguez. Perguntei onde aprendera a lingua fluente que é « branda para deleitar e eficaz para mover ». Respondeu-me, com um ar travesso, que me ia entontecendo :

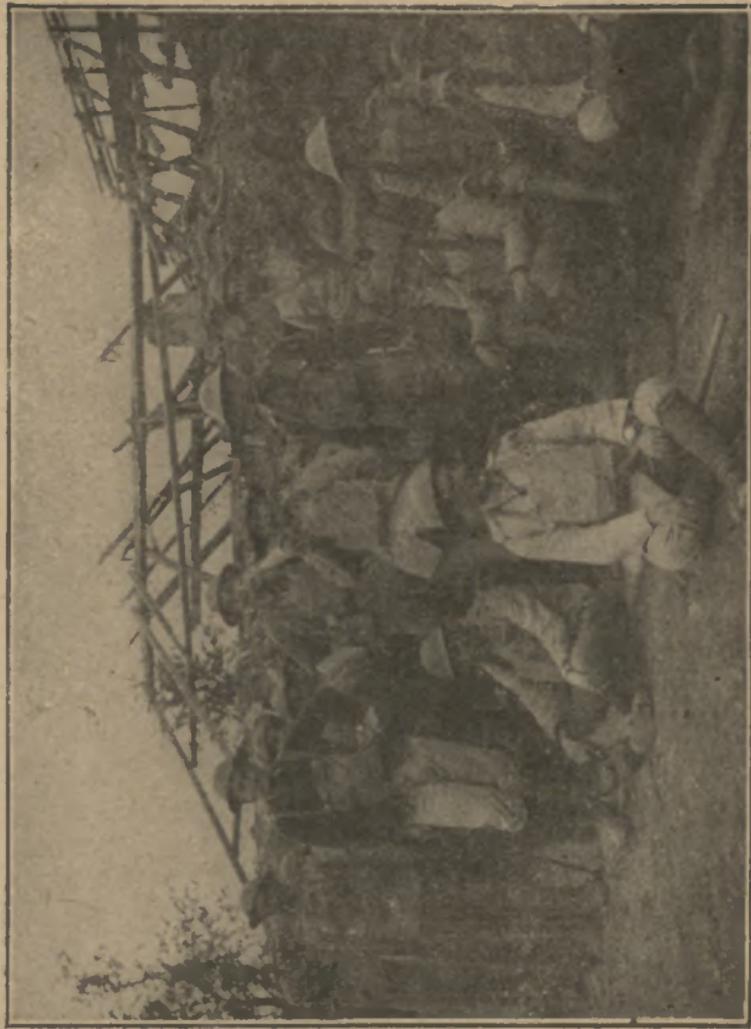
— « Por aqui, meu senhor, toda a gente fala já a sua lingua ».

— « A minha lingua, « mademoiselle? »...

— « Sim, porque bem se vê, pelo seu bigode retorcido e pela sua figura bronzçada, que o senhor é... portuguez »....

Nas ruas, os nossos rapazes tem um aspéto encantador. Sós, ou em companhia de inglezes e francezes, gesticulam pouco, falam baixo, e nem um só — um só! — foi ainda apanhado pela nossa policia em flagrante delito de qual-

NA FRENTE PORTUGUEZA



UMA COMPANHIA DESCANÇANDO.

quer incontinencia... grave. São, como já disse, perfeitissimos « gentlemen ».... Teem a mania deliciosa de fotografar-se; e diz-me um dos operadores da objetiva que não admitem... « poses ». Querem dar ás familias a impressão real do seu estado « nature » (*sic*).

Já se servem das cantinas inglezas, porque as nossas ainda não estão todas montadas; e é vel-os, ai, a escolher parcimoniosamente o que lhes couvem, o que lhes é indispensavel, sem o minimo excesso e com a maior economia. Nunca em Portugal se poderá assaz apreciar o regalo imenso que, n'um coração de portuguez, despertam todos estes episodios varonis e elegantes da nossa esplendida mocidade.

A pequenina cidade « flamenga » onde tenho residido, tem, pois, como venho dizendo, soldados, mulheres e crianças; e os « boches » não a desamparam. Todas as noites temos recebido a visita dos aeroplanos alemães, que vôam sempre a mais de dois mil metros d'al-

tura, e que se anunciam lançando bombas explosivas, incendiarias ou asfixiantes. Depois da meia-noite, somos despertados pelo zumbido das metralhadoras dos dois partidos e pelas detonações soturnas dos petardos.

— *Feræ gentes cælo armantur*. As nações selvagens até do céu fazem arma.

Os nossos aviões — os aviões aliados — defendem-nos bravamente, e o espectáculo aereo de todas as madrugadas é uma feeria inegualvel.

Aqui já se não anuncia este .. perigo. Mas, aos primeiros tiros no ar, as mulheres e as crianças recolhem ás « caves ». Quem enverga um uniforme, fica, naturalmente, no sitio onde está — porque os « boches » não teem nenhum objetivo... militar. O combate de aeroplanos, de noite, é um fogo de vistas admiravel. As esquadrihas inimigas, para nos iludirem, acendem faroes e descem, á vezes, a uns mil metros. As nossas, que as esperam, andam a percorrer o espaço, em carreiras vertiginosas, como que a patrulhal-o. Mas o « boche » aereo precisa, aqui como sobre as

trincheiras, certificar-se de que não erra a pontaria, e executa um fogo de *verylights* — de bombas iluminantes. — que lhe permite verificar onde está. A cada *verylight* ou pistola de fogos de bengala que dispara, corresponde uma salva de bombas destruidoras. Os nossos heroicos defensores, vão no encalço do intruso, soberbos de coragem, iluminando o espaço com os seus holofotes. É uma caçada deslumbrante. Quando o « boche » atrevido se encontra entre dois dos nossos, sobe, desce rapidamente, atirando sempre, e deixando cair bombas, e trata de pôr-se a distancia, *quitando los faroles*.... Nas noites de luar, raramente apparecem estes bandidos alados; mas, a noite escura nem sempre os preserva do ataque defensivo dos nossos policcias do ar. Os albatrozes do « kaiser » não foram muito felizes nos ataques que presenciei. Mataram apenas um boticario, que estava, socegradamente, a ler, no seu gabinete de trabalho, duas mulheres e duas crianças, que dormiam a sono solto, em seus tugurios miseraveis.

Um dos piratas do ar deixou, depois, cair,

sobre a povoação, bandeirolas em que se lia, em alemão e em francez : « Isto é o pano de amostra. A'manhã destruiremos a cidade por completo ». E no dia seguinte voltaram, com efeito. Estupidos, como confessa o proprio Bethmann-Hollveg, os alemães não pensaram nas precauções que o seu aviso estulto nos fez tomar.

N'esta noite de Julho, os « aviatiks » eram esperados anciosamente.

Chegaram á hora habitual. Despediram setas e bombas contra as habitações e contra as ruas... desertas.

Iluminaram o espaço escuro com os clarões sinistros dos « verylights ».

Mas os nossos vigias do ar esperavam-nos. Rodearam-nos, como em batida a lobos, e derubaram alguns, sem dificuldade. Os outros regressaram depressa á procedencia.... Um d'elles, batendo em retirada, alvejou com o clarão do « verylight » um predio d'arquitectura renascença, onde a invasão hespanhola das Flandres havia deixado o cunho singular da sua arte, e bombardeou-o. Só conseguiu

partir algumas vidraças do monumento. Os outros aviões inimigos foram rapidamente conduzidos ao ponto de partida, com um acompanhamento brilhantissimo d'aviões, arvorando as bandeiras aliadas, á luz de projetores « a giorno ».

Desesperados, os « Boches » lançavam, a esmo, as suas bombas incendiarias, avermelhadas, que pareciam projetar, no horizonte fosco, verdadeiras auroras boreaes. Um d'esses « obuzes », rebentando na praça do hotel onde estou hospedado, com um estampido que o silencio da noite avoluma, eleva um clarão baço, em fórma de palmeira de leque, que immediatamente se apaga.

Um cheiro acre de fritura de legumes espalha-se rapidamente. São os gazes venenosos, com que os alemães pretendem immobilisar o coração dos que se defendem da sua furia assassina. Outro petardo explode, com mais violencia, a uns 60 metros; ricocheta em estilhas luminosas, e dá-me a honra d'um naco d'aço na vidraça do meu quarto. Os discós brancos, azues e verdes, dos « verylights » expelidos

pelos combatentes aereos, destacam-se, mais vivamente, como em tempestade que o vento arrasta. As metralhadoras estalam, ainda, faiscando, na penumbra da madrugada; mas o seu tic-tac cessa rapidamente.

Os « boches » iam visar novas povoações sem defeza. E nós todos, os que os esperavamos, sem temor, iamos continuar a... dormir....

E eis em que se resume a fanfarronada nocturna dos aviões « boches ». Alguns vidros quebrados, mais pela deslocação do ar que pelo choque dos projeteis, e algumas mulheres e crianças inoladas sem piedade pelos delegados ferozes de Hindenburg. Nenhum objectivo militar foi atingindo, porque nenhum foi visado. E' o prazer instintivo de matar e destruir. E' a exacerbação da impotencia.

Quando a manhã rompeu, os habitantes da povoação, habituados a estes... torneios, voltaram á tarefa diaria, sem mesmo amaldiçoar os « boches » — porque já os consideram incapazes de fazer mal.

« — Quando acabará esta guerra »? — pergunta-me a minha hospedeira, que perdeu já o marido e dois filhos na medonha carnificina.

Um official inglez que a ouvia, respondeu :

« — Quando a impotencia d'estes ataques estupidos se acentuar mais ainda. »

E assim é, porque o formidavel Lohengrin está reduzido a exhibir-se, a horas mortas, no ar sereno das noites sem estrelas e sem luar. E todos nós nos sentimos felizes de contribuir, com a bagatela da vida, para o desenlace proximo da grande epopeia dos povos livres.

CAPITULO XXII

O GRANDE CHEFE

Entrevista com o general Tamagnini.

O illustre general Tamagnini de Abreu recebe, no humilde « chalet » que lhe serve de quartel general, a visita inesperada dos jornalistas aliados, que desejam interrogal-o sobre a ação dos portuguezes na guerra. Sabe-se o que do general e do exercito portuguez pensam estes distintos confrades. O nosso generalissimo vem-nos ao encontro, acompanhado apenas d'um capitão e d'um official interprete. A modestia da nossa instalação coaduna-se perfeitamente com este reduzido sequito do grande chefe.

O ar de bondade d'este insigne militar contrasta singularmente com a sua nobre e altiva figura de homem de guerra. Ele conquista rapidamente todas as sympathias, ante mesmo

de se pôr em contacto directo connosco. O official do estado-maior inglez que nos acompanha apresenta-nos, individualmente. O general portuguez tem, para cada um de nós, uma frase elegante e bem cabida, que não foi estudada e que nos impressiona pela maneira como é dita. Cerra-nos as mãos gentilmente, com força, como a velhos e dedicados amigos, e conduz-nos, com a mais franca familiaridade, a um pequeno salão, modestamente mobilado. Senta-se a uma meza, em face de nós, e dá a esquerda ao representante do exercito inglez. E' este quem toma a palavra, em nome dos visitantes, porque seria impertinente falarmos, todos, ao mesmo tempo, ou ventilar questões indiscretas.

— « Pode dizer-nos, meu general, quaes e quantos são os efetivos do seu comando em França? »

— « Nós mobilisámos em Portugal », — responde immediatamente o general Tamagnini, — « desde os primeiros dias da guerra, duas divisões, para combater na frente occidental. Uma bate-se já. Para completar a que os senhores

viram manobrar nas retaguardas da frente, faltam só quatro batalhões, que brevemente aqui estarão (1). »

— « E que se tem passado com as suas forças? »

— « Isto apenas, que é simples e natural : reconhecimentos, patrulhas, duelos d'artilharia, e breves recontros, para fazer prisioneiros. »

— « E já os fizeram? »

— « Já, de parte a parte. »

— « Que impressão guardou v. ex.^a d'essas operações? »

— « A de que o soldado portuguez, audacioso e já habituado ás peripecias da guerra que nos foi imposta, acusa superioridade manifesta sobre o soldado « boche ». »

— « Os officiaes portuguezes falam alemão! »

— « Alguns. D'elles me tenho servido, para interrogar cuidadosamente os prisioneiros; e os resultados do meu inquerito são bastante apreciaveis. »

— « Que dizem os alemães? »

(1) Estes batalhões já chegaram a França.

— « Que se sentem muito felizes por terem, enfim, conseguido fazer-se... prender; e, o que é mais, já não crêem piamente na proxima derrota dos aliados.... »

— « Será indiscreto remontar ás origens da intervenção do seu paiz na guerra, para melhor julgarmos do valor da sua cooperação, adequada e relativamente poderosa? »

— « Não é. Portugal entrou na guerra, como sabem, em obediencia ás clausulas do mais antigo tratado d'aliança que existe no mundo. A Alemanha insinuou que fomos constrangidos a este gesto, por sermos simples... vassallos da Gran-Bretanha. A arguição brutal não merece desmentido. Basta enuncial-a, para a corrigir severamente. »

E, elevando um quasi nada a voz forte de chefe :

— « Nós temos um ideal e uma aspiração : o ideal da honra nacional ; a aspiração da perfeitibilidade dos povos. Por isso entrámos na guerra. Por isso a faremos, — até ao fim.... »

Ha um movimento discreto e geral de aprovação.



O GENERAL TAMAGNINI.

O general continúa, no mesmo tom desprezencioso, mas vibrando da mais viva e penetrante convicção.

— «O que mais nos torna ainda facil a ardua tarefa é o facto de combatermos em estreita ligação com os nossos mais velhos amigos historicos — os inglezes e os francezes. Os soldados das tres nações inseparaveis convivem, estimam-se, imitam-se e disputam-se a primazia das belas ações. Os officiaes mantem as mais cordeaes relações de intima camaradagem. Eu proprio conto entre os meus amigos pessoaes muitos officiaes superiores dos exercitos Inglez e Francez. »

— «E' uma nova triplice aliança » — opina um dos presentes.

— «Porque não?» — responde logo o general.

O nosso simpatico delegado continúa :

— « Os variados serviços do seu exercito tem sido organisados á medida dos seus desejos? »

— « Sim, senhor, por emquanto. Nenhum entrave serio se lhes tem oposto ».

E, sorrindo : — « As engrenagens da minha maquina funcionam regularmente. »

— « O clima não tem sido nocivo aos seus homens? »

— « Agora, não. Foi, quando eles desembarcaram, ha mezes, sob uma temperatura de 16 gráus centigrados abaixo de zéro. Do calor teem eles tanto medo como dos... « boches ».

— « E os seus soldados dedicam-se ao desporto? »

— Não tanto como seria para desejar. Não teem vagar para isso. Trabalham agora oito horas por dia e empregam as horas vagas a escrever á familia e aos amigos. Mas, n'alguns batalhões ha amadores emeritos dos jogos athleticos. Hontem mesmo se realisou aqui um concurso hipico anglo-portuguez, em que ganhou o primeiro premio um alferes de cavalaria portuguez, montando um cavallo argentino. »

— « Como vê, meu general, ha tempo para tudo. »

— « Sim, talvez; mas... »

Um colega erudito diz, em surdina :

— « A liberdade da Grecia foi annunciada por um arauto na arena dos jogos isthmicos.... »

— « A cavalaria portugueza, que assim confirma os seus creditos, já entrou em combate? » insiste o official britannico.

— « Ainda não. Esta guerra não é, por ora, uma guerra de movimento. A cavalaria ou foi ... apeada, ou aguarda, de longe, o momento propicio para entrar em cena. »

O nosso prestigioso general faz então uma breve descrição da guerra moderna, pondo em evidencia a supremacia da aviação e da cavalaria, na preparação dos combates de infantaria. O commandante continúa :

— « Temos ouvido dizer » — inquire o major inglez — « que muitos batalhões portuguezes são compostos de pescadores. »

— « Não é certo. Nós somos, com efeito, um paiz maritimo, como somos um paiz de montanha. Ha, n'algumas das nossas unidades, « maritimos » da Figueira da Foz e d'outras regiões litoraes : mas quasi todos os nossos homens proveem das serras de Portugal. »

— « Já lhes chamaram « serranos », lembra um dos presentes.

O general sorri, acquiescendo.

— « É a marinha da guerra, tem tomado parte no conflito? »

— « Tem, como sempre, cumprido o seu dever. Mas eu não poderêi pormenorisar esta informação, porque todos os meus sentidos estão ao serviço do exercito de terra. »

— « Que pensa v. ex.^a da adaptaçào, mais ou menos forçada, dos soldados portuguezes á guerra de trincheiras, a que eles não estavam, decerto, habituados? »

— « Não penso apenas, constato que eles se amoldam facilmente a todas as exigencias e que, até n'isso, se mostram dignos da confiança absoluta que n'eles deposito. »

— « A estatura meã d'estes homens é já uma qualidade que os recomenda, na guerra de trincheiras.... »

— « A dos soldados, simplesmente » — comenta um dos jornalistas — « porque a do general... » (1).

(1) O general Tamagnini é um verdadeiro gigante.

O nosso simpatico representante continúa o seu habilissimo questionario :

— « Que tatica, que armamento e que munições adota o exercito portuguez? »

— « Adotou a tatica e os armamentos portuguezes, a principio. Para facilitar as operações de conjunto, na unidade da frente, foi porém necessario, como fizeram os outros exercitos aliados, condescender com a unidade de armamento, de munições e de tatica. Essa transição não foi difficil. »

— « Os soldados portuguezes tambem tem... madrinhas de guerra? » interroga, produzindo hilaridade, um dos nossos camaradas de imprensa.

Tamagnini sorri, com bonhomia, e não responde. O nosso interrogante official prosegue :

— « Já começaram a conceder licenças aos soldados? »

— « Licença para ir a Portugal? E' muito longe. Quatro dias á ida, quatro a volta : para gosar outros quatro de licença, não é perspectiva que sorria a ninguem (1). »

(1) Uma disposição ulterior concede 15 dias de licença aos

— « Permite-nos v. ex.^a » — diz, fiudando, o chefe da caravana jornalística — « que lhe perguntemos ainda que juizo forma, no conjunto, do moral dos seus soldados? »

— « Eles já se bateram, como disse. Mas estão, sobretudo, dispostos a bater-se... mais.... Está-lhes na massa do sangue. E' o temperamento e a educação da raça.... Eis o que penso. »

— « E onde estão os seus soldados que se batem? »

— « Não lh'o posso dizer. E' segredo militar. Estão na frente de combate, eis tudo.... »

E, depois de verificar que todos o escutavamos com atenção :

— « Estão na frente portugueza.... »

O general Tamagnini expressa a admiração de que está possuido pelos exercitos francez e inglez e as deferencias sem numero com que o tem honrado e ao seu exercito os chefes das invenciveis falanges do general Douglas Haig

officiaes e soldados que complétem cinco mezes de serviço no « front ».

e de Pétain. Acrescenta que não tem duvida alguma de que a vitoria final virá, mais cedo do que possa pensar-se, recompensar todos os sacrificios que estamos fazendo, e conta-nos algumas anedotas de trincheiras, d'um sabor finissimo e d'uma realidade que as impõe. Pouco depois, levanta-se e despede-nos, fazendo ainda esta sintetica declaração espontanea, que resume toda a critica da intervenção portugueza.

— « Os meus soldados tem a consciencia do ato grandioso que aqui estão praticando. Sabem que estão agindo em nome da Patria. Ufaam-se, e com razão, de executar, tão longe d'ela, nma tão alta e difficil missão. Sei que eles a hão de cumprir, sempre, com a intrepidez e com o denodo sublimes de que já tem dado provas. »

E, já no « perron » do « chalet », afavelmente *ab imo pectore* :

— « E eu respondo por todos eles!... »

CAPITULO XXIII

O REI DE INGLATERRA SAUDA O EXERCITO PORTUGUEZ.

Uma consagração historica.

Como já disse, o rei de Inglaterra e o príncipe de Gales honraram com a sua visita de amigos e aliados de Portugal o exercito portuguez que combate na frente da França. Nunca maior impressão poderá orgulhar o coração de um portuguez que foi admitido a tão auspiciosa festa de aliança e de comunhão de idéas.

O rei Jorge V, que é um *charmeur*, chegou á cidade de X..., onde temos instalada uma ambulancia de primeira ordem, acompanhado dos seus ajudantes de campo e do príncipe « *charmant* », que amanhã lhe sucederá no trono angusto da casa dos Windsor. Nem fausto

superfluo, nem guardas de honra inúteis, que pouco se harmonisariam com a solenidade amigavel da cerimonia :

— Um rei, amigo-leal, que vem apertar a mão dos chefes d'um exercito, cujo lealismo á causa da politica internacional britannica data de seis seculos.

A' luz brilhante d'um sol de batalhas, o grande soberano, recebido apenas por um batalhão do nosso valente exercito e pelos officiaes que comandam os « serranos », apeou-se da carruagem, saudou militarmente as pessoas que o esperavam e, em lugar de partir a desempenhar a sua elevada missão de generalissimo do maior exercito do mundo, caprichou em ficar, durante meia hora, ao calor insuportavel do sol da tarde, em palestra amigavel de camaradas, com os officiaes superiores portuguezes. Nós, os espectadores da cena historica, muitas vezes nos interrogámos intimamente, para saber que mais admirar no neto augusto da rainha Vitoria, se a sua coragem, a sua dedicação de soldado que afronta todos os perigos e todas as etiquetas, ou a sua per-

sistencia em provar ao exercito portuguez que ele vem, em nome da Inglaterra, admirar-o e consagral-o nos campos de batalha. O rei de Inglaterra — preciso é que todos os portuguezes o saibam — veiu á frente portugueza trazer-nos, com a sua visita de amigo historico, um grande acrescimo de abnegação e de coragem.

As nossas tropas, depois d'esta deferente homenagem, sairão mais fortes e mais illustres das refregas que se preparam.

Não é facil esquecer que, enquanto as testas coroadas dos paizes ultramontanos e retrogradados que nos combatem se exibem aos seus aliados de momento em espetaculosas representações de parada, o maior imperador do mundo se dignou vir conversar, familiarmente, e como admirador sincero, com a diminuta mas excelsa falange dos soldados portuguezes que, nos caminhos da historia, privam, desde o seculo XIII, com as incomparaveis hostes dos reis da Gran-Bretanha. O chefe do nosso corpo expedicionario manifestava a sua exuberante satisfação, esentando atentamente, com respeito mas com

aféto, as palavras que o chefe da nação britânica ali improvisou, porque ele caprichou, sobretudo, em empregar a linguagem chã e trivial das conversações entre amigos. Interrogando um dos nossos generaes depois d'isto, ele disse-me :

— « E' admiravel ! Este rei simpatico parece que já nos conhecia no fundo da nossa alma e das nossas intenções. Tudo o que ele disse deve calar, profundamente, no coração sentimental da grande patria portugueza. »

Os generaes que acompanhavam Jorge V são os que combatem, a nosso lado, na frente de batalha. Nos seus rostos severos lia-se a intensa comoção satisfeita dos grandes acontecimentos d'esta epoca unica no mundo.

Eles sentiam, como nós todos, a impressão profunda de assistir a consagração do heroismo d'um pequeno povo que se bate, como o grande povo inglez, pelo ideal perpetuo da liberdade e da justiça. O batalhão portuguez que veiu saudar o nosso insigne aliado, conservou-se, formoso e marcial, em attitude que indicava, ao mesmo tempo, veneração e estima, enquanto

Jorge V nos desvanecia e nos exalçava com as suas apreciações de chefe dos chefes.

— « Nunca, até hoje » — me diz um jornalista inglez — « eu assisti a cena mais comovedora e mais digna de registo. O rei de Inglaterra, que gosa as simpatias geraes do nosso paiz » — acrescenta o illustre confrade — « parece querer selar aqui, com a sua presença, o pacto de sangue e d'amôr que une um dos paizes mais liberaes do mundo a um dos mais gloriosos paizes da Historia. »

Mas o rei Jorge V, esse nosso grande amigo, não se contentou com isto. Ele fez-se apresentar todos os officiaes que compunham o estado-maior do general Tamagnini e disse, a cada um de per si, palavras de tal alcance politico, que todos eles me confessaram, depois :

— « O rei d'Inglaterra não nos veio vêr apenas como soberano d'um paiz amigo e aliado : veio tornar eterna a nossa aliança ; veio dar-nos uma prova formal de que hoje, mais do que nunca, podemos contar com o poderio da Inglaterra e com a propria influencia pessoal do soberano ».

Jorge V não se limitou ainda a exprimir, nos termos mais explicitos, a sua simpatia e a do povo inglez pelo nosso povo. Condecorou com as ordens mais importantes do Reino-Unido os nossos tres officiaes generaes que o foram cumprimentar. O general Tamagnini recebeu a gran-cruz da Ordem do Banho. Os generaes Gomes da Costa e Simas Machado foram agraciados com as gran-cruzes da ordem de S. Miguel e S. Jorge.

— A aliança anglo-portugueza é, hoje mais do que nunca, uma aliança *in omne ærum* — para sempre...

Eu desejo dar ao povo portuguez, não apenas a nota protocolar e officiosa da manifestação incomparavel a que assisti, mas a impressão, vivida e inolvidavel, de que, nos campos de batalha anglo-portuguezes, se acaba de realisar um dos maiores fastos da nossa historia. A Inglaterra, pela sua força material inatacavel e pela força, ainda maior, da sua consciencia, quiz, expontaneamente, prestar este preito de consideração e de estima ao inclito povo da

Lusitania. A Inglaterra, na pessoa prestigiosa do seu chefe d'Estado, collocou-nos no mais alto lugar a que tem jus os nossos meritos de povo livre e a nossa abnegação d'apostolos do Direito.

Quando, amanhã, entoarmos, conjuntamente, o hino estrondoso da vitoria, não esqueçamos, nunca, que, no ciclo da paz que se avizinha, o nosso formidavel irmão d'armas — o inglez — deve ser, para sempre, o nosso inseparavel, o nosso querido, o nosso dedicado companheiro de trabalho.

Porque o rei d'Inglaterra procede sempre, como se sabe, *sponte regit popularium...*

CAPITULO XXIV

PALAVRAS DE SOBERANO

ENTREVISTA COM O REI DE INGLATERRA

**Jorge V e os seus generaes apreciando
devidamente o esforço portuguez.**

O rei de Inglaterra tinha chegado a França na ante-vespera do dia em que fômos autorizados a acompanhal-o na visita que veio fazer aos seus exercitos. Grande honra foi para nós, jornalistas, este facto; mas bem longe estavamos da honra supina de ser recebidos por sua magestade.

Ordinariamente, os jornalistas pedem aos reis e presidentes de republica que os recebam. D'esta vez, foi o rei de Inglaterra quem tomou

a iniciativa da entrevista entre os mais altos poderes d'um Estado hegemónico e os simples relatores da opinião que nós somos. O simpático coronel que dirige os serviços d'imprensa na frente ingleza veio anunciar-nos que o seu soberano manifestara o desejo de receber-nos. Eramos três jornalistas inglezes, dois francezes e o que vem narrar-lhes o que aí se passou. O facto de haver um jornalista portuguez no grupo produziu, como verifiquei, a mais agradável impressão no sequito d'el-rei. Não estávamos nós a alguns kilometros apenas do exercito portuguez que veio a França combater em obediencia ás idéas civilisadoras da Inglaterra?

Um general do estado-maior dirige-se-me, no pateo de honra do palacio improvisado, e pergunta-me, com o mais gracioso dos sorrisos:

— « É portuguez? »

— « Sou; e represento um jornal do meu paiz que sempre defendeu a politica que estamos consagrando nos campos de batalha. »

O general, que saudei militarmente, apertou-me a mão... á ingleza e disse:

— « Sua magestade terá prazer em recebê-lo. »



Fot. do « Seculo »

O REI D'INGLATERRA.

E' facil julgar do que seja a residencia d'um chefe d'Estado como a Inglaterra, mesmo junto das trincheiras e ao som dos canhões. Os devotados servidores marciaes do soberano cruzam-se no vestibulo de honra, dialogam rapidamente e separam-se, continenciando-se. Os « particulares » do rei especam-se, encazacados, impecaveis de respeito, no caminho que sua magestade vae seguir. Nós estamos formados, a dois de fundo, no pateo de honra, e aguardâmos, silenciosos, o momento de ser recebidos pelo monarca.

O secretario particular de Jorge V vem parlamentar connosco, como que para auscultar o nosso estado de espirito. Parece satisfeito, quando regressa ao « château » imperio, onde o rei de Inglaterra, ás 9 horas da manhã, deliberando ir visitar os seus valentes « tom-mies », ordena que a imprensa o cumprimente sem etiquetas. Estamos cheios de pó das estradas, porque não esperavamos este amavel convite e não trazemos bagagens... de « toilette ». Um general, que ainda ha dias inscreveu o seu nome e o do seu paiz nas paginas de ouro

da historia d'esta guerra, vem comunicar-nos que sua magestade desceu dos seus aposentos e vae receber-nos. Acompanha-nos. Os jornalistas estrangeiros, por especial deferencia, são convidados a entrar em primeiro lugar. Penetrâmos n'um amplo salão dourado do rez-do-chão — os correspondentes do *Matin*, do *Petit Parisien* e do *Seculo*. O rei, rodeado de quatro generaes e do principe herdeiro, vem junto do limiar da porta, cerra-nos as mãos, com uma deliciosa confraternidade, e espera que o general que nos conduziu nos apresente.

A cada um de nós e a todos, depois, dirige as palavras amaveis que a circumstancia reclama. E' da praxe. Por ora, o rei, sorridente e docil, só nos impressiona pela naturalidade dos gestos. Ele deliberou receber os homens dedicados á causa da « Entente », e sabe que está falando a leaes cooperadores do ideal comum. Mas sua magestade é o chefe da inimitavel diplomacia ingleza, e procura occasião para insinuar-se, mais ainda, no animo propicio de cada um de nós. Dirigindo-se aos francezes, disse-lhes :

— « Sei que o seu brilhante colega, sr. Basset,

foi morto por uma bala alemã, na frente ingleza. Com a minha condolencia e a do povo britânico, peço aceiteis a expressão sincera da nossa admiração pela fôrma como esse vosso camarada soube cair no seu posto ».

E, pouco depois :

— « Foi morto por um « Sniper », não é assim? » — interroga Jorge V, com a intenção manifesta de fornecer assunto á entrevista.

Como os jornalistas francezes não respondessem, eu disse ao rei de Inglaterra :

— « Foi, sem duvida, um « Sniper », porque as trincheiras alemãs de primeira linha estavam ainda distantes e não se lutava a tiro de espingarda, n'aquelle sitio ».

Jorge V avançou para mim e perguntou-me, com uma grande expressão de simpatia :

— « E' jornalista portuguez? »

— « Sou » — respondi, e acrescentei, aproveitando o ensejo que o rei me proporcionava de falar-lhe :

— « Tive mesmo a honra de ser apresentado, em Londres, ao grande rei que foi o pae de vossa magestade ».

O sorriso do chefe de Estado iluminou-se ainda de cambiantes de doçura. Falou-me da aliança portugueza, « que a Inglaterra muito préza », e do exercito que aqui temos a cimentar, a dar fóros de consagração historica, a essa aliança que nenhuma outra egualou, nunca, em duração e em sinceridade. E, autorizado por estas honrosissimas expressões, permiti-me inquirir :

— « Vossa magestade tenciona, ao que me dizem, visitar o sector portuguez ».

— « Sem duvida ; e só se o tempo me faltar por completo deixarei de o fazer ».

E, sempre com um interesse que me cativou e em mim produziu o justificado orgulho que deve produzir em todos os portuguezes :

— « Quantos homens teem já aqui? »

Disse quantos, sem violar segredos de tática, que não possuo, e o rei, dispondo-se a findar o colloquio, comentou com intuição :

— « São tropas excellentes, bem sei. Contâmos com elas. Pode dizer que eu e os meus exercitos somos felizes de combater ao lado de taes amigos, que são tambem os mais fieis dos aliados ».

As carruagens reaes esperavam o soberano na ruella estreita, onde umas duzias de habitantes do paiz se postavam para assistir á partida do cortejo real.

Jorge V apertou-me a mão, despedindo-me; disse palavras de igual acolhida aos meus dois colegas e regressou á frente de batalha.

Durante o dia inteiro ele não cesson de manifestar o mais decidido interesse pelo que viu e, quando a ocasião se lhe proporcionou, repetiu, com agrado, as palavras com que houve por bem galardoar o nosso esforço de velhos aliados. A' noite, de regresso ao quartel general, os officiaes que o acompanhavam diziam-me :

— « Sua magestade conserva a melhor impressão das palavras que trocou com os jornalistas. E espera encontral-os, até ao fim, n'este caminho da gloria ».

O grande rei democrata deve tambem saber que nós, todos, desvanecidos pelo seu houroso convite, não cessamos um instante de fazer realçar o valor do exercito britanico, cujas ope-

rações estamos seguindo, e de pôr em fóco a proficiencia, a estremada dedicação, que lhe consagra o seu illustre chefe.

Quanto a Portugal — porque não dizel-o? — eu sei que os sentimentos de carinhosa afeição expressados pelo rei e pelo amigo serão comprehendidos e apreciados, não só pelos portuguezes que aqui veem derramar o seu sangue pela causa comum, mas por todos os que lerem o relato singelo e veridico d'esta entrevista.

CAPITULO XXV

Como se guardam as trincheiras.

As novas fases da grande luta.

Estou n'uma d'estas cidades semi-mortas pelas quaes passam, noite e dia, os instrumentos de morte da guerra e pela qual nós passámos, para vêr a guerra. Aqui esteve, ultimamente, o nosso « Kitchner » portuguez, e por sinal que, em comemoração d'este facto, e quasi junto da « gare » onde ele esperava o official inglez que ia leval-o á presença de Douglas-Haig, um « aviatik » em debandada, foi rapidamente abatido pelos nossos « 75 ». Um aspeto curioso dos arredores d'esta povoação em ruinas : — 60 « omnibus », dos que ainda em meados de 1914 transportavam a população laboriosa de Londres, conduzem hoje milhares de soldados para a frente de batalha. Quando a guerra

findar, estes veículos de paz, que ò estado-maior inglez aproveitou para combater os inimigos da paz, serão expostos, nas ruas da « Metropolis », como reliquias do esforço britânico, que as multidões saudarão, entusiasmadas. D'aqui passamos, sempre em automovel, para as rétaguardas do nosso « front », onde se exercitam, constantemente, os consagrados « serranos ». Temos no nosso sector, cujas dimensões aumentaram com o nosso esforço de peritos da guerra, as brigadas que já se experimentaram na grande luta. O resto do nosso exercito está aqui, nos acampamentos, habilmente construidos e nas escolas preparatorias, a fazer exame de força e de persistencia, para, a seu turno, ir render os valentes soldados que já honraram o nome portuguez nas trincheiras.

Além dos campos de exercicio e de combate que já visitei, encontro mais um. E' que o quadro da nossa atividade se alarga e se embeleza, a cada instante. Os nossos soldados, cada vez mais conscios do seu dever, capricham em egualar os que combatem a seu lado.

Estamos n'uma escola de metralhadoras de

tiro indirecto. A tatica das nossas escolas de guerra de paiz colonial foi modificada pela guerra imposta pelos alemães. Já se não ataca o inimigo que se vê, não longe de nós, com armas eguaes.

Faz-se fogo, dentro de cavernas, a grande distancia, por cima das elevações do terreno. Os nossos homens comprehenderam que assim deve ser, e aprendem a guerrear, por processos que detestam. Os alvos... invisiveis — o paradoxo é d'actualidade — são esburacados, a cada instante, pelos projeteis, habilmente regulados pelos nossos officiaes, n'uma trajetoria matematica, infalivel, certa. Os capitães, tenentes, alferes e sargentos portuguezes exclamam, antes mesmo d'onvirem o nosso aplauso :

— « Estes moços aprendem tudo. Se ámanhã lhes ordenarmos que vão combater... a sôco, irão ».

As metralhadoras ligeiras — as que varrem os parapeitos das trincheiras — dão provas d'uma mobilidade e d'uma rapidez de tiro admiraveis. O inimigo muda de lugar; atira transversalmente; pretende atacar pontos « adorme-

cidos »? Não importa. Os nossos rapazes, obedecendo á voz de comando, acompanham estas tergiversações da luta, e dirigem o tiroteio para as novas linhas de combate.

O *Bund*, de Berne, dizia, ha dias (1), que os raros prisioneiros portuguezes feitos pelos alemães haviam denegrido as nossas intenções e a nossa coragem. E' uma insidia infamante. Os homens a que estou pondo interrogações e que estou vendo estudar, atentamente, a melhor maneira de defender a Patria, atacando o « Boche », são incapazes de dizer, na Alemanha, o contrario do que sentem e pensam aqui. Mas... para que insistir, se a unica força... invencivel que resta ao « boche » é a da mentira endossada constantemente aos paizes neutros....

Mesmo ao pé d'esta escola de metralhadoras Lewis, ha um novo campo de manobras, para exercicios d'infantaria de linha.

O nosso soldado bate-se já... á ingleza. Assim foi necessario fazer, como disse, para não des-

(1) Julho de 1917.

toar da concordancia de ação e de vistas dos grandes exercitos que nos cederam um importante sector de primeira linha. E' preciso evitar os estratagemas, as « ruses » da guerra teutonica, servindo-nos de processos que a guerra leal desconhecia. O « serrano » submete-se a tudo. Depois dos exercicios preliminares da arma, parte, em passo de ginastica; estatela-se por terra, para evitar os estilhaços das granadas; levanta-se, n'um salto de batraquio, para visar o inimigo; passa a segunda ordem de fossas; aguarda, com paciencia e olho vivo, os movimentos do « boche »; e torna a partir contra ele, — se o bispa á altura das baionetas.

Aqui, o exercicio toma um aspeto novo para nós. O soldado portuguez, que aprendera a surpreender o inimigo, calado como um rato, investe, agora, de baioneta calada, a gritar como um possesso : — « Han! » « Han! » « Han! » E' o movimento obrigatorio do atachar das baionetas na carne dura dos « boches ». Ha os tres safanões da ordenança : — « Han! » « Han! » « Han! » O primeiro para

visar; o segundo para atingir; o terceiro para... furar. Os inglezes anunciam assim esta voz de comando : — « Shout Like Hell » : Grite como um inferno! N'um campo d'instrução de esgrima á baioneta vimos, mesmo, esta frase incitadora como titulo da escola.

Os nossos officiaes admiram, mais do que ninguem, a mobilidade de gestos dos seus soldados. E dizem que, na trincheira, estes operam pela mesma fórma — ou melhor... ainda.... Mas os nossos homens são tambem obrigados a manter em bom estado de resistencia as rêdes de fios de ferro farpado que bordam as trincheiras e procedem á sua montagem e ao seu concerto, com incomparavel mestria.

O inimigo ataca-os? Ainda bem!. Uns fazem fogo de defeza, enquanto os outros trabalham a desenrolar os carros de fios de ferro ou « concertinas » e a envolvel-os nos « cavalos de frisa », como se se tratasse de enrolar um carro de linhas, no lar familiar.

Outra hipotese : o inimigo vem armado de granadas de mão e bombardeia-os violentamente.

Tambem isso os não faz recuar. Cada um dos

nossos tem o seu « stock » de munições completo ; e responde, imediatamente, á granada com a granada. Quando a vez se proporciona do corpo a corpo, e que nem já a propria baioneta pode impôr-se, o nosso galucho saca da « faca de limpeza » de trincheiras e é um gamo a correr atraz dos « boches », que desabelham, em desordem, — a dar com os calcanhares no sitio onde tem o... mêdo. Ha já grandes progressos realizados n'esta escola. A opposição da mascara contra os gazes é executada n'um segundo. O official que preside a esta... precaução diz-me, depois de a ordenar e enquanto se apressa a... seguir os movimentos dos soldados :

— « Estes diabos até já fazem isto mais depressa de que eu ! »

Mas não é tudo. Os nossos moços agilissimos vão, depois, ao exercicio de tiro d'espingarda e consumam o ato preparatorio, imitando, ás vezes, o proprio Guilherme.... Tell....

Nos resguardos das trincheiras dão provas d'uma serenidade de espirito de que en nunca os julguei capazes. Vejâmos : Os « boches »,

sobrepticios, entram, de noite, nos sulcos fortificados dos sectores, com pés de lã, e, muitas vezes, disfarçados. É preciso estar álferta.

O portuguez espera-os, a cada instante. Fareja-os, adivinha-os, descobre-os, — sem se descobrir, — e vibra-lhes, ao voltar da esquina da trincheira, o golpe fatal que os deita a terra, imediatamente.

Se o golpe da arma falha, lança-se-lhes ao pescoço; tóree-lh'o, como se se tratasse d'uma perdiz; e passa adeante, a completar o seu trabalho de guarda da trincheira, isto é, de defensôr do solo da Patria.

— « Venha vêr isto! Venha vêr isto! » — diz-me o capitão portuguez.

Era a luta d'um « boche » acrobata com um dos nossos homens incumbido de o.... anular. É um combate épico. Os contendores dispõem d'armas eguaes. A luta é renhida. E a vitoria é, quasi sempre, do que... mais aperfeiçou estas armas... manuaes, que as antigas instruções militares europeias desconheciam.

Os officiaes inglezes que nos acompanham não se cançam de dizer :

— « São de primeira ordem, os seus soldados ».

E nós, os civis de uniforme, os que vamos apreciar-os em todas as minucias da sua destreza e da sua valentia, só podemos dizer, desde já :

— « Estes homens são invencíveis ! »

CAPITULO XXVI

EM FACE DO INIMIGO

O Portuguez « Soldado moderno »

Até agora, eu tenho estado no meio da refréga da guerra, nem na frente nem na réta-guarda; « *nec duces simus nec agmen cogamus* ». Assisti aos duelos gigantescos que, sem trocadelhos de palavras, são tambem duelos furiosos d'exterminio. Vi a guerra intermedia, da platéa do impressionante teatro das operações. A guerra onde milhões de homens se prevalecem d'um processo arcaico para lhe dar tintas de... moderna. Senti chocar-se os dois mundos que revolucionam o nosso mundo : o da idolatria da Força e o do ascetismo do Ideal. Senti

palpitar o coração das Flandres, exangue e soterrado, grande, enorme, como que para servir de proscenio eterno ás lutas incessantes do Progresso e da Treva.

A paizagem da guerra, à Wells — a que já chamaram lunar — é aterradora como um conto de Edgar Poe. Ha o silencio que prenuncia tempestades e os « tornados » furiosos que desfazem as proprias tempestades. Mas nem só o silencio esmagador nos avassala e nem só o rugido das tormentas nos contrae. Ha a mascarada tragica — dos caminhos, contra os aviões; dos homens, contra os gazes. Ha as peças de artilharia travestidas de folhagens verdejantes e de feixes de lenha e a tripla-essencia da cobardia, da traição e da insidia clos « Boches », infetando o ambiente de horror. Está a guerra que eu vi e que estou vendo, a cada instante.

Hoje assisto tambem á que se faz, a umas dezenas de metros de nós : a dos portuguezes, porque me não foi permitido assistir á que, a egual distancia, continuam fazendo os nossos lealissimos aliados. E como faz o por-

tuguez esta guerra, que é a negação da lealdade? Vou dizel-o.

O nosso soldado teve, a principio, como tenho dito, um movimento instintivo de repulsão por estas normas d'ataque, que repugnavam á sua audacia hereditaria. Mas a Patriã é a divindade superior do combate e a invocação da Patria, que n'ele encarnou o seu ideal, fez do nosso soldado de hoje — perdoem-me o eufemismo — um grande, um incomparavel, um inimitavel « soldado moderno ». Ele é fatalista, como em geral todo o soldado; mas o seu fatalismo não exclue, antes dá brilho ao seu altivo ideal de « conquistador » — da Liberdade. Ele foi levado, ás vezes, a transigir com o amor da gloria insondavel, que herdou dos pioneiros da « Terra Ignota », combatendo a peito descoberto; mas reagiu contra a tendencia atavica, e eil-o aqui, na nossa trincheira, bonacheirão e destemido, á espera do ataque sobrepicio, que é o estigma da nova guerra.

No nosso sector ha hoje um silencio reli-

gioso. Dir-se hia, sem irreverencia, o « retiro dos pacatos » da guerra. E' um silencio comprometedor e illusorio. Mas o nosso soldado comprehende-o. A imobilidade aparente dos exercitos tornou-o tambem sisudo, perspicaz, senhor de si. Um dos nossos generaes, que se illustrou em Africa, ainda ha mezes se arrojava aos combates, á frente dos seus soldados, d'arma em riste, como um Roldão. O nosso glorioso « Marchand » dominou os seus impetos e considerou que a sua vida preciosa vale o poema inspirador da sua coragem. Ele proprio, que é um nobre impulsivo, se resguarda e se precaucciona. E este enorme sacrificio de todos é uma prova nitidissima do que aqui se passa. Os portuguezes que, mensalmente, virão juntar-se aos que assim se curvam ás imposições d'uma estrategia infame, devem seguir-lhes o exemplo, que é — nunca me cançarei de o dizer — a nossa primeira e mais retumbante vitoria... Vencemo-nos, a nós, mesmos...

O solo suggestivo, o solo deserto, o solo revol-

tado do nosso sector transformou-se, como o que está ali em face, n'uma simples ratoeira, n'uma cilada ardilosa, onde a nossa paciencia e o nosso engenho se manifestam. Nós sabemos já que os dispositivos dos grandes combates — a preparação das grandes armadilhas — duram mezes e anos e decidem-se n'alguns dias e, muitas vezes, n'algumas horas. Nós estamos prontos para a luta que nos foi imposta. O alemão deprimido vive em casamatas agressivas e prepara os seus ataques em esconderijos medievaes. Trabalhâmos de noite, como ele, nas nossas trincheiras e, como ele, elevâmos « blockauss » inexpugnaveis; escutâmos aos telemetros o que se passa no campo inimigo; revestimos d' aço os suportes da trincheira e a propria cabeça; e equiparâmos, por esta fôrma, as forças combatentes, n'um equilibrio estavel. Assim combatemos os chaeas da Historia. E é bemdita — repetirei sempre — a tenacidade estoica d'estes homens. — Eles dão a vida pela vida dos vindouros. Eles bemmerecem de todos nós, porque se batem por nós todos...

A tranquilidade em que hoje encontro o nosso sector é, pois, toda feita de horror e de desconfiança. Esta guerra não é, como alguns dizem, um artificio convencional : é uma emboscada terrível, de que só escaparão os mais... ardilosos. Este silencio impressiona-me. Sentem-se zumbir os moscardos que acabam de sugar os cadaveres insepultos. A atmosfera respira sangue e odio. A propria artilharia geme, lá longe, como o ralo d'um moribundo cujo corpo imovel está aqui. Atravesso as inextricaveis galerias d'este sub-solo espectral, como se o armisticio tivesse já sido declarado.

Mas este silencio é horrível. Um dos nossos soldados vae quebral-o. Um boné, colocado na ponta d'um sarrafo, elevado a uns centimetros do rebordo da trincheira, desperta logo os « boches ». Crivam-no dezenas de balas alemãs. Um torpedo aéreo — uma catapulta moderna — rebenta, a 20 metros de distancia. A isto chamariam os romanos o azeite lançado ao fogo : *irritare crabones*.

Estamos a cem metros do inimigo.

— « Quer vê-los de mais perto? » diz o oficial que me guia.

E partimos, sem que eu... respondesse. A tranquilidade restabelece-se. Parece-nos facil penetrar no terreno neutro que delimita os beligerantes. Falámos alto, para demonstrar que estas paredes não teem ouvidos. O silencio perdura. Os nossos soldados estão a postos; mas um d'elles dorme, ou finge dormir, n'um « letto » de terra cavado na muralha da trincheira. Cobre o rosto com o boné — por causa das moscas.

Quero verificar se ele dorme realmente, e brado, em portuguez :

— « Olha os « boches » ! Olha os « boches » !...

O rapaz salta, como uma pulga, e, sem mesmo esfregar os olhos e cumprimentar-nos, deita a mão á espingarda e aponta-a para a trincheira alemã.

— « E' assim que se dorme na guerra », diz-me um oficial.

Mas, disciplinador e ativo, increpa o pobre rapaz, sem violencia :

— « Então você veio para aqui para dormir, ou apanha... moscas? »

— « Não, meu capitão » — diz o soldado, perfilando-se. — « Eu estava á espera, como vê. »

— « Quem quer dormir, paga á guarda », « rosna » ao lado um outro galucho.

— « Eu não pago » — retruca o primeiro, enxofrado — « porque nunca deixei a... guarda. »

O oficial insiste, complacente :

— « Não ha novidade por aqui? »

— « Nunca ha novidade, meu capitão » — diz o « dorminhoco », satisfeito — « porque estamos sempre á espera de... novidades; e, quando elas aparecem... zás! »

E dá um soco na escopeta....

O capitão olhou-me, sorrindo, e partiu. Eu retardei o passo, para conversar com o bravo moço, cujo espirito humoristico de heroe me seduziu :

— « Como se teem portado os « boches »? » — perguntei.

— « Bem, muito obrigado » — diz ele, em ar tróicista.

E enfiei pelo « boyau » — o corredor da trincheira — sem poder suster o riso....

Estamos agora a 80 metros da primeira linha alemã. Persegue-me o desejo de vêr « boches », em carne e osso. Um tenente inglez, atrevidissimo, comprehende-me e sóbe ao parapeito da trincheira. Um outro official inglez segue-o.

— « Quer vêr os « boches »? — diz-me o tenente.

— « Estão ali, n'aqueles buracos escuros ».

Como no caso tetrico da minha iniciação... aerea, vi-me obrigado a imital-os. Estava tudo tão socegado!... — pensei eu....

Um tiro de espingarda zuniu aos nossos ouvidos. Descemos. E, durante cinco minutos, — tal é a contração nervosa do medo! — não fizemos alusão alguma ao inesperado incidente, que nos poderia ter custado a vida....

Os nossos soldados estão junto dos morteiros e das metralhadoras — sempre « á espera ». As sentinelas espreitam pelos periscopios e pelas séteiras.

— « Agora reparo » — digo ao tenente inglês — « que nem um cãesinho aqui falta »....

— « E' um « fox-terrier » atravessado » — explica o official, chamando o molosso.

— « Chama-se « Boche ». Adotei-o, porque veio, ter aqui, com os alemães do « raid » noturno habitual. Veio visitar os seus patri-cios. »

O pobre animal prisioneiro gania, á procura do dono, tentando, por vezes, escalar a trincheira.

O soldado que nos indica o caminho conta-me « historias » locaes. Uma, para exemplo :

— « Que me diz v. da guerra? » interrogo.

— « Ê *nan* sabia » — responde êle, com um pronunciado acento transtagano — « *qu'a* guerra era isto da gente fugir uns dos outros, dentro d'estas buraqueiras ».

Fiz um esforço enorme para não rir ; e perguntei ainda :

— « E... tem medo dos « boches »?

— « Ê cá » — replica ele, batendo com a arma no chão — « estou-me nas tintas para eles — com perdão de vosseôria.... »

E delineou no espaço um gesto eloquente, que não tinha nada de... diplomatico....

A um rapagão do Douro, que apanhava cartuchos vasioz através das valas... comuns, perguntei, de passagem :

— « Então? e os « boches »?... »

— « Quando elles vierem, cá « estemos » — diz ele, simplesmente, continuando a arrebanhar as capsulas vasioz.... »

A trincheira está inundada. Tem, aqui, uns 50 centímetros de agua. Estamos no campo de batalha alagado, em que é preciso construir fortins e redutos poligonaes. Foi preciso fabricar estrados e grelhas de madeira, assentes em estacarias, para estabelecer as communicações regulares. Despedindo-me do impavido duriense, insisto :

— « Esta matilha de « boches » está sempre assim, muda e quêda? »

— « Qual historia! » — responde ele, com intimativa. — São cães que não ladram, quando querem morder ».

— « Cães de fila? »

— « De primeira fila ».

— « E quando ladram, mordem? »

— « Não, porque lhes... quebrámos os dentes ».

E, diligenciando encontrar imagens mais... perfeitas :

— « Estes patifes atacam-nos, quasi sempre, a hora certa. A esta hora estão a planear o assalto. »

— « E veem sempre em boa hora? »

— « Ah! pela certa. Sabem escolher a hora... da morte! »...

E, n'um gesto sacudido e vibrante, mostrou a decisão em que todos estavam de receber os « boches »... « condignamente. »

Fluente como um algarvio, continuou, vendo que me interessava a sua palestra :

— « Todas as madrugadas, estes diab'almas veem visitar-nos, sem anunciar a visita. Como somos... delicados e estamos sempre « á espera », recebemol-os, logo, com estas amen-doas... amargas ».

E mostrou-me uma granada de mão. Achei graça ao « simile » e parei ainda, para o ouvir. Ele completou o informe :

— « A noite passada, ás tres e pico, engatilharam até aqui, sem dizer « agua vae ». Deixámol-os aproximar, como se tivessemos... morrido. Quando lhes vimos os « cabeçalhos », deitámos logo tres ou quatro abaixo. Os outros... escapuliram-se ».

— « E onde estão os que vocês *liquidaram*? — perguntei, n'este estilo persuasivo da trincheira.

— « Estão ali. Quer vê-los? »

E indicou o terreno vago entre as posições inimigas.

Não aceitei o convite, é claro; e corri, para juntar-me aos meus companheiros, já distantes.

O nosso soldado verboso diz-me ainda, um pouco desconcertado com o meu receio :

— « Ah! se o senhor os visse.... Fugiam como gamos, e a berrar como... chibos »!

E, voltaudo á primeira forma da sua expressão imaginosa e insinuante :

— « Quando eles voltarem, cá *estemos* »....

Havíamos pereorrido mais de oito kilometros

da frente do sector que mais se aproxima dos « boches ». A artilharia dos dois campos começava a rebombar. Voltámos, a galope, ao posto de comando. Um dos nossos officiaes, a quem expuz as impressões que me arrebatavam, comentou :

— « E' assim mesmo, não ha duvida. Nós deliberámos, todos, guardar o nervo nacional para occasiões oportunas. Fazemos guerra aos « boches » — á « boche ».

E, com a serenidade d'um verdadeiro chefe :

— « Que isto, por ora, não vae a matar... para nós ».

— « E para eles? », insisto.

— « Ah! para eles, é... quando calha »....

Toda a estrutura e toda a cabala d'esta guerra se resumem n'esta admiravel definição portuguezissima do valente official. Soube, depois, que ele ligára já a expressão ao facto, e que ainda ha dias comandára o vigoroso pelotão de « serranos » que destroçou completamente uma patrulha alemã....

CAPITULO XXVII

A ODISSÉA LUSITANA

A escola d'heroismo das trincheiras.

Em plena luta, durante a noite.

O nosso brilhante estado-maior tem-me facilitado a visita do nosso exercito de preparação e do que já entrou em combate. Todos os nossos officiaes dispendem, sem contar, uma tal actividade patriotica, que já não sou eu só a admirar-os : é todo o exercito inglez, que os vê na faina diaria — e, para melhor dizer, noturna — e é toda a imprensa, aliada e neutra, que, comigo, os foi vêr no exercicio das arduas funções da guerra. N'um banquete que nos foi oferecido — a mim e ao illustre official que me acompanha — um coronel britanico, que visitou as nossas linhas, brindou, no presidente da

nossa Republica, o nosso exercito e a nossa nacionalidade, que as armas dos « serranos » aqui consagram.

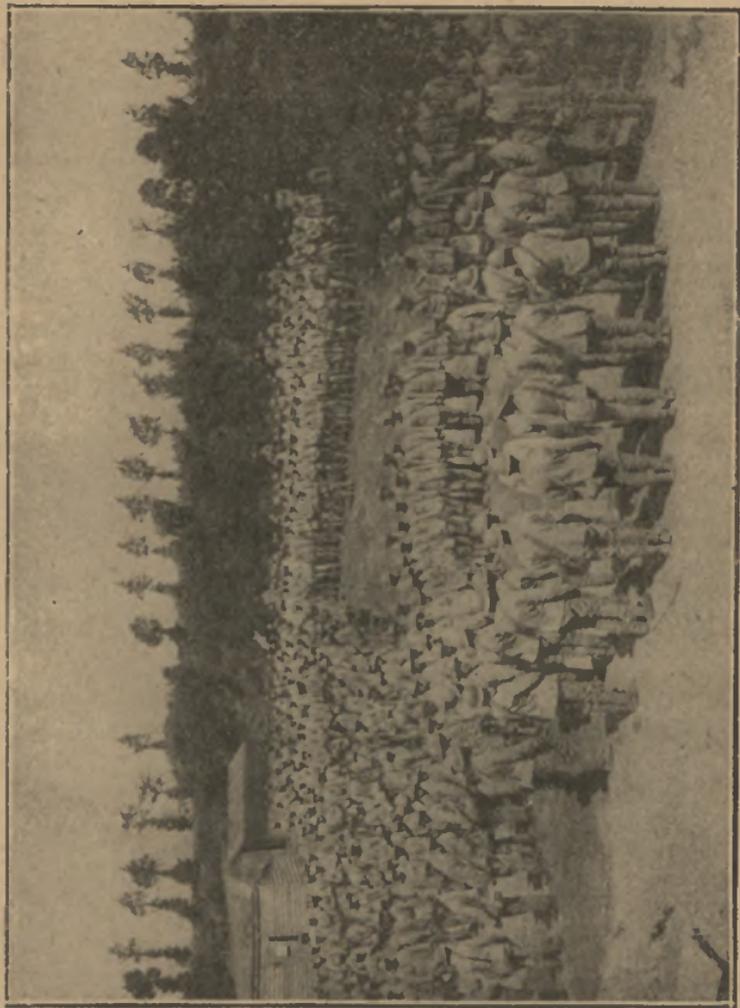
Eu refiro-me poucas vezes, repito, ao nosso official, instruido, bravo, eminentemente cumpridor do dever, porque, quando falo do soldado portuguez, é a ele que faço allusão, em primeiro lugar. Ele está sempre á frente dos que combatem. A maior parte das referencias lisongeiras que tenho feito aos nossos officiaes fòram-me, porém, inspiradas pelos officiaes inglezes e francezes. Isto diz tudo. Os nossos officiaes estão em toda a parte onde está o perigo, onde está a ameaça, onde está... a bandeira da Patria. E com que enternecida admiração eles se referem aos soldados!...

Um capitão d'estado-major, que é tambem um apreciado parlamentar, acaba de dizer-me :

— « A nossa trincheira é uma escola d'heroismo. »

E é. Eu quiz visitar os nossos generaes e não os encontrei... nas suas residencias. Estão de serviço permanente, junto dos soldados. Estes não se batem apenas com as armas.

NA FRENTE PORTUGUEZA



AS ESCOLAS « DE GAZ » E DE TREINO.

Constroem caminhos de ferro estrategicos, tratam do material rolante, cuidam dos solipedes, trabalham, de sol a sol, com uma dedicação maravilhosa. Quanto mais os vejo — a todos — mais sinto crescer na minha consciencia a honra de ser portuguez — como êles...

O dia e a noite d'hoje consagrei-os eu ao exame dos seus atos... de todos os dias — de todas noites sobretudo.

E' maravilhoso tudo isto! E merece registo.

A' saida d'uma aldeola... sem casas, onde persiste, sob o tiroteio inimigo, a instalação mediocre do nosso estado-maior, pedimos licença para voltar ao nosso sector. E'-nos fornecido um soldado — um « alfacinha » — como guia. Toma logar na almofada do automovel, ao lado do « chauffeur ». Os camaradas que passam pelas ruas — pelas ex-ruas — reconhecem-no e mimoseiam-no com dichotes d'esta ordem :

— « Ena! pae! de caleche! »

— « Vás para a « Lisbia amada »? »

— « Dá lá recados ao... Tanas »...

— « Caspité! meu general! » — diz um d'elles.

O nosso condutor de guerra não tuge nem muge. Está de serviço.

Partimos.

— « Temos de nos apear ali » — diz ele, então.

— « Porquê? » — pergunto.

— « Porque as... carruagens não podem penetrar nas linhas de combate ».

Saltámos do « auto », — o soldado na frente. Encafuâmo-nos nas veredas do campo de batalha, ao som dos canhões. Todos os atalhos, todos os postos, teem nomes portuguezes, alguns bizarros. Que nomes? E' segredo de tatica, por ora....

Palestro com o nosso soldado.

— « Que extensão tem já o nosso sector? »

— « Não sei, ao certo. Sei que cresce diariamente, como o arroz dentro d'agua a ferver »....

— « Mais ou menos... » —, insisto...

— « E' » — diz ele, sorrindo — « como a... legua da Povoá ».

E' sol posto, a hora das refregas. Estamos novamente nas linhas quebradas, onde se exhibe o nosso heroismo. Somos convidados a tomar uma refeição n'um posto de comando. « Menu » portuguez : « *Desfeita* », *carrascão*, etc. Preparâmos o estomago para a excursão noturna.

— « Como vae isto por cá? » — inquiri do comandante do batalhão.

— « Não ha novidade de monta. O pão nosso de cada dia. Escaramuças diarias, como a de que mais se falou em 13 de junho; « cumprimentos » de morteiros; « tic-tacs », marteladas de metralhadoras... e... mais nada ».

— « E a sua gente? »

— « Admiravel! »

— « E' gente d'uma cana », diz um tenente.

E preparamo-nos para partir.

A artilharia trôa... mais alto.

— « Ah! esquecia-me dizer-lhe » — aduz o comandante : — « Uma d'estas manhãs, estavamos, longe d'aqui, a manobrar para render um batalhão; e fomos *observados* pelos aviões

« boches », que nos inundaram de metralha.

— « Resultado? »

— « Respondemos á letra, e continuámos o exercicio »....

— « E que perdas tivemos? »

— « Um soldado e seis mulas mortos. »

— « E muitos feridos? »

— « Alguns, sem gravidade, porêm. »

— « Como suportam os nossos moços estes ataques? »

— « De cara alegre, como sempre.... »

Continuânos a percorrer o sector.

Um capitão de estado-maior, elegante, de monoculo, passa a nosso lado, em inspecção á trincheira.

Uma bomba rebenta, quasi junto d'ele. Exclama, serenamente :

— « D'esta escapámos nós ».

E continúa o seu caminho.

A noite avança. E' a hora das surpresas, aliás esperadas.

O bombardeio mutuo intensifica-se e, por tal

fôrma, que somos obrigados a passar para as segundas linhas.

Tudo decorre com uma precisão admiravel. E' mais um ataque repellido. Os nossos rapazes recebem, depois, ordem de percorrer a primeira trincheira, indicando — com archotes — que a tempestade foi... dissipada. Os « verilaite » alumiam a linha sinuosa das nossas posições, que os « serranos » reocupam, depois de dado o balanço á refrega. São os fogos d'artificio da vitoria.

Um dos portadores de archotes tem um máu encontro.

Um official e tres soldados... alemães, retardarios ou... perdidos, alçam a perna para descer á nossa trincheira — como se fosse a... d'elles. Mal lhes veio, porque o nosso soldado os reconheceu; esmurrou os queixos do official com o « verilaite » e gritou alegremente :

— « Cá estão eles, ó rapazes! »

N'um instante, vieram os nossos moços e lançaram-se a correr atraz dos « boehes ».

Já não ha traça dos... visitantes.

— « Adeus, amigos! » — diz o nosso soldado que os *archotou*.

— « Enganaram-se no numero do porta », comenta um outro.

Um observador grita :

— « Olha que eles ainda « bolem » !... »

E « boliam », com efeito, no cahos do « no man's land », — o terreno sem dono, — como sombras fantasticas. Era o reforço alemão que chegava. Era a batalha preparada pelas avançadas que escorraçámos. O official de comando dá ordens. Parte-se ao encontro dos « boches ». As patrulhas que se atacam dispõem quasi d'egual numero de homens.

« Pff! Pff!... » São os tiros d'espingarda, perreectiveis apenas no ruido seco dos morteiros. Os vultos negros debatem-se, na escuridão. E' o « *justiore praelio* », a batalha regrada. Um official de infantaria recebe ordem d'ir comunicar ao sector inglez proximo, o que ali se passa, — porque nós agimos sempre de concerto com os nossos heroicos vizinhos. Um estilhaço de granada atinge o nosso official. Não importa. E' preciso cumprir a ordem, com menospreso da morte. Os « Hovitzers » troam, desesperadamente.

O nosso oficial leva a nota ao comando inglez, occultando o ferimento, e... volta á carga.

A meio caminho das trincheiras inimigas, a luta corpo a corpo continúa. Os nossos moços regressam, dez minutos depois, e dão parte do que se passou. Trazem alguns... « boches », cabisbaixos, tiritantes de susto, silenciosos. Instantes depois tudo parece acabado e a artilharia das trincheiras acalma-se... um pouco.

Mas o grande episodio da noite vae desenrolar-se. E' madrugada. N'um posto de vigia, dois dos nossos soldados verificam que um magote de « boches » se aproxima... ainda. Podiam e deviam prevenir o comando do sector.

Preferiram esperar os novos... « visitantes », no seu posto.

— « Eles não são muitos, d'esta vez » — diz um dos nossos. O outro toca-lhe no hombro, como que para aquiescer aos seus projetos. Deixaram-nos vir, de rastos; e, quando os « boches » se aproximaram da trincheira,

descarregaram sobre eles as duas metralhadoras de que dispunham. Houve um movimento de recuo. Tres ou quatro « boches » abateram-se no solo, como massas pesadas. Os outros gritavam, de mãos para o ar : — « Kamrade! Kamrade!... » Os dois portuguezes bradaram tambem :

— « Vamos a eles ! »; e pularam para o campo. Só um sargento e um cabo alemães estavam de pé. Os outros « boches » jaziam por terra, mortos ou, como costumam, fingindo estar mortos.

Um dos nossos bravos (ainda um beirão), trespassa o cabo alemão, com a baioneta.

— « E' um de menos » — diz ele.

Mas restava o sargento, que se debatia ainda.

O nosso segundo soldado é lançado por terra, com um tiro de revólver.

O beirão atira-se ao sargento « boche », com unhas e dentes, vociferando. Lutam, braço a braço, sobre os que gemem por terra. Uma granada — talvez alemã — vem em socorro do nosso soldado, quebrando uma perna ao « boche ». Os reforços portuguezes chegam.

Os dos alemães não veem. O nosso bravo moço volta á trincheira, em triunfo!

— « Vamos *acordar* os « boches » — diz o soldado ferido.

— « Que os leve o diabo! » — objeta o beirão, cançadissimo. — « Agora vou dormir um pouco, que esta « droga » foi séria.... »

... E eis o que aqui se passa, quasi todas as noites... á mesma hora.

Conversei, depois, com este valentissimo beirão, que tinha o corpo cheio de escoriações e estava em tratamento n'uma ambulancia.

— « E em que pensa v. agora? » — perguntei-lhe.

— « Em voltar á trincheira, quando estiver curado. »

E completando o seu pensamento :

— « Nós devemos enforçar o « emparador » da « Alimanha » com as tripas do ultimo « boche »....

CAPITULO XXVIII

UM COMBATE NOTURNO

Intermitencias da luta.

Eu devia, talvez, iniciar a publicação d'um « diário da guerra », tão interessantes e tão impressivos são os detalhes da grande luta a que estou assistindo. Mas prefiro delinear apenas os acontecimentos de grande vulto. O leitor perspicaz verá, dos cumes altíssimos da peleja, o que se passa nos despenhadeiros e nos reconditos sombrios dos campos de batalha. Quedo-me, ao passar por este Vale de Lagrimas, nos Golgotas soberbos da nossa heroicidade. A guerra atual é tão fértil em ações invulgares de devoção patriótica, que eu proprio teria a dificuldade da escolha, embrenhando-me, a cada instante, na trama variada dos pormenores das refregas...

Como de costume, emprego o meu tempo a observar, de mais perto, a « ala dos namorados » do nosso exercito, que para aqui mandámos defender a honra da Patria, como, no seculo XIV, mandámos doze cavaleiros a Inglaterra defender a mais gentil das causas. Combatemos, ainda e sempre, por nossa dama. Completámos, assim, o ciclo d'um longo periodo da Historia de Portugal. E' a finalidade d'uma longa vida de dedicação e d'amor? Não. Recomeçámos a vida, com a mesma galhardia de sempre. Quem nos impulsiona? Quem nos move? Quem nos faz vibrar as cordas inquebrantaveis da energia nacional? Uma lei? Um desejo pueril? Um sonho imperialista? Nada d'isso. Batemo-nos, outr'ora, para dilatar os ambitos do Universo. Continuámos a combater pelo Bem do Mundo. Estamos no nosso posto — hoje, como ha nove seculos.

Quando lhes escrevo d'este torrão quasi patricio, onde a fina flôr da nossa mocidade avigora e enobrece as fibras da nação, eu

tento, a cada instante, resumir-me e dar-lhes, objetivamente, a animatografia do espectáculo indescritivel.

Mas a minha emotividade peninsular impõe-me a critica sincera d'esta magnificencia do nosso genio. Eu sinto a necessidade de comunicar a quem me lê o enlevo sacrosanto da minh'alma. Os meus desabafos, sem hyperbole, são vibrações trepidantes do meu grande entusiasmo de portuguez...

Trago-lhes hoje mais um episodio vibrante da « nossa guerra ». Mas não o enfeitarei com aparatos superfluos d'estilo.

O nosso sector é, n'esta noite caliginosa, mais movimentado que de costume. As explosões dos « verylights » succedem-se, com poucos intervalos. Os morteiros disparam, d'um lado e d'outro, em angulos de mais de 40 gráus. As bombas rebentam, com grande fracasso, nas duas trincheiras. Toma-se o pulso á resistencia do inimigo. O céu é estrelado; o ar é morno. Os « Halberstardesters » e os « Aviatiks »

dormem nos aerodromos. Os foguetões de sondagem são os batedores da noite. O fogo dos morteiros recrudescce, á claridade sinistra d'estes foguetes de lagrimas. Depois, ha uma pausa reciproca, como que de comum acôrdo. E' uma pausa preparatoria do novo ataque, que rapidamente se intensifica. As chispas, as linguas de fogo, que saem agora das trincheiras, espalham obuzes de gazes envenenados. Toca-se o sinal d'alarme, martelando em capsulas de « 75 » ou agitando matracas, como nas trevas do ritual catolico.

— « Meter, mascaras!... »

Os sinaleiros, as vigias, as sentinelas, todos os homens d'armas, estão a postos. Os officiaes fiscalisam tudo, com a mais admiravel serenidade. A piada nacional não desmerece, porém, dos seus fóros.

— « Cá estão « eles » a bater á porta, a som de sanfona » — diz um soldado, a meia voz.

— « E' pontualidade ingleza » — confirma outro.

— « E pontaria ingleza » — acrescenta o primeiro.

— « Raios os partam ! » — alvitra um . .
noviço.

— ... « Só se morre uma vez » — sentençaia
um d'elles.

E o primeiro diz, galhofando :

— « Eu não me importa morrer; mas de-
sejava dormir um pouco — antes d'isso... »

— « Caluda ! » — recomenda o sar-
gento.

— « Nem pio ! » — aquiesce um d'elles,
imitando-o.

Mas os « boches » socegam.

— « Não vêem cá hoje, tu verás » — diz um
dos palestradores otimistas.

— « E que venham » — respondem os
outros, em côro...

Agora, já se não fala, cochicha-se, por causa
do sargento....

— « Pnm ! Pum ! Pum !... » « Brruh-
hnu !... » « Tac ! » « Tac ! » « Tac ! »...

— « Os « boches » « enrégam », — constata
um dos nossos.

— « Basta de « paleio », hein ! » — impõe o
cabo; e ordena, como um general, que os mor-

teiros de trincheira « marchem mais depressa »...

É um nunca acabar, o nosso tiroteio... Os alemães não repostam. O cabo enraivece-se. Deixa a esquadra, n'um salto brusco de doido; eleva-se ao rebordo da trincheira; e, com espanto de todos, corre para os « boches », como n'uma maratona febril.

— « Vou vêr o que ha » — diz ele, partindo.

Durante dez minutos, a expectativa é horrível. Os alemães atiram sobre o vulto negro, que avança para eles.

— « Foi, decerto, morto, o doidivanas » — exclama-se, tristemente :

— « É p'ra não ser « crioso » » — comenta o que fôra repreendido.

Mas o cabo, ofegante, esbaforido, quasi exanime, volta, minutos depois, entre o sibilar das balas, desce á trincheira, ás apalpadelas, e mostra, nas mãos a abanar como ramos de loireiro, cinco granadas e uma tesoura de cortar fios de ferro que capturara no terreno alemão!

— « Vejam a prova de que os fui vêr » — diz ele, a tremer, não de medo, mas de cansaço.

— « Dá cá um abraço, ó Quim »! — diz o sargento, que, momentos antes, tinha deliberado castigal-o — se ele voltasse.

E o cabo, enquanto os « boches » continuavam a perseguil-o inutilmente, contava como realisára a « passeata noturna »...

Restabelece-se o socego — o socego aparente e ameaçador das trincheiras.

— « Vamos descançar um pouco » — diz o sargento, que supunha « tudo acabado ». Mas a doidice do cabo estimulara a ardencia dos « boches ». Alguns soldados crêem ouvir os alemães a rastejar nas hervas sêcas. Dá-se o sinal d' « álerta! »

— « Schut! » — impõe o sargento.

O oficial de ronda vê, com agrado, que toda a gente está, como de costume, no seu lugar. Mas os « boches » não insistem.

— « E' talvez algum dos... cães que eles mandam, por eles », lembra um soldado.

E, como o silencio se prolongasse até ao romper d'alva, foi, enfim, dada a ordem de descanso — o que quer dizer de não fazer fogo.

Os alemães haviam premeditado este silencio. As metralhadoras da trincheira inimiga esvazam agora o seu conteúdo sobre o nosso terreno, que volta a ser defendido com denodo. Era o toque de matinas da guerra. Era a batalha de todas as noites, que tinha sido adiada. O cabo explorador tinha-lhes « gana ». Operou prodigios de valentia e sangue-frio. Os nossos rapazes bateram-se, como sempre, com brio, dando á manivela das metralhadoras e puxando o « fio » dos morteiros rapidos. Os « boches » não saíram da trincheira.

Entretanto, vê-se cambaleiar um dos nossos sinaleiros, que tinha sido atingido na cara por um estilhaço d'obuz. O sargento ordena :

— « Sirva-se immediatamente do penso individual e deixe o serviço. »

— « Quando isto acabar, meu sargento, » — diz o sinaleiro, continuando tranquilamente a trabalhar.

E os primeiros raios do sol nascente vieram iluminar o quadro épico. Tínhamos, além do sinaleiro, outros soldados feridos e alguns mortos.

E, como é costume, todas as manhãs, os nossos invencíveis « serranos » foram tratar dos vivos e enterrar os mortos....



CAPITULO XXIX

No fragor da batalha. Uma bateria historica.

Na dinamica da guerra, o nosso sector foi atraído, empurrado, arrastado para a frente de combate, pelas forças coucetricas da ofensiva geral iniciada pelos nossos aliados. Sofremos, por compressão, a « telescopagem » do imenso choque. Passámos, como todas as unidades combatentes, da fase preparatoria inicial para a fase violenta e decisiva da ação. Batemo-nos, a valer. Batemo-nos, até, — é curioso dizel-o, — com o exercito comandado pelo principe Ruprecht, da Baviéra, viuvo da princeza Gabriela, filha da Infauta de Portugal, D. Maria José de Bragança.

Estamos positivamente no zenith do nosso esforço. E é, decerto, desnecessario dizer como

nos batemos, ou, melhor m'expressando, como nos continuâmos a bater.

Uma das nossas baterias d'artilharia de campanha visa o inimigo, com a regularidade cronométrica que se sabe. Os alemães repositam, sem vigor. E' assim que procedem — toiros matreiros — quando premeditam ataques energicos como este.... De repente, um aeroplano inimigo atravessa as nossas linhas, e anuncia a sua passagem lançando uma « marmita » de 150 sobre os nossos artilheiros.

A nuvem de fogo passou... sem novidade.... O learo alemão vôa, a todo o pauco, para o campo teutonico, a comunicar a feliz... descoberta.

Momentos depois, a nossa posição comêça a ser alvejada sistematicamente pela artilharia inimiga. O chão que rodeia a nossa bateria comêça tambem a ser marcado, em circulos sobrepostos abertos no solo flacido, pelas balas alemans. O capitão que comanda a bateria, deixa o telefone e vai dirigir o tiro, junto das péças. Já se não trata apenas d'um fogo de reconhecimento, sem consequencias graves. Os alemães atacam, a valer, a nossa bateria,

« fixada » pelo avião que a *marmitára*.... Dez, vinte, trinta, quarenta projéteis rebentam sobre o nosso posto. Os nossos « 75 », ainda sem abrigos, ostentam-se ao sol, brilhante com a valentia dos serventes das peças; e... continuam a dar provas da coragem de quem os maneja. Estão em campo descoberto, sem disfarce, e poderiam mudar de posição. O alemão não compreenderia, agora, esse gesto. A bateria não desampara o sítio onde foi vista pelo aeroplano inimigo.

« Bru... u... u... u...!,... » Pam! « Pam »!...

Uma granada atinge; uma das peças e destruiu, em parte, a respectiva carreta.

Dois ou trez soldados estão feridos. O terreno adjacente é um crivo fumegante, onde, como nos jogos orientaes, os artistas de morte que são os alemães, ensaiam os seus « golpes » repétidos.

Mas nenhuma das nossas peças se cala. Nenhum dos nossos homens se queixa. O momento é solene. O fogo continúa.... Tiro por tiro, os « Boches » teem já a sua conta. Os wagonetes de munições chegam regularmente. E, quando não chegam, os nossos soldados vão,

a correr, buscar o terrível combustível da nossa fogueira defensiva. E' esplendido o espectáculo! Alguns dos nossos tem a figura e os uniformes a escorrer sangue... e continuam a fazer fogo, como se estivessem a manobrar... em Tancos.... A voz de comando não titubia, não hesita, não treme. Ela é firme como o braço dos homens que a cumprem. Nem uma imprecação, nem um gesto furtivo de temor.... Mas o terreno cede perante a pressão das balas inimigas, e algumas das nossas peças resvalam nas concavidades produzidas pelos « obuzes ». Os nossos soldados, carinhosamente, dedicadamente, rodeiam-nas; deitam os braços possantes sobre elas como sobre criaturas queridas que agonisam; levantam-nas; empurram-nas; elevam-nas até á superfície horizontal; e continuam a falar, por aquélas bocas vingadoras, ás hordas infames que as atacam....

— « Ah! cachorros! », brada um dos moços, que se esfalfa a fazer girar as rodas entravadas na lama. Mas a peça é colocada em frente do inimigo, e o fogo continúa, regular, vivo, certo, fulminante....

Os alemães, que estão apenas a umas centenas de metros, julgam aperceber, n'este movimento dos nossos homens, o sinal do triunfo do seu ataque; e deixam d'atirar... momentaneamente. Esta suspensão da terrível actividade « boche » mais anima, ainda, os nossos soldados, que continuam a expelir granadas com a maior impetuosidade. Parece, agora, que os alemães, por este facto ou por terem julgado finda a sua missão, descem aos abrigos ou abandonam as peças. Os nossos atiram sempre... sempre....

— « Démos cabo d' « êles » — afirma um dos artiheiros.

— « Pela certa », confirmam os outros.

E o inventario da refréga coméça.

Um dos nossos officiaes está bastante ferido; mas chama suór ao sangue e felicita um cabo que mais se distinguira durante a luta.

Depois, forma-se a bateria, em linha de combate, com os destroços do que resta, bem ao sol, bem á vista do inimigo, para lhe mostrar que nos não rendemos; e, quando os reforços chamados pelos sinaleiros chegam, o

insigne oficial que dirigiu o fogo, exclama para o camarada que o vem cumprimentar :

— « Isto não foi nada, afinal ; não temos nem uma peça perdida nem um homem morto »....

E os rapazes, em roda das peças mutiladas, cantarolam, enxugando o suor e o sangue, com as mãos calosas,...

O capitão comandante da bateria, belo como o seu nome e como a sua coragem — ele chama-se Beleza ! — dirigiu-se, tranquilamente, para o posto de comando, a redigir o relatório da operação... diária, — porque a isto se chama cá no « front », *não haver coisa alguma*....

Só há « qualquer coisa », quando a infantaria se bate, em grande numero.

Soube, porém, horas depois, que este oficial e alguns dos seus soldados foram *obrigados* a recolher ás ambulancias, para tratar-se dos gravissimos ferimentos recebidos....

Este emocionante episodio cavalheiresco foi-me contado por um coronel inglez. O general

da brigada britânica limitrofe do nosso sector, propôz a « military medal » para o nosso valente capitão. E' provavel que, alem da citação do facto historico no « Boletim » dos nossos exercitos em campanha, o áto heroico d'estes soldados e d'este official seja premiado por forma mais condigna. Este episodio historico é, porém, desde já, um auspicioso, um acentuado prenuncio de gloria....

E a série... das proezas lusitanas continúa....

APENSO

**A RESENHA OFICIAL
DO HEROISMO PORTUGUEZ**

APENSO

A RESENHA OFFICIAL DO HEROISMO PORTUGUEZ

O Ministerio da Guerra, de Lisboa, publica os documentos seguintes, que são a síntese mais perfeita dos episodios de guerra narrados n'este livro. Desvendam-se aqui — o que nos não fôra permitido — os nomes dos protagonistas do grande drama que se está desenrolando em terras de França. E estas certidões para a Historia são o corolario do nosso esforço de propaganda e o comentario definitivo dos atos de coragem que eu acabo de presenciar nos campos de batalha. Fica assim aberto o rol d'honra da Cruzada portugueza do seculo XX. Eis a primeira lista (1) :

(1) O primeiro comunicado official do exercito portuguez que se bate em França foi publicado em 17 de Agosto de 1917.

**Officiaes e praças citados em ordem
do C. E. P. e de divisão e em relatorio
de combate, por Feitos Militares.**

1.º cabo n.º 227 de artilharia n.º 2, Abel Olivença de Almeida, soldado n.º 452 Adelino Tavares, soldado n.º 575 João Antunes Neves, soldado n.º 572 Abilio R. Pereira e soldado n.º 455 Augusto Pita.

Fazendo parte da guarnição da 1ª peça, demonstraram serenidade e firmeza quando uma granada alemã derrubou sobre a peça e sua guarnição uma grande pernada de arvore, que a feriu, sem que tal facto fizesse interromper os serviços, e pela decisão e energia manifestadas, juntamente com os seus camaradas da guarnição, em apagar, com as proprias mãos, o incendio que outra granada fez atear nos panos que mascaravam a peça, auxiliando tam-

bem a retirar as munições que se achavam perto.

1.º cabo servente (hoje 2.º sargento) nº 414 de artilharia 2, Eugénio Gaspar dos Santos.

Na noite de 7-8 de Junho de 1917, por ocasião de certo bombardeamento a que esteve sujeita a sua bateria, durante 2 horas e 10 minutos, o cabo, que era apontador da 3.ª peça, revelou excepcionaes qualidades de serenidade e iniciativa, coragem e abnegação.

Com quanto coberto por vezes pela terra levantada pelo rebentamento das granadas e exposto aos seus estilhaços, manteve-se sempre atento á verificação dos elementos de tiro, aguardando apenas o momento de fazer novo tiro. Por sua iniciativa, corrigiu, serena e rapidamente, o desnivelamento nas rodas da peça e cuidou da arrumação das munições.

A sua abnegação é bem demonstrada pelo seu porte e pelo seguinte dito dirigido ao comandante da bateria :

— « Meu capitão, morremos todos, mas primeiro está a infantaria », frase que exprime, além d'isso, a nitida compreensão do dever a cumprir.

Capitão de Artilharia 2, José Maria Beleza dos Santos.

Manifestou a maior serenidade, coragem, sangue frio e abnegação, no comando da sua bateria na noite de 7 para 8 de junho durante o bombardeamento de 2 horas e 10 minutos, tendo sempre, n'este lapso de tempo, as guarnições nos seus postos, apesar de expostas aos efeitos dos estilhaços das granadas de varios calibres que perto d'elles rebentaram, prestando assim eficaz auxilio á nossa infantaria, que o havia solicitado e dando a essas guarnições, com o seu procedimento, um belo exemplo de abnegação, firmeza e disciplina.

Alferes miliciano de infantaria 21, Alberto Higino da Ponte e Sousa.

Tendo sido ferido ligeiramente na manhã de 7 de junho por um estilhaço de granada, voltou imediatamente para o seu posto na 1.^a linha e, tendo sido este atacado, na tarde do mesmo dia, por patrulhas inimigas, foram elas rapidamente repelidas, devido ás suas acertadas medidas, serenidade e sangue frio, apesar de ter sido bastante ferido no braço direito.

Alferes miliciano de infantaria 21, Armando Artur Barbosa da Fonseca Cardoso.

Tendo sido atacado, na noite de 12-15 de junho, por granadas de gaz asfixiante o posto que comandava e forçado a ir receber socorros medicos, por se encontrar intoxicado, conduziu aos hombros, desde a primeira linha ao posto de socorros, o soldado n.º 121, da 2.^a companhia do referido batalhão, que encontrou ferido,

evidenciando assim um elevado espirito de sacrificio e dedicação pelo seus subordinados.

2.º sargento n.º 451 da 5.ª companhia do batalhão de infantaria 54, Antonio Pinto.

Fazendo parte da guarnição d'um posto que foi atacado por uma patrulha inimiga e tendo-se encravado a metralhadora que o guaruecia, repeliu a patrulha por meio de granadas de mão, lançando cêrea de 60; e ainda, tendo visto, na noite de 15-14 de Junho, cair junto d'uma trincheira de comunicação abandonada, que da nossa linha se dirige para a do inimigo, algumas granadas, e supondo achar-se ali abrigada alguma patrulha inimiga, avançou para a dita trincheira, mostrando assim coragem, decisão e sangue-frio.

1.º sargento n.º 485 de infantaria 54, Amilcar Batista Ribeiro.

Sendo comandante d'uma guarnição de me-

tralhadoras, que, por ordem do comandante de pelotão, que apoiava, retirou para a segunda linha, vendo que tinham ficado na primeira linha duas caixas com munições e as espingardas dos serventes, voltou, sózinho, á frente, debaixo de intenso bombardeamento, transportando as duas caixas e as espingardas, mostrando desprezo pelo perigo e, no desejo satisfeito de não abandonar armamento e munições, o maior zelo e dedicação pelo serviço.

2.º sargento n.º 406 de artilharia 2, Alberto Matias.

Sendo chefe da 1.ª secção da 2.ª bateria, deu provas de serenidade e abnegação durante o intenso bombardeamento a que a sua bateria esteve sujeita na ocasião do combate de 7-8 de Julho, sendo a sua secção duramente experimentada.

Soldado n.º 858 da 4.ª companhia do batalhão de infantaria 54, Antonio dos Santos (atualmente 1.º cabo).

Devido á sua ativa vigilancia na noite de 22-23 de Julho, presentiu a aproximação de uma patrulha inimiga, e, em seguida a dar o alarme ao seu posto, saltou o parapeito, carregando, com energia e decisão, sobre cinco soldados inimigos, com quem travou combate, ferindo um d'elles e trazeudo-os, na ponta da baioneta, prisioneiros até ás nossas linhas, debaixo de um fogo vivo de fuzilaria á granada de mão.

2.º cabo n.º 440 da 1.ª companhia do batalhão de infantaria 24, Augusto Pedro Duarte (atualmente 2.º sargento).

Comandando um pequeno posto na 1.ª linha do sector atacado na noite de 12-13 de julho, e tendo recebido ordem para retirar, conduziu, á voz, o seu grupo, devidamente organisad_o

debaixo de forma, para a 2.ª linha, seguindo sempre pelo sitio mais exposto; e como, ao chegar a esta linha notasse que parte do grupo retirava apressadamente, fel-o entrar de novo debaixo de fórma, para o tornar a levar á 1.ª linha, ao que obsteu o comandante do pelotão.

Repetindo-se o bombardeamento, não retirou com o grupo, apezar de quasi destruido o parapeito, limitando-se a deslocar e abrigar as praças sob o seu comando, enquanto ele, com a maior serenidade e sangue frio, em frente da brecha, observava o terreno, retirando só depois de ordem expressa do comandante do pelotão.

Este cabo já se tinha salientado pela ação disciplinadora que exercia no seu grupo e pela muita energia e coragem com que afrontava o perigo.

1.º cabo n.º 597 de infantaria 22, Manuel Alves.

Por ocasião do combate de 11-12 de agosto cobriu com o fogo da sua metralhadora a reti-

rada da companhia da 1.ª linha, só abandonando a posição depois d'aquela retirar e de se terem exgotado as munições.

Alferes Armando do Patrocinio Guedes e Joaquim de Oliveira Leite, ambos de artilharia 2.

Fazendo parte da 2.ª bateria do 1.º grupo (artilharia 2) mostraram, durante o bombardeamento, de 2 horas e 40 minutos, a que esteve sujeita a bateria na noite de 7-8 d'agosto, serenidade, coragem e abnegação, pois acompanharam e auxiliaram o comandante da bateria em manter as guarnições sempre na melhor ordem e disciplina nos seus postos, apesar do risco a que estiveram expostas durante o periodo do bombardeamento.

INDICE

	Pag.
NOTA DO EDITOR	5
PREFAÇÃO	9

PARTE I

Na Frente Britânica.

CAPITULO I

A Caminho do sêtor Portuguez. Privando com inglezes	15
---	----

CAPITULO II

Na rétaguarda do exercito britânico. Utilisação sistematica dos prisioneiros	19
--	----

CAPITULO III

Os tumulos das trincheiras e a heroicidade feminil.	27
---	----

CAPITULO IV

A fornalha devoradora da guerra. Uma excursão impressionante e movimentada	53
--	----

	Pag.
CAPITULO V	
A caminho d'um aêrodrômo modelo. O sentido visual dos exercitos. Dois ensaios d'aviacão gorados. . .	51
CAPITULO VI	
Paisagem de guerra. As novas Pompeias. O reduto de Sars e as religiões do Odio e do Amor.	65
CAPITULO VII	
O esforço britânico. Quadro comparativo das forças inglezas de terra e mar, desde o começo da guerra. O orçamento e os impostos	71
CAPITULO VIII	
Um correspondente de guerra que cõe no seu posto. A esbelta e audaz figura da vitima.	77
CAPITULO IX	
Visita aos campos de batalha d'onde o inimigo foi há pouco expulso. Dez kilometros de trincheiras em profundidade.	85
CAPITULO X	
Jorge V visita os seus exercitos. A apoteose das novas maquinas de guerra.	101
CAPITULO XI	
O rei d'Inglaterra em França. O cortejo real na zona dos exercitos. Os reis do Espaço.	111

PARTE II

Na Frente Portugueza.

	Pag.
CAPITULO XII	
Aspétos das rétaguardas. A esplendida attitude dos soldados portuguezes	121
CAPITULO XIII	
O primeiro contacto com os nossos combatentes. O soldado e o official. A ressurreição do heroismo nacional.	127
CAPITULO XIV	
A maravilhosa predisposição das nossas tropas. « Croquis » dos campos d'instrução e de batalha. . . .	157
CAPITULO XV	
Reminiscencias de gloria. O exercito portuguez d'hoje e o de há um século. A « Leal Legião Lusitana » e a « Legião Portugueza »	145
CAPITULO XVI	
O Ministro da Guerra Portuguez aprecia, <i>de visu</i> , o seu meritorio trabalho. Brilhante attitude das tropas portuguezas	149
CAPITULO XVII	
Os « serranos » em plena ação. O que eles dizem, o que fazem e o que pensam	159

	Pag.
CAPITULO XVIII	
Junto das nossas trincheiras. A consagração universal do exercito portuguez	175
CAPITULO XIX	
Os bastidores da guerra. Da zona dos exercitos ao nosso sêtor.	185
CAPITULO XX	
Os serviços de saude do Corpo Expedicionario portuguez.	195
CAPITULO XXI	
Os combates de todas as noites. Maravilhosos fogos d'artificio	211
CAPITULO XXII	
O grande chefe. Entrevista com o general Tamagnini.	225
CAPITULO XXIII	
O rei d'Inglaterra sauda o exercito portuguez. Uma consagração historica	257
CAPITULO XXIV	
Palavras de Soberano. Entrevista com o Rei d'Inglaterra. Jorge V e os seus generaes apreciando o esforço portuguez.	245
CAPITULO XXV	
Como se guardam as trincheiras. As novas fases da grande luta	255

INDICE.	327
	Pag.
CAPITULO XXVI	
Em face do inimigo. O portuguez « soldado moderno ».	265
CAPITULO XXVII	
A odisséa lusitana. A escola d'heroismo das nossas trincheiras. Em plena luta, durante a noite. . . .	279
CAPITULO XXVIII	
Um combate noturno. Intermitencias da luta	295
CAPITULO XXIX	
No fragor da batalha. Uma bateria historica	305
APENSO	
A resenha oficial do heroismo portuguez	315



DISPOSIÇÃO DAS GRAVURAS

	Pag.
O rei d'Inglaterra na crista de Vimy, d'onde partiram para o sector portuguez	89
O general Gomes da Costa.	129
Os campos d'instrução.	152-155
Uma companhia descansando.	215
O General Tamagnini	227
O Rei d'Inglaterra.	247
As escolas « de gaz » e de treino.	281

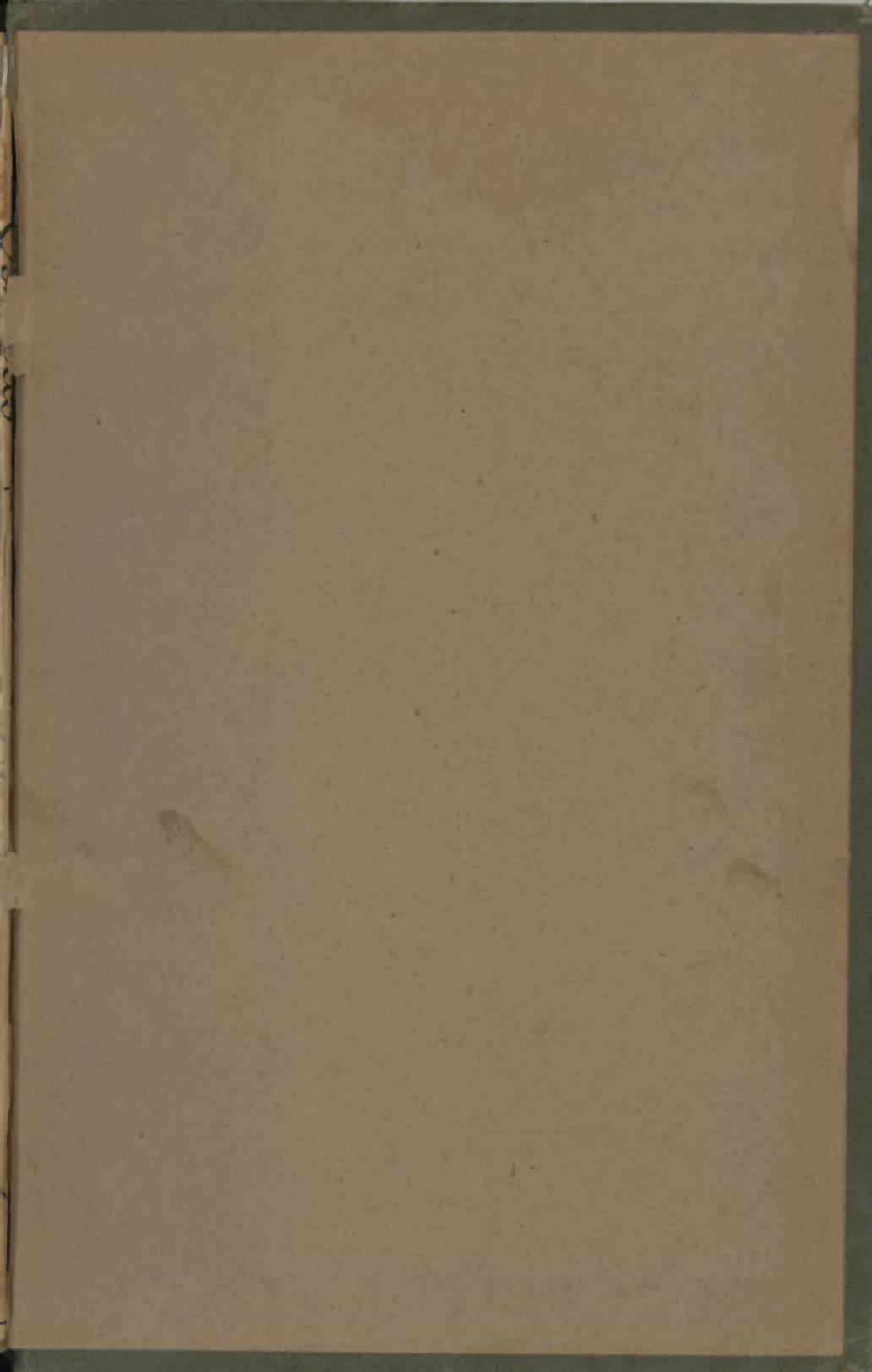
ACAROU D'IMPRIMIR-SE
ESTE LIVRO EM 8 DE SETEMBRO DE 1917,
NA IMPRENSA LAHURE,
9, RUE DE FLEURUS, EM PARIS.

H. G.
29346

FIM

Ferris

802



NB



EFG0000167722